

NOTAS DE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Índice Geral

- PRIMEIRA INTRODUÇÃO. POR QUE ESTUDAR FILOSOFIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO?
- SEGUNDA INTRODUÇÃO. SITUAÇÃO HISTÓRICA DO MUNDO ANTIGO.
- O INÍCIO DA FILOSOFIA NA GRÉCIA.
- A CONTEMPLAÇÃO DA NATUREZA NOS PRIMEIROS PRÉSOCRÁTICOS.
- PITÁGORAS.
- PARMÊNIDES. PRIMEIRA PARTE.
- PARMÊNIDES. SEGUNDA PARTE.
- FILOSOFIA E EDUCAÇÃO EM ATENAS NO ANO 450 AC.
- ZENÃO x SÓCRATES.
- OS SOFISTAS.
- SÓCRATES.
- PLATÃO.



PRIMEIRA INTRODUÇÃO. POR QUE ESTUDAR FILOSOFIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO?

Índice

Capítulo Único



SEGUNDA INTRODUÇÃO. SITUAÇÃO HISTÓRICA DO MUNDO ANTIGO.

Índice

[Prólogo](#)

[Primeira Parte](#)

[Segunda Parte](#)

[Terceira Parte](#)



O INÍCIO DA FILOSOFIA NA GRÉCIA

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

Capítulo 16

Capítulo 17



A CONTEMPLAÇÃO DA NATUREZA NOS PRIMEIROS PRÉSOCRÁTICOS

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)



PITÁGORAS

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22



PARMÊNIDES, PRIMEIRA PARTE

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)



PARMÊNIDES, SEGUNDA PARTE

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35



FILOSOFIA E EDUCAÇÃO EM ATENAS NO ANO 450 AC

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29



ZENÃO x SÓCRATES

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28



OS SOFISTAS

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21



SÓCRATES

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23



PLATÃO

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

Capítulo 17

Capítulo 18





NOTAS DE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Primeira Introdução. Por que estudar Filosofia e História da Educação?

Capítulo Único

Vocês que estão aqui presentes serão, daqui a alguns anos, professores. Escolheram livremente dedicarem suas vidas ao Magistério e é de presumir-se que o fizeram porque tem amor ao ensino. Daqui a alguns anos ser-lhes-ão confiados alunos desejosos de aprender pelos motivos os mais diversos, ainda que nem sempre pelo amor ao saber, e talvez possa caber a vocês despertarem em seus alunos esta vocação. De qualquer maneira, considerando as poucas vantagens materiais que o Magistério oferece atualmente, se nem sempre os alunos se dedicam ao aprendizado por verdadeiro amor ao saber, é provável que muitos, ou pelo menos alguns dos futuros professores tenham pelo menos um gérmen, uma semente do verdadeiro amor ao ensino.

É bastante provável, por causa disso, que verifiquem, ao iniciarem suas carreiras como professores, que as condições, o modo, o método pelo qual pais, alunos e diretores esperam que vocês ensinem não sejam os ideais para se obterem os resultados que se espera que o professor alcance. Irão, pois, querer melhorar; irão propor algumas pequenas mudanças, destas que são permitidas a cada início de ano escolar a todo professor, tais como mudar o livro texto, mudar o sistema de avaliação, mudar a didática das aulas. Mesmo assim, é possível que o resultado ainda deixe muito a desejar. Talvez então venham a perceber que o problema é mais profundo, que talvez não se trate apenas de uma questão de métodos, mas também de objetivos.

Todo professor pode mudar os objetivos a perseguir no início do ano letivo, dentro de certos limites. Mas ir mais além destes

já não seria possível, porque o professor está vinculado, em seu trabalho, ao trabalho de todos os demais professores que seus alunos já tiveram, que estão tendo e que terão no futuro, dos quais, embora não saibamos de antemão os seus nomes, já sabemos aproximadamente o que irão ensinar aos nossos alunos. Assim, os objetivos do ensino no curso primário estão vinculados aos objetivos do ensino na Universidade e vice versa. Ainda que a professora primária não se aperceba disso e ainda que a maioria dos seus alunos não cheguem mesmo aos cursos superiores, o ensino que ela é chamada a ministrar depende da concepção e dos objetivos que estão por trás do ensino superior, e de muitas mais coisas que parecem estar aparentemente além da função da professora primária propriamente dita. Para reelaborar ou mesmo aprimorar os objetivos do ensino primário seria necessário, portanto, reelaborar os objetivos do sistema educacional como um todo. Poderíamos então perguntar se isto não poderia ser feito. Se não seria possível propor uma concepção mais aprimorada para o sistema educacional vigente.

Para responder a esta pergunta, devemos primeiramente observar quatro pontos, quatro aspectos que esta questão nos coloca e que ao mesmo tempo servirão para nos dar um primeiro, mas ainda pequeno, vislumbre do motivo pelo qual estudar Filosofia e História da Educação para a formação dos futuros professores.

Em primeiro lugar, antes de propor uma nova concepção e novos objetivos para o sistema educacional vigente, deveremos perguntar se realmente sabemos quais são as concepções e os objetivos do sistema de ensino vigente no momento. Surge aí uma primeira dificuldade e uma inesperada surpresa. Na sociedade moderna praticamente ninguém e nenhum educador saberá responder exatamente a esta pergunta. Ninguém sabe ao certo qual é o objetivo exato que o sistema educacional vigente persegue. Pode parecer estranho que se faça uma afirmação destas, ainda mais porque a Lei de Diretrizes e Bases da Educação tem uma justificação oficial de motivos. Ademais, haverá ainda muitos outros que irão supor que podem responder a esta pergunta. Mas, examinando mais detalhadamente estas respostas, mesmo que seja a dos autores da Lei de Diretrizes e Bases, submetidas a um exame mais rigoroso, iremos verificar que estas não são respostas

realmente satisfatórias. O sistema de ensino tal como existe hoje é em grande parte produto de forças históricas, econômicas e sociais que nem sempre operaram de modo consciente. De alguma maneira, o sistema atual de ensino é este porque é isto que a sociedade em seu conjunto exige. Para entendermos porque ele é assim e não diferente, e portanto, poderemos pensar mais realisticamente em modificá-lo a fundo, devemos então primeiro compreender como ele se desenvolveu até chegar a este ponto; e esta história, conforme veremos, tem aproximadamente, no nosso caso, cinco mil anos de duração.

Em segundo lugar, não basta compreender por que o ensino é o que é; é necessário também sermos capazes de compreender o que ele poderia ter sido ou como ele poderá ser. Esta questão já não é mais histórica. Considerada em pequena escala, considerada apenas em alguns aspectos, esta questão poderá ser talvez um problema de didática, um problema de psicologia do aprendizado, ou de qualquer outra disciplina técnica pedagógica. Mas, considerada em toda a sua amplitude, a mesma questão passará a ser um problema fundamentalmente filosófico. Vamos tomar um exemplo para ilustrar. No ensino nós formamos o homem; haverá também quem pense que no ensino formamos igualmente a futura sociedade. Vamos deixar este segundo aspecto de lado e ficar apenas no homem. No ensino nós formamos o homem. O objetivo do homem é aquilo que é bom para o homem. Se é assim, porém, o que é que é bom para o homem? Para respondermos a esta pergunta, teremos que responder primeiro o que é o homem. A questão do objetivo do ensino, assim, depende da questão da concepção do homem e esta é uma questão filosófica. Qualquer educador que não perceber isto claramente, ao propor qualquer reforma do ensino, fatalmente irá apresentar apenas reformas de métodos, nunca de objetivos. Para propor uma reforma mais profunda, uma reforma que seja uma contribuição e um progresso substancial para a sociedade, o educador terá que compreender primeiro claramente qual é a concepção de homem que está implícita no sistema vigente; depois, terá que compreender claramente quais seriam outras possíveis concepções de homem; deverá também saber discernir qual delas representa um progresso em relação às outras; somente a partir daí poderá propor uma melhoria essencial na Educação.

Ora, todas estas questões são questões filosóficas. Vemos,

portanto, que a Filosofia está longe de ser apenas uma diversão de espírito para o educador. Ao contrário, é a própria base sobre a qual se assentam as possibilidades de um verdadeiro progresso para o ensino. Enquanto o educador não se torna filósofo, ele é simplesmente um instrumento inconsciente, quase que como um autômato controlado pelas leis da Educação que, por sua vez, estão entregues à mercê de forças históricas as quais muitas vezes, sob o disfarce do desenvolvimento tecnológico, podem não ser mais do que a expressão de instintos primitivos da natureza, da simples luta pela sobrevivência, em vez de uma verdadeira busca de uma plena realização do homem.

Ao chegarmos a este ponto, entra porém em cena uma terceira dificuldade. Perguntamos por uma concepção de homem. Que seria isto, diremos nós, senão perguntar coisas do seguinte tipo: O que é o homem? Por que ele existe? Com que finalidade ele existe? Ora, se é isto mesmo, então parece que estas perguntas não têm resposta. Nenhum de nós sabe respondê-las. Se perguntarmos aos nossos conhecidos, aos nossos vizinhos, ao motorista do táxi, ao jornaleiro, ao político, ao professor, também não o saberão dizer. Se abrirmos o jornal, a revista semanal, se ligarmos o rádio ou a televisão, também não iremos encontrar nenhuma resposta. Se insistirmos e exigirmos de todas estas pessoas que respondam, nos darão respostas infantis, respostas que não saberão justificar e das quais elas próprias não têm certeza. Ademais, nunca ouvimos falar que tais respostas tivessem sido dadas, dirão vocês. A conclusão que parece se tirar daí é que tais respostas não existem e que talvez nem possam existir.

Que se poderá a estas dificuldades? No momento, apenas que um estudo mais aprofundado é capaz de mostrar que houve na História grandes mestres de Filosofia que tentaram responder seriamente a tais perguntas e que, independentemente do problema de se saber aqui se eles acertaram ou não, foram também capazes de justificá-las de modo incomum. E que, talvez devido à profundidade de suas respostas e às exigências particulares necessárias para compreendê-las, a grande massa da humanidade, aquela que justamente acabou organizando o atual sistema de ensino, não foi capaz de abarcá-las. O que significa que, se queremos examinar tais problemas, será de fato inútil perguntar tais coisas a colegas e a vizinhos, mas

deveremos primeiro nos aproximar e estudar estes grandes mestres com esforço e com paciência para procurar compreender bem a profundidade do que eles nos quiseram transmitir. Então talvez poderá surgir uma luz mais profunda em nosso espírito sobre os problemas da Educação.

Finalmente, em quarto lugar, queremos adiantar aqui que este mesmo estudo mais detalhado da História da Educação, paralelo ao da Filosofia, irá mostrar também que, apesar da pouca compreensão que não só as grandes massas como também os responsáveis pela Educação tiveram destes mestres, o trabalho destes grandes homens não foi totalmente em vão. A maioria dos pontos positivos que houve na Educação e na sociedade de todas as épocas, e inclusive na nossa, se deveu justamente àquele pouco que foi historicamente assimilado de suas obras. Desta maneira, apenas um conhecimento histórico não é suficiente para uma exata compreensão do estado atual da Educação. É também necessário um conhecimento paralelo de Filosofia, de outra forma a melhor parte, a parte mais nobre do desenvolvimento da Educação escapará totalmente de diante de nossa vista, assim como toda a gama de possibilidades que o trabalho do educador ainda pode ser chamado a desenvolver.

Com isto esperamos ter fornecido aos alunos alguma motivação preliminar com que ele possa entrever o quanto é importante para o futuro educador um conhecimento profundo de História e de Filosofia.





Segunda Introdução

Situação Histórica do Mundo antigo

Prólogo

Antes de iniciarmos nosso estudo de Filosofia e História da Educação temos primeiro que tentar compreender, ainda que resumidamente, a situação do mundo em que se iniciou a obra dos primeiros filósofos e educadores, porque é sobre a obra destes homens que se desenvolveu posteriormente a educação existente e porque, além disso, o mundo em que eles viveram foi em muitos aspectos bastante diferente do nosso, e não se pode compreender corretamente o que estes homens pensaram em fizeram sem compreender as situações que eles viveram.

Ora, a civilização em que atualmente vivemos, e a educação que nela desenvolvemos é apenas uma entre muitas que existiram e ainda existem. A civilização em que vivemos, porém, teve sua origem na fusão de três outras que houve na Antiguidade, que foram a civilização hebraica, a grega e a romana. Cada uma destas três civilizações teve origem independente da outra, mas, devido a um processo histórico que começou por volta do ano 2.000 AC e foi até a época do surgimento do cristianismo, acabaram se fundindo e formando a nossa civilização atual, dentro da qual se desenvolveu a educação que temos hoje.

Das três civilizações que deram origem à nossa, a mais antiga é a hebraica, que inicia sua história em 2.000 AC. A seguinte a aparecer foi a grega, cujas origens datam de 1.200 AC. Finalmente, a última, a Romana, iniciou sua história, segundo sua tradição, no ano 753 AC.

Vamos a seguir examinar sucintamente como elas nasceram, se desenvolveram e se integraram, e como dentre delas surgiu a filosofia. Não pretendemos fazer um relato completo, pretendemos apenas traçar um quadro dentro do qual se encaixará a seqüência das aulas que virão posteriormente, de

tal maneira que, depois, ao estudarmos os fatos em detalhes, os fatos que realmente interessarão ao estudo da filosofia e da educação, os alunos saibam situá-los sem muita dificuldade no tempo e no espaço, e consigam dar-lhes uma primeira avaliação de suas importâncias no contexto dos acontecimentos da época.

Vamos examinar primeiro a civilização hebraica, até a página sétima destas notas. Depois, a grega, até a décima segunda. Finalmente, a romana da décima terceira à vigésima quarta.





Primeira Parte

Para compreender o surgimento da civilização hebraica, cujo início data aproximadamente de 2.000 AC, é preciso saber que os primeiros relatos históricos, isto é, relatos escritos que temos do homem datam de pouco antes do ano 3.000 AC, mil anos, portanto, antes do início da história que propriamente nos interessa. O período anterior à época que se inicia com a escrita é chamado de período pré histórico.

Por volta do ano 3.000 AC havia três civilizações no mundo que conheciam a escrita, todas elas que se desenvolveram ao longo do curso de grandes rios: os Sumérios, os Egípcios e uma terceira recentemente descoberta que floresceu ao longo do rio Hindo na região do atual Paquistão.

Os sumérios estavam organizados em uma federação de cidades ao longo da Mesopotâmia, no lugar em que hoje fica o Iraque. É um lugar fértil, propício à agricultura, onde correm os rios Tigre e Eufrates. Os sumérios estavam organizados em cidades independentes, as quais, porém, tinham escrita, cultura e religião em comum.

Já os egípcios estavam submetidos ao poder absoluto de um único faraó, soberano de todo o Egito. A civilização egípcia floresceu ao longo do rio Nilo, graças também à facilidade que este rio propiciava à atividade agrícola.

Os grandes rios do Egito e da Mesopotâmia, favorecendo a agricultura, fizeram com que os habitantes destas regiões não precisassem deslocar-se constantemente para obter alimentos; o excedente de produção propiciado pela agricultura permitiu o aparecimento de outras classes sociais que podiam se dedicar ao estudo e às atividades do espírito.

A civilização hebraica tem sua origem assim em uma cidade do norte da Suméria chamada Ur. Por volta do ano 2.000 AC, aproximadamente, nela vivia um homem chamado Abraão, neto do tataraneto de Héber, de onde veio o termo hebreu. Segundo afirmam as Sagradas Escrituras, a principal fonte de conhecimento da história dos hebreus, o próprio Deus teria

ordenado a Abraão que fosse habitar uma terra situada entre a Suméria e o Egito com as seguintes palavras:

"Sai da tua terra e da tua parentela, e da casa de teu pai, e vem para a terra que eu te mostrar. E eu farei sair de ti um grande povo, e te abençoarei, e engrandecerei o teu nome, e serás bendito. Abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as nações da terra".

Gen .

12

Abraão, pois, abandonou sua terra e foi morar na terra de Canaan, atualmente Palestina ou Israel. Lá Deus lhe falou novamente que haveria de dar aquela terra à sua posteridade.

Abraão teve um filho chamado Isaac, e deste um neto chamado Jacó. Ambos habitaram a terra de Canaan levando uma vida

semi nômade como pastores. Quando Jacó, mais tarde, já tinha doze filhos, uma terrível fome assolou o mundo da época e o obrigou a se transferir para o Egito com os seus filhos, onde se estabeleceu na região da desembocadura do rio Nilo chamada terra de Gezem.

Os doze filhos de Jacó se multiplicaram de tal modo na terra do Egito que acabaram se tornando um povo dentro de outro povo; este povo foi chamado de hebreu ou judeu, sendo pois até hoje os judeus os descendentes de Abraão. A multiplicação do povo judeu em terras egípcias foi tão grande que o Faraó julgou que deveria submetê-los à escravidão para evitar um possível levante contra os egípcios. Este estado de escravidão durou aproximadamente até ao ano 1.200 AC, quando o judeu Moisés recebeu junto ao Monte Sinai uma ordem de Deus para se dirigir ao Faraó e exigir dele a liberdade para o seu povo.

Como o Faraó não aceitasse as exigências de Moisés, Deus enviou por meio dele aos egípcios as 10 pragas descritas no Êxodo, até que, após a décima, o Faraó cedeu e deixou o povo judeu partir. Atravessaram os judeus as águas do Mar Vermelho que se abriram ao toque do bastão de Moisés, e passando pelo leito enxuto do mar chegaram ao pé do Monte Sinai, onde Moisés recebeu a Tábua dos 10 Mandamentos.

Mas, além dos 10 Mandamentos Moisés estabeleceu uma longa legislação moral, judicial e cerimonial, que formou a base de toda a cultura hebraica posterior. Esta legislação, cheia de sabedoria e de padrões muito mais elevados do que de todos os povos da época, está contida nos cinco primeiros livros da Bíblia denominados em grego Pentateuco e em hebraico simplesmente de Torá, ou Lei.

Após receberem todas estas leis e caminharem durante 40 anos pelo deserto, os hebreus entraram finalmente na terra da Palestina da qual se apoderaram militarmente e passaram a nela viver. Durante cerca de duzentos anos viveram assim na terra de Canaan em uma confederação de doze tribos, correspondentes aos descendentes dos doze filhos de Jacó, neto de Abraão, sem rei nem governo central, unidos apenas pela descendência, e história comum e pelas leis que Moisés lhes havia estabelecido.

Aproximadamente no ano 900 AC a pedido do povo o profeta Samuel ungiu o primeiro rei dos judeus, chamado Saul, o qual se suicidou alguns anos mais tarde diante de uma batalha perdida.

Sucedeu-lhe o rei Davi, ungido também pelo profeta Samuel, que o escolheu entre os pastores do povo israelita. Foi Davi que conquistou a cidade de Jerusalém que, ao que parece, era bem antiga e datava desde antes dos tempos de Abraão. Davi instalou em Jerusalém a capital de seu reino.

Filho de Davi foi o rei Salomão, que construiu um imenso templo na cidade de Jerusalém, mas que cobrou pesados impostos de seu povo. Ao morrer Salomão, seu filho e herdeiro do trono, Roboão, anunciou que seus impostos seriam muito mais pesados. Mal aconselhado por seus jovens amigos criados junto com ele, suas primeiras palavras ao povo depois de assumir o trono foram:

***"Meu pai
vos impôs
um jugo
pesado, e
eu ainda
aumentarei
o peso
deste jugo.
Meu pai
açoitou-vos
com
correias, eu
vos
açoitarei
com
escorpiões".***

**1Reis
12,14**

Resultado imediato destas palavras foi uma revolução civil; as 10 tribos que viviam ao norte da Palestina se separaram e formaram o Reino de Israel sob o comando de Jeroboão; duas tribos ao sul, a de Benjamim e Judá, ficaram fiéis a Roboão e conswituíram o Reino de Judá. Embora Roboão dispusesse de 180 mil homens prontos para a guerra, desistiu de lutar contra o Reino do Norte e aceitou as coisas como estavam.

Enquanto isso, na Mesopotâmia muita coisa havia mudado. Na época em que Abraão havia se mudado de Ur para a Palestina, as cidades sumérias se uniram e formaram o Império da Babilônia; seu sexto rei Hamurabi legislou o famoso Código de Hamurabi, base de um império que durou em torno de um milênio. Por volta da época em que o povo judeu se dividiu em duas nações, Judá ao sul e Israel ao Norte, porém, um povo vindo da região situada ao norte da Mesopotâmia conquistou os babilônios e fundou o Império Assírio.

No ano de 721 AC os assírios cercaram durante três anos a capital do Reino do Norte de Israel, chamada Samaria, ao fim do qual deportaram os judeus do norte para o Mesopotâmia. No seu lugar vieram outros povos mesopotâmios que, miscigenando-se com a cultura local, fundiram o hebraico com línguas caldaicas, daí resultando a língua aramaica e um povo que passou a ser conhecido como samaritano.

Mais tarde caiu na Mesopotâmia o Império Assírio. No seu lugar surgiu o Segundo Império Babilônico. Este império invadiu o Reino do Sul de Judá e após outro certo de três anos à cidade de Jerusalém, capital de Judá, prendeu o "rei Sedecias, matou os seus filhos em sua prença, vasou-lhe os olhos e o levou para a Babilônia", juntamente com todo o povo do Reino de Judá (2Reis, 25). Queimaram também o templo construído em Jerusalém por Salomão, as casas e os edifícios de Jerusalém, e derrubaram os muros da cidade e o resto do povo que ainda tinha permanecido na cidade, deixando apenas alguns pobres agricultores.

O povo judeu do Reino de Judá, mais fiel à legislação de Moisés do que o Reino do Norte de Israel, ficou exilado 70 anos na Babilônia. Lá não perderam sua identidade cultural nem religiosa, nem se misturaram com os outros povos mesopotâmicos. Ao contrário, passaram a se reunir aos

sábados para lerem a Lei de Moisés; as casas em que estas reuniões eram feitas passaram com o tempo a constituir as primeiras sinagogas. Uma parte do povo começou a se dedicar ao estudo da lei de Moisés para poder comentá-la nestas reuniões; surgiram então os primeiros rabinos e, em torno deles, alunos que começaram a formar as primeiras academias de teologia. Nestas academias era proibido o uso de quaisquer livros além da Torá; todos os comentários dos grandes rabinos tinham que ser guardados de memória e passados de geração em geração, de professor a aluno, oralmente e com fidelidade.

Surgiram também na época que precedeu o exílio da Babilônia, durante o exílio e após o mesmo, os grandes profetas que marcaram a vida do povo judeu e deixaram livros escritos: Elias e Eliseu, que viveram no Reino do Norte; Isaías e Jeremias, que viveram no Reino do Sul, todos estes antes do exílio; Ezequiel, durante o exílio, viveu na Babilônia; e Daniel, da época posterior ao exílio, também viveu, embora judeu, como funcionário na corte do Império Persa.

Setenta anos após a deportação dos judeus para a Babilônia, em 521 AC, o rei Ciro dos persas conquistou o Império Babilônico e libertou o povo judeu para retornar a Jerusalém e reconstruírem a pátria. Também nesta época os persas conseguiram a façanha militar de, pela primeira vez na história, derrotarem as forças militares do Egito na batalha de Pelusa, levando exilados para a Mesopotâmia a corte do Faraó e todos os sábios do Egito. Foi isto o fim da civilização egípcia, que já tinha quase três milênios de duração.

Desta maneira, na História Antiga, houve duas regiões em que houve povos altamente civilizados, uma ao longo do rio Nilo e outra ao longo dos rios Tigre e Eufrates. Na primeira, os egípcios permaneceram estavelmente durante quase três milênios. Na segunda, assistiu-se à sucessão dos sumérios, dos babilônios, dos assírios, dos babilônios novamente e dos persas. Os persas, que sucederam os babilônios na Mesopotâmia, se tornaram a maior potência militar que a história tinha visto até o momento e donos de toda a Ásia, incluindo o Egito, o Oriente Médio, a atual Turquia, a Mesopotâmia e estendendo seu poderio até as regiões da Índia.

Durante toda esta época a história do povo judeu foi uma série

de vicissitudes entre as forças políticas dos egípcios e dos mesopotâmios. Quando, após a conquista da Babilônia e do Egito pelos persas, estes puderam voltar para a Palestina e reconstruir a cidade de Jerusalém e o Templo de Salomão destruído pelos babilônios, a maior parte do Antigo Testamento já havia sido escrito e foi então que começou a marcar presença no mundo a civilização grega, a segunda das três que compuseram a nossa a aparecer na história.

A fonte histórica para o conhecimento da civilização hebraica desta época é quase que exclusivamente a Sagrada Escritura. A história de Abraão, de seu filho Isaac e seu neto Jacó, e de sua mudança para o Egito está contada no livro de Gênesis, do capítulo 12 até ao fim.

A libertação do povo judeu do Egito feita por meio de Moisés é narrada no livro do Êxodo, do início até o capítulo 20.

As leis dadas por Moisés ao povo judeu, e sua estada de 40 anos no deserto é narrada no restante do livro do Êxodo, no Levítico, Números e Deuteronômio.

A conquista da terra prometida por meio de Josué, sucessor de Moisés no comando do povo judeu é narrada no livro de Josué.

Os primeiros dois ou três séculos em que os judeus viveram na terra de Canaan sem terem reis como governantes são narrados no livro dos Juízes.

A história do profeta Samuel e de como ele consagrou Saul como primeiro rei de Israel, juntamente com o relato de seu reinado encontra-se no primeiro livro de Samuel.

A narrativa do reinado de Davi que sucedeu a Saul e conquistou a cidade de Jerusalém encontra-se no Segundo Livro de Samuel.

O reinado de Salomão e a construção do templo de Jerusalém encontra-se nos onze primeiros capítulos do Primeiro Livro dos Reis.

A divisão do povo judeu no Reino do Norte de Israel e no Reino

de Juá ao sul até a conquista do Reino do Norte pelos assírios e do Sul pelos babilônios encontra-se no restante do primeiro livro dos reis e todos o Segundo Livro dos Reis.

Os setenta anos de exílio na Babilônia por parte do Reino de Judá não estão contados em nenhum livro da Bíblia; há referências a este período nos Salmos e nos livros dos Profetas.

A volta do exílio, a reconstrução de Jerusalém e de seu templo são narrados nos Livros de Livros de Esdras e Neemias.

As vidas dos profetas Elias e Eliseu encontram-se narradas dentro do Primeiro e Segundo Livro dos Reis; estes não deixaram escritos. Isaías encontra-se também no segundo livro dos Reis, mas ademais ele deixou-nos escritos um livro seu próprio. Quanto a Jeremias, Ezequiel e Daniel, a fonte para o seu estudo são os seus próprios livros.





Segunda Parte

A origem dos gregos é antiga, não tão antiga como a dos judeus, mas bem anterior aos acontecimentos que acabamos de narrar. Entretanto, é apenas por esta época, cerca de 600-500 AC, que eles passaram a ter importância no cenário dos acontecimentos mundiais. Até então, as verdadeiras forças políticas do mundo eram os egípcios e os povos mesopotâmicos.

O povo judeu politicamente era muito pouco importante; sua verdadeira grandeza estava nas idéias e nas leis contidas nos livros do Antigo Testamento, desconhecidas pelos povos da época, que iriam posteriormente revolucionar o mundo.

A origem dos gregos vem da Ilha de Creta. Por volta do ano 1.500 AC, quando os judeus eram escravos no Egito, desenvolveu-se nesta ilha uma civilização de marinheiros que construíam em Creta cidades famosas na antiguidade por não terem muralhas. A ilha de Creta era muito comprida e ao mesmo tempo muito estreita. Seus muros era a própria frota de seus navios. A civilização que nela se desenvolveu recebeu o nome de Minóica.

Na época em que Moisés recebeu as tábuas da Lei no Monte Sinai, cerca de 1.200 Ac, uma terrível explosão de um vulcão na Ilha de Santorini obrigou o povo cretense a fugir para o norte, fixando-se no sul da Grécia, num território chamado Peloponeso. Nele fundaram a cidade de Micenas e passaram a ser conhecidos pelos historiadores como povo micênico.

Por volta do ano 1.000 AC, pouco antes da época do rei Davi e Salomão, outro povo vindo do norte da Europa, chamado de Aqueus, invadiu a Grécia e obrigou o povo micênico a fugir novamente, espalhando-se pelo litoral da Anatólia, atual Turquia, para a Fenícia, atual Líbano, para a Sicília, ilha ao sul da Itália, e para a Etrúria, no norte da Itália, região onde atualmente fica a cidade de Pisa.

Por esta época foi escrito o primeiro clássico da língua grega, os poemas de Homero conhecidos por Ilíada e Odisséia. No

território da atual Grécia desenvolveram-se diversas cidades independentes, como Atenas, Esparte e Tebas, das quais as mais importantes foram Atenas e Esparta.

Esparta estava situada em uma Península grande que havia ao sul da Grécia chamada de Peloponeso. No ano 800 AC um membro da família real de Esparta, chamado Licurgo, que havia já ocupado o trono interinamente, após ter viajado por todo o mundo da época, voltou a Esparta e fez uma reforma política na cidade na qual instituiu pela primeira vez a educação por parte do governo às crianças, jovens e adultos. Era, porém, uma educação puramente militar, que viria a ser a característica da cidade na Idade Antiga.

Quanto à cidade de Atenas, nada tinha de especial em relação às demais cidades da Grécia até aproximadamente o ano 600 AC, quando Sólon, político ateniense, implantou uma reforma agrária e instaurou o regime de governo democrático mais arraigado que se tem notícia na história antiga. Foi justamente nesta época que surgiram os primeiros filósofos.

O primeiro filósofo de que se tem notícia foi Tales de Mileto, amigo pessoal de Sólon. Ele vivia na cidade de Mileto, cidade grega, embora não ficasse no território da atual Grécia, mas no litoral oeste da Turquia, a chamada Grécia Antólia na Antiguidade, um dos lugares para onde haviam fugido os povos micênicos quando da invasão dos Aqueus. Ao que parece, os primeiros conhecimentos de Tales de Mileto foram adquiridos de uma viagem de estudos que fez junto aos sábios do Egito. Nesta época, floresceram em Mileto e em suas proximidades outros filósofos famosos, como por exemplo Anaximandro de Mileto.

Próximo do fim da vida de Tales e Anaximandro, um jovem nascido na Ilha de Samos, situada entre o litoral da Grécia Anatólia e a Grécia propriamente dita, chamado Pitágoras, chegou à cidade de Mileto para estudar com estes sábios. Pitágoras, ao que parece, pois, foi discípulo de Tales e Anaximandro. Depois de ter estudado com eles, assim como seus mestres, dirigiu-se ao Egito onde ficou cerca de duas décadas estudando com os sábios daquela terra. Quando os persas derrotaram os egípcios e os levaram para o exílio na Mesopotâmia, e com isto a civilização egípcia chegou ao seu

fim, parece que Pitágoras, lá estudante, tinha sido levado junto. Na Mesopotâmia, onde nesta época as maiores civilizações do mundo antigo acabaram se reunindo, continuou estudando por mais uma década. Voltou então para o seu povo no sul da Itália, lugar para onde também os povos micênicos haviam fugido quatro séculos antes, e fundou pela primeira vez uma e depois várias outras escolas de filosofia em que os alunos ingressavam para se dedicarem aos estudos pelo restante de suas vidas.

Na época, pois, em que quase todo o Velho Testamento estava escrito e já tinham vivido a maioria dos maiores profetas de Israel, a filosofia grega estava ainda em sua segunda geração.

Foi então que os persas, que eram donos praticamente do mundo inteiro, quiseram invadir e conquistar também a Grécia. Por volta do ano 490 AC ela tentou por três vezes, com um exército fantástico de mais de um milhão de homens, subjugar os gregos. Por inacreditável que possa parecer, este exército e sua armada naval foram derrotados nas três tentativas pelos gregos graças a uma grande frota naval que os atenienses haviam construído com o principal propósito de se defenderem.

Após terminar a guerra, à diferença do que costumava acontecer com outros povos, um simples homem, chamado Heródoto, viajou pelo mundo inteiro às suas custas entrevistando pessoas e conhecendo locais, apenas para escrever um livro contendo para a posteridade a história das guerras dos gregos contra os persas. Seu livro, intitulado A História de Heródoto, em estilo fluente e cativante, era lido em praça pública em Atenas tal como há pouco tempo também se ouviam as novelas pelo rádio.

Acabadas as guerras contra os persas, Atenas não desmontou a sua frota. Em vez disso, utilizou-a para montar um imenso império comercial entre a cidade de Atenas e uma série de cidades chamadas colônias, fundadas pelos gregos pelo mar mediterrâneo maiores ou menos nos locais ou nas proximidades de onde tinham se instalado séculos antes os povos micênicos. Atenas assim tinha colônias comerciais na Grécia Anatólia (Turquia), na Fenícia (Líbano), nas Ilhas do mar Egeu, na cidade de Siracusa na Sicília, na cidade de Nápoles na Itália, originalmente chamada Neapolis, nome que em grego significa Nova Cidade, e no sul da França, território na Antiguidade

conhecido como Gália, a cidade de Marselha, também de fundação grega.

Nesta época governou a cidade de Atenas durante longos anos o grego Péricles. Foi a época de maior prosperidade entre os gregos, também conhecida como época de Péricles. Esta prosperidade não foi apenas material. Foi nesta época que apareceram os grandes arquitetos gregos, os grandes escultores, como Fídias, os grandes autores de peças teatrais, clássicas até hoje, como Ésquilo e Aristófanes. Todas as cidades gregas tinham teatros públicos em que se representavam constantemente peças teatrais acompanhadas de corais em que se abordavam os grandes problemas da época. Elas representaram para o povo grego aquilo que a televisão representa para o mundo de hoje.

Foi nesta época que entrou em Atenas o primeiro filósofo, chamado Anaxágoras. Até aquele momento a filosofia somente se tinha desenvolvido na Grécia Anatólia, originalmente, e no sul da Itália, por obra de Pitágoras. Anaxágoras entrou em Atenas vindo da Anatólia, fixou residência durante algumas décadas na cidade e teve como discípulo ao próprio Péricles, até ter sido expulso da cidade por um julgamento popular. Somente alguns anos mais tarde entraria novamente um filósofo em Atenas, na pessoa de Parmênides e Zenão de Eléia, estes vindos não da Anatólia, mas do sul da Itália, discípulos de alunos das escolas pitagóricas.

As guerras contra os persas se deram por volta do ano 490 AC. A prosperidade que se seguiu à vitória durou quase um século, durante a segunda metade da qual Péricles governou Atenas. Por volta do ano 400 AC a cidade de Esparta, com receio do poderio ateniense, começou uma guerra que se estendeu durante cerca de 30 anos entre Esparta e Atenas e ficou conhecida com o nome de guerra do Peloponeso.

Por inacreditável que possa parecer, os atenienses que haviam conseguido derrotar três vezes ao Império Persa, praticamente uma cidade contra o resto do mundo, perderam a Guerra do Peloponeso diante da cidade de Esparta, basicamente pela submissão das decisões da guerra à votação democrática que tinha se tornado lei na cidade. Tal como na guerra anterior, que

teve em Heródoto seu historiador, a guerra do Peloponeso foi narrada em livro pelo general Tucídides, que em sua infância havia passado longas horas ouvindo em praça pública a narração dos livros de Heródoto pela boca de seu autor. Esta obra, a Guerra do Peloponeso, é considerada a obra de historiografia mais perfeita da Antiguidade.

Foi alguns anos antes da guerra do Peloponeso que entraram em Atenas, vindos do sul da Itália, dois filósofos chamados Parmênides e Zenão. Ambos travaram profundos debates com um jovem ateniense chamado Sócrates, homem pobre, filho de uma parteira. Pouco tempo depois, Parmênides e Zenão se retiraram da cidade. Sócrates lutou depois disso na guerra do Peloponeso. Finda a mesma, começou a fazer discípulos, entre os quais estava Platão, jovem rico da alta política de Atenas.

No ano de 399 AC Sócrates foi condenado à morte e Platão, seu principal discípulo, a partir daí abandonou Atenas e a vida pública, passando a viajar pelo mundo em busca de conhecimento. Visitou entre outros locais o Egito e as escolas italianas dos Pitagóricos. Voltou depois para Atenas e fundou, inspirado nas escolas pitagóricas, em um bosque comprado de um homem chamado Academo, a primeira escola de filosofia que existiu em território ateniense. Ficou conhecida como a Academia de Platão, por causa do nome a quem tinha pertencido o terreno.

Foi aluno da Academia durante duas décadas o filho de um médico da corte do Rei Felipe da Macedônia, o jovem Aristóteles. Quando da morte de Platão, Aristóteles abandonou a Academia e fundou uma segunda escola de filosofia em Atenas, chamada Escola Peripatética, por causa das aulas que eram dadas em pórticos. Tanto a escola acadêmica como a peripatética não iriam morrer com os seus fundadores; quando da morte de Platão e Aristóteles, os alunos escolheram um sucessor dentre eles para estes mestres e desta maneira ambas as escolas duraram séculos. A Academia de Platão, em particular, durou quase um milênio.

Mas, dizíamos, Aristóteles era filho de um médico da corte do rei da Macedônia. Quem eram os macedônios? Era um grupo de povos que viviam ao norte da Grécia em uma região montanhosa. O rei Felipe havia lutado quase por uma vida

inteira para unificá-los sob o seu comando. Para o seu filho Alexandre, porém, tinha ambições ainda maiores. Informado pelo seu médico Nicômaco da sabedoria de Aristóteles, seu filho, mandou-o vir de Atenas para ser educador de Alexandre. Após a morte de Felipe e terminada a educação recebida por Aristóteles, Alexandre conquistou toda a Grécia, inclusive Atenas e Esparta, e preparou-se para conquistar o mundo.

Tomou Alexandre depois da Grécia todos os portos da costa mediterrânea da Pérsia, um após outro. Tomou depois o Egito. Sua intenção era poder depois atacar a parte principal da Pérsia localizada na Mesopotâmia sem que ela pudesse atacar por mar os gregos pela retaguarda.

A batalha final foi em Dardanelos, na qual a Pérsia foi vencida. Alexandre, o Grande, agora era senhor do mundo conhecido na época, desde a Grécia até a fronteira com a Índia.

Pouquíssimo tempo depois, porém, Alexandre morreu vítima de uma simples febre. O príncipe herdeiro, ainda bebê, foi morto assim como toda a família de Alexandre pelos generais que começaram a disputar o trono. Nenhum deles, porém, conseguiu ficar com o império todo que Alexandre havia conquistado. Ptolomeu ficou com o Egito, Seleuco com o Oriente, Antígono com a Síria e a Turquia, Casandro com a Macedônia. Mais tarde Antígono foi derrotado militarmente e os seleucidas ficaram também com a Síria.

O resultado final foi a divisão do mundo inteiro em monarquias de reis greco-macedônios.

O resultado, porém, que mais nos interessa deste processo político foi o resultado cultural.

A primeira consequência cultural deste processo foi que a língua grega se tornou a língua universal de todo o Oriente. Em todas as cidades importantes começaram a surgir escolas de grego. Foram abertos teatros onde se apresentavam peças gregas, ginásios de esporte se espalharam por estas cidades e adquiriu-se o gosto pelas obras de arte no estilo grego. Os poetas, os filósofos e os historiadores gregos passaram a ser lidos em todo o Oriente e na língua original. A cultura grega,

muito superior e mais elaborada do que tudo quanto existia no mundo da época começou a se impor em todo lugar. No Egito foi construída em Alexandria a maior biblioteca do mundo antigo, com acesso aberto ao público. Em outras palavras, o que ocorreu no Oriente como consequência das conquistas de Alexandre foi o processo de helenização do mundo oriental, sendo este período da história conhecido, por causa disso, com o nome de período helenístico.

Este processo aconteceu também com o povo judeu que habitava na Palestina. eles começaram a aprender o grego e a se esquecer do hebraico. Nesta época, os últimos livros da Bíblia, tais como o Livro da Sabedoria e os Livros dos Macabeus, foram escritos em grego e não em hebraico. O rei Ptolomeu do Egito convidou também neste período 70 rabinos judeus para virem até Alexandria, capital do Egito, traduzir o Velho Testamento do hebraico para o grego. Esta tradução, inicialmente feita a pedido e para a leitura do rei Ptolomeu, acabou se tornando mais comum entre os judeus do que o próprio original hebraico. Foi a primeira tradução da Bíblia de que a história tem notícia, chamada, por causa de seus autores, de Versão dos Setenta ou Septuaginta.

Os judeus tiveram que sofrer muito sob o reinado dos governantes grego macedônios que dominavam a Palestina. Ao contrário dos reis da dinastia dos Ptolomeus do Egito, que com tanta reverência mandaram vir ao seu país os sábios judeus para traduzirem as Leis de Moisés e os Escritos dos Profetas, os reis sob cuja jurisdição ficava a Palestina viam com desprezo os costumes e as leis hebraicas. As perseguições que o povo judeu teve que sofrer nesta época são narradas nos dois livros dos Macabeus, que não sem razão se iniciam contando resumidamente a vida de Alexandre, o Grande, de como o mundo inteiro veio a cair sob o domínio dos gregos e do governo dos generais de Alexandre.

Foi nesta época que começou a entrar em cena no palco dos acontecimentos mundiais a terceira das civilizações que compuseram a nossa atual, a civilização romana.





Terceira Parte

A história de Roma se inicia por volta do ano 750 AC com a lenda de Rômulo e Remo.

Havia nesta época uma cidade, na região do Lácio, na Itália central, chamada Alba a Longa. Esta cidade era governada por dois irmãos, um dos quais viria a ser o avô de Rômulo e Remo. Um destes irmãos, querendo governar sozinho, expulsou o outro e matou toda a sua família exceto uma de suas filhas, chamada Reia Silvia. Mais tarde Reia Silvia deu à luz duas crianças gêmeas. O tio, agora governante único de Alba a Longa, com medo de futuramente perder o trono, colocou os dois bebês em um cesto e os jogou no rio Tibre. Esperava que a correnteza os arrastasse para o mar onde morreriam afogados. Entretanto, uma forte ventania que se iniciou subitamente pouco depois disso, soprando em direção contrária à do curso do rio, fez com que o cestinho acabasse encalhando na margem do rio a uma pequena distância de onde tinha sido abandonado. O choro das duas crianças atraiu a atenção de uma loba, que passou a amamentá-las e delas cuidou como uma mãe.

Quando os dois gêmeos cresceram, receberam o nome de Rômulos e Remo. Posteriormente, vieram a saber quem realmente eram e qual havia sido a sua história. Voltaram à cidade de Alba a Longa, mataram o tio avô e reconduziram o avô ao trono. Se tivessem tido um pouco mais de paciência, como príncipes herdeiros que eram, teriam reinado também eles sobre Alba a Longa. Mas o fato foi que não quiseram esperar para serem reis. Voltaram ao lugar onde muitos anos antes o cestinho havia encalhado e resolveram fundar ali uma nova cidade na qual eles fossem os reis. Tiraram a sorte e resolveram chamar a cidade pelo nome de Roma em homenagem a Rômulo.

Escolhido o local e o nome da futura cidade, os dois irmãos traçaram um sulco no chão para assinalar os limites da cidade, construíram um pequeno muro sobre este sulco e juraram matar quem quer que o violasse.

Remo, porém, possivelmente ainda chateado por não ter a cidade recebido o seu nome, achou que estes muros não eram

sólidos, e com um pontapé derrubou um pedaço deles. Para sua desgraça o pontapé foi desferido logo após os dois irmãos terem jurado matar quem violasse os limites da nova cidade. Rômulo julgou, pois, que era de seu dever assassinar o irmão, o que fez com um golpe de pá, tornando-se assim o primeiro rei de Roma.

Tudo isto teria acontecido no dia 21 de abril do ano 753 AC, ano que ficou sendo o ano zero da fundação de Roma. A partir daí os romanos passaram a contar o tempo em anos AUC, ou Ab Urbe Condita, isto é, desde a fundação da cidade. Cristo, assim, teria nascido no ano 753 AUC, isto é, 753 anos após a fundação da cidade de Roma.

Durante aproximadamente 250 anos Roma foi governada por sete reis, sucessores de Rômulo. Por volta do ano 500 AC foi proclamada a república e Roma passou a ser governada teoricamente por três instituições:

- A. Dois
cônsules,**
- B. O
Senado,**
- C. A
Assembléia
Popular.**

Vamos explicar rapidamente como funcionavam estas três instituições, pois isto é muito importante para a compreensão do que se segue.

Os dois cônsules eram eleitos pela Assembléia Popular para um período de apenas um ano.

Na Assembléia Popular votavam todos os cidadãos, mas não por cabeça, e sim por centúrias. Como porém as centúrias dos ricos eram menores em número de pessoas do que as centúrias dos pobres, havia mais centúrias de ricos do que centúrias de pobres e, portanto, eram eleitos cônsules sempre pessoas da classe rica. Depois de um ano de mandato, os cônsules passavam a fazer parte automaticamente do Senado pelo

restante de suas vidas.

O senado não tinha teoricamente poder algum. Este nome, isto é, senado, vem da palavra latina Senex, que significa velho. O senado, como o próprio nome indicava, deveria ter sido, teoricamente, apenas um conselho de homens vividos e experientes. Sua função deveria ter sido apenas a de dar conselhos aos cônsules. Quem tomava as decisões na república eram os cônsules, mas tinham que submeter todas as decisões mais importantes para serem votadas na assembléia popular. Assim, pelo menos na teoria, quem mandava na república era a assembléia popular.

Na prática, porém, nenhum cônsul jamais se atreveria a submeter à assembléia popular nenhum assunto sem antes consultar o senado, e muito menos se atreveria a não seguir o conselho dos senadores. Portanto, quem governava de fato na política romana não eram nem os cônsules nem a assembléia popular, mas o senado constituído de aproximadamente 300 pessoas por mandato vitalício. Esta forma de governo é conhecida como aristocracia; não é a monarquia, que é o governo de um só, nem a democracia, que é o governo de todo o povo, mas um governo de poucos e, teoricamente, escolhidos entre os melhores e mais sábios dos cidadãos.

Além desse sistema especial de governo, a outra base da força do povo romano era o seu exército. O exército não era composto por militares de carreira, mas por todos os cidadãos da república, pobres e ricos, que custeavam seus equipamentos bélicos cada qual com os seus próprios recursos. O exército era convocado pelo cônsul sempre que necessário. O voto dos cidadãos na assembléia popular, conforme dissemos, era dado não por cabeça, mas por grupos de homens denominados centúrias, as quais eram as unidades do exército romano. Os cidadãos mais pobres só podiam custear equipamentos de guerra mais baratos, daí que geralmente lutavam como soldados de infantaria; já os cidadãos ricos iam armados a cavalo, com equipamentos mais sofisticados. Por causa disso, uma centúria de cidadãos ricos de menos homens era considerada equivalente a uma centúria de cidadãos pobres com maior número de soldados e é por este motivo que nas votações da assembléia popular, apesar de haver mais pobres do que ricos, o número de centúrias de ricos era maior do que o

número de centúrias de pobres. Com este exército os romanos conquistaram toda a Itália e depois toda a região ocidental do Mediterrâneo, isto é, a África do Norte, o sul da França, na época chamada Gália, a Espanha e Portugal, na época chamadas Ibéria e Lusitânia.

Este sistema de governo provou ser o mais perfeito da antiguidade e, enquanto não se corrompeu, fez fama, tendo sido até mesmo nomeado das Sagradas Escrituras.

De fato, logo após a conquista de Alexandre do mundo oriental, Roma foi conquistando progressivamente toda a parte ocidental das terras banhadas pelo mar Mediterrâneo. Quando os judeus se viram oprimidos pelos reis greco macedônios que dominavam a Síria e o Oriente Médio, ouvindo falar da fama dos romanos, mandaram embaixadores a Roma fazer um pacto que garantisse a ajuda militar dos romanos contra o rei Antíoco que os dominava. No oitavo capítulo do Primeiro Livro dos Macabeus assim é narrado o fato, que ilustra com as palavras da época a fama que os romanos difundiam no mundo de então:

*"Entrementes,
chegou aos
ouvidos de
Judas
Macabeu a
fama dos
romanos, de
como são
fortes e
poderosos,
como
favorecem em
tudo aqueles
que
propendem
para eles,
fazendo
aliança de
amizade com
todos os que
recorrem a
eles, e assim*

***crescendo em
poder.
Contaram-lhe
as guerras e as
valorosas
proezas que
tinham
realizado, e o
que fizeram na
Espanha, e
como
subjugaram
todo este país
com a sua
prudência e
constância,
apesar de
estar este país
muito distante
do deles. Os
outros reinos e
ilhas que
alguma vez se
lhes opuseram,
destroçaram-
nos e
reduziram-nos
à servidão;
com os seus
amigos,
porém, e com
os desejosos
de seu apoio,
mantiveram
amizade e
estenderam
seu poder
sobre os reis,
quer vizinhos,
quer distantes,
de modo que
todos os que
ouviram***

*pronunciar o
seu nome
ficaram
atemorizados.
Sentam no
trono aqueles
a quem
querem ajudar
a reinar e
depõem os que
eles querem;
tão poderosos
chegaram a
ser. Não
obstante isso,
nenhum deles
cingiu o
diadema, nem
se vestiu de
púrpura com o
que se
pavonear, mas
constituíram
um Conselho
em que
diariamente
trezentos e
vinte
conselheiros
discutem
assiduamente
os negócios
públicos para
o seu bom
andamento.
Confiam por
um ano o
comando e o
governo de
todos os seus
domínios a um
só homem, e a
ele todos*

**obedecem,
sem haver
entre eles
inveja e
rivalidade.**

**Então Judas
Macabeu
escolheu
Eupólemo,
filho de João, e
Jasão, filho de
Eleasar, e
mandou-os a
Roma para
estreitar
amizade e
aliança com
eles, e para
sacudir o jugo
visto como a
dominação dos
gregos
mantinha Israel
na servidão.
Foram, de fato,
a Roma,
viagem
longuíssima, e,
tendo entrado
no Senado,
falaram nestes
termos:**

**"Judas,
também
chamado
Macabeu, e
seus irmãos, e
o povo dos
judeus nos
enviaram a vós
para estreitar**

***aliança e paz
convosco para
sermos
inscritos como
confederados
e amigos
vossos".***

***A proposta foi
acolhida
favoravelmente,
e celebraram
um acordo
escrito que
gravaram em
lâminas de
bronze que
enviaram a
Jerusalém
para que lá
ficasse como
testemunho de
amizade e
aliança".***

1

Mac

8,1-

22

O que aconteceu com os romanos depois disso foi um dos processos de transformação política mais importantes a serem examinados num curso de história; aqui nós somente o poderemos relatar em suas linhas gerais.

Conforme falamos acima, nesta época o exército romano era composto de todos os cidadãos, ricos e pobres, que se armavam cada qual às suas próprias custas para a guerra e era convocado pelo cônsul sempre que necessário. Foi este exército que conquistou para os romanos toda a região

ocidental do mediterrâneo e espalhou sua fama por todo o mundo. Ora, à medida em que os romanos se iam tornando donos do mundo ocidental da época, a riqueza começou a crescer e surgiu à vista o perigo dos cidadãos se corromperem, principalmente os líderes máximos da política, os componentes do Senado, passando a julgar as decisões a serem tomadas não mais segundo os interesses da República, mas segundo os seus próprios interesses.

Para evitar isto, e num exemplo de rara honestidade para os dias de hoje, inicialmente o próprio Senado fez aprovar uma lei proibindo os senadores de se dedicarem a atividades de alto lucro. Durante algum tempo esta medida evitou que a corrupção chegasse àquele órgão.

A medida não pôde evitar, porém, que a corrupção chegasse a outros lugares. Ela não evitou, por exemplo, o aparecimento de uma classe de novos ricos, que poderiam ter sido os senadores, que se dedicassem à exploração de latifúndios, isto é, grandes propriedades de terra produzindo, mediante o trabalho escravo, uma grande quantidade de gêneros agrícolas, como o trigo e o azeite de oliveira. À medida em que estes latifundiários foram tomando conta da agricultura, os pequenos proprietários, que eram a maioria dos cidadãos romanos e a parte principal do exército, foram empobrecendo, sendo progressivamente obrigados a vender suas terras aos grandes proprietários e caindo definitivamente na miséria ou na escravidão. Isto acontecia justamente na época em que os romanos se tornavam os donos do mundo ocidental e mais precisavam de um exército forte.

Ora, é evidente que uma multidão de miseráveis não tem interesse em morrer pela pátria e mesmo que tivesse, não teria dinheiro para custear suas despesas pessoais no exército.

Começou, portanto, a ficar evidente que, se era necessário um exército forte para manter o poderio romano no ocidente, este novo exército teria que passar a ser custeado pelos novos ricos. Mas, se isto acontecesse, a república fatalmente iria cair nas mãos dessa nova classe de indivíduos.

Ora, antes que pudesse ser tomada uma decisão definitiva

quanto a uma possível reorganização do exército, por volta do ano 200 AC os irmãos Tibério Graco e Caio Graco, tribunos da plebe, exigiram uma reforma agrária imediata. Ambos foram assassinados e, em vez da reforma agrária, o que veio foi uma sangrenta guerra civil no mundo romano.

Nesta época ficou evidente que a República Romana não poderia continuar existindo sem a presença de um exército permanente constituído de soldados profissionais que fossem, ele próprios, uma classe à parte dentro da sociedade romana. Tal exército foi constituído, e veio a ser de fato uma nova classe dentro da República.

Quando isto ocorreu, porém, e não poderia deixar de ter ocorrido, em pouco tempo o senado percebeu que o perigo da República não era mais o de cair nas mãos dos ricos latifundiários, mas o de todos os romanos, inclusive os ricos proprietários, caírem nas mãos do poder militar.

Por causa desse perigo, embora no início o exército fosse permanente, o senado tomava o cuidado de não nomear para o seu comando generais de carreira, mas senadores que ocupavam temporariamente estes altos postos.

Com o tempo, porém, e com o aperfeiçoamento do exército, os soldados passaram a recusar obediência a generais que não eram verdadeiros militares, mas apenas políticos que vinham comandá-los durante algum pequeno espaço de tempo. A contragosto o senado teve que nomear generais mais ou menos permanentes para o exército.

Durante a guerra civil, estes generais começaram a se dar conta de que a luta entre os poucos detentores da riqueza e o partido democrático, isto é, a massa dos cidadãos romanos empobrecidos, poderia em breve se tornar um problema secundário quando o primeiro general que conquistasse a confiança geral do exército resolvesse tomar o poder.

No século seguinte, por volta do ano 50 AC, começou a ficar claro que havia surgido um homem que reunia as condições necessárias para dar o golpe. Chamava-se Júlio César, um senador que apoiava abertamente a causa do partido

democrático. Para afastá-lo do centro político da época, que era a própria Roma, lhe foi confiado o cargo de general no exército da fronteira nos confins da Gália, atual sul da França, cargo este que Júlio César aceitou de muito bom grado.

Júlio César aproveitou o cargo e com seu exército conquistou para a República Romana todo o restante do norte da França, a Bélgica, a Suíça, a Alemanha e metade da Inglaterra. Seu modo de agir, o respeito que tinha pelos seus soldados, a admiração e ao mesmo tempo a inveja que sentia por Alexandre o Grande que os relatos da época nos contam, sua coragem, verdadeira, mas muitas vezes apenas ostensivamente encenada, conquistaram-lhe o devotamento quase incondicional do seu exército.

Uma história da juventude de Júlio César ilustra bem as qualidades que ele mais tarde iria desenvolver como general nas Gálias; esta história é narrada pela maioria dos biógrafos antigos de Júlio César; tal como está nestas notas, é adaptada da biografia de César devida a Alfred Duggan.

Quando ainda jovem, com cerca de 23 anos, sem ainda ter ocupado nenhum cargo político de importância, Júlio César dirigiu-se à Ásia para estudar Retórica, a arte de bem falar e escrever, com um famoso professor da época, Apolônio Molo, que também foi professor do famoso Cícero. Chegou a Mileto onde embarcou em um navio que se dirigia à ilha de Rodes, residência de Apolônio.

Ao atravessar de Mileto para Rodes, foi capturado por piratas, que reconheceram imediatamente o valor do prisioneiro, um jovem aristocrata romano, acompanhado por dez escravos e um médico particular. Oito escravos foram despachados de volta para Mileto a fim de negociar um resgate, enquanto que César, seu médico e dois outros escravos ficavam retidos em uma ilha sob a guarda dos piratas.

César esperava a morte com tortura se não voltassem seus escravos com o resgate. O problema era que sua família não tinha a riqueza correspondente à sua posição de nobre; talvez nem na Itália ele possuísse o dinheiro que os piratas pediam pelo resgate, mas em Mileto, onde os escravos tinham ido

buscá-lo, César não possuía absolutamente nada. Em face, porém, do perigo de morte, passou a comportar-se com aquela coragem fabulosa, quase febril, que o tornou mais tarde o ídolo de seus soldados.

Os piratas haviam pedido 20 talentos pela vida de César; um talento era na época dinheiro bastante para assegurar o conforto de toda uma família. César respondeu que ficava indignado que um nobre como ele tivesse tão baixa cotação e para espanto dos piratas ofereceu 50 talentos como valor de sua pessoa. Acrescentou, porém, que depois de haver honestamente readquirido sua vida, pagando por ela, voltaria à caça de seus raptos e não descansaria enquanto não assistisse à execução deles. Os piratas acharam engraçadíssima a piada do jovem estudante de retórica, e enquanto aguardavam a chegada do tesouro deram a César permissão para andar livremente pela ilha.

César, porém, não perdia a arrogância. Observava os piratas em exercícios com suas armas e criticava-lhes a incompetência. Sabia que sua vida estava por um fio e divertia-se naturalmente pondo à prova seus raptos e levando-os ao limite da paciência. Como estudante de retórica, muitas vezes compunha textos em verso e prosa; pedia que não o perturbassem quando ele estivesse escrevendo e conseguiu realmente impor este desejo aos piratas. Depois então punha-se a entreter os piratas com a leitura de seus escritos. Como estes dessem mostras de tédio, passava a repreendê-los dizendo que não passavam de uns bárbaros, incapazes por causa de seu baixo ofício de apreciar o estilo grego. Diante disso, continuava César, ele, que tinha pensado seriamente em não mais vir a executar seus companheiros até que agradáveis, vendo porém como não sabiam dar valor a estas coisas, também não mereciam atulhar a face da terra, e afinal de contas tinha que concluir estar de acordo com o fim próximo que os aguardava. Os piratas continuavam achando divertidíssima toda esta basófia.

Como os escravos de César conseguiram o dinheiro foi uma coisa obscura. Os Césares não eram considerados ricos em roma, mas, por outro lado, era evidente que o jovem tinha talento político; se viesse a atingir altos postos, certamente morreria como todos cheio de dinheiro. A Ásia estava cheia de emprestadores de dinheiro e de agiotas; talvez consideraram

ser a vida de César um bom negócio e emprestaram a alta importância do resgate.

Posto em liberdade, César foi para Mileto. Nunca havia ocupado qualquer posição oficial, mas era cidadão romano de família de senadores. Lá chegando, verificou que Mileto não tinha forças armadas próprias, e a guarnição romana mais próxima estava longe. No porto havia apenas um punhado de navios mercantes; César requisitou-os com os seus dotes oratórios como voluntários para caçar os piratas, e não faltou quem se apresentasse.

Lá foi ele, com seus navios, diretamente à ilha dos piratas, onde os encontrou, com a incorrigível incompetência que tantas vezes lhes havia censurado, ainda na enseada celebrando sua façanha e contando o dinheiro. Caiu sobre eles de surpresa, colocou-os a ferro e os levou para a cidade de Pérgamo, a cidade mais próxima em que havia uma fortaleza romana.

Chegando a Pérgamo, nova surpresa; o comandante não estava, ausente em uma campanha militar, ao que parece para caçar os mesmos piratas que Júlio César havia capturado, em poder dos quais havia-se espalhado o boato de que haveria 50 talentos.

Em vista da ausência da autoridade militar, Júlio César, sem ser oficialmente ninguém, ordenou que os criminosos fossem crucificados; como, porém, ele pessoalmente achasse que esta espécie de morte fosse horrivelmente penosa e, afinal de contas, Júlio César devia alguma coisa aos piratas por lhe terem permitido certo conforto no cativeiro, mandou que lhes cortassem as gargantas antes de o pregarem às cruzes.

Punir implacavelmente e evitar sofrimento desnecessário, uma e outra coisa viriam a ser típicas do realismo de César.

Sua justiça não conhecia a misericórdia, mas nunca se desviava de seus objetivos para a tortura ou o desprezo inútil. E isto era visto na época como um sinal de humanidade, muito maior de que grande parte das outras autoridades militares da época era capaz de possuir.

Mortos os piratas, que fez Júlio César? Tomou os 50 talentos de

volta e pagou àqueles que lhe tinham emprestado o dinheiro. Do restante dos bens que tinham os piratas não ficou com nada, distribuiu tudo entre os voluntários que o tinham ajudado a capturá-los. Nesta história toda, um jovem havia feito guerra e condenado criminosos sem autoridade legal alguma; era uma surpreendente e inacreditável usurpação de poder; mais surpreendente ainda, porém, foi que ninguém reclamou e obteve os elogios de todos.

A narrativa deste episódio mostra bem as qualidades que fizeram do futuro general Júlio César o delírio de seus soldados nas Gálias. Mas, tal como está contada nestas notas, é mais do que uma simples curiosidade. Nesta historinha da juventude de Júlio César está descrita no fundo toda uma personalidade que, juntamente com a situação política da época, permitiu a um homem quase desprovido de recursos, relegado ao trabalho de vigiar uma fronteira distante, em poucos anos se tornar o senhor do mundo e transformar a república romana num império sob o comando perpétuo de um só homem.

Personalidades deste tipo, porém, são como moedas de duas faces; conforme veremos, assim como ela seria em grande parte responsável pelas vitórias de Júlio César, veio mais tarde a ser responsável também pela sua morte prematura.

Continuando, porém, nossa história, mortos os piratas, de Pérgamo Júlio César embarcou novamente para Rodes onde passou alguns anos aprendendo a arte da retórica; nenhum pirata ousou causar-lhe quaisquer novos transtornos; usou posteriormente seu talento adquirido nestes anos de estudo não só como orador, mas também como escritor, redigindo ele próprio em livro a narrativa de suas guerras de conquista no norte da Europa sob o título de A Guerra da Gália, ou, como é mais conhecido no original latino, De Bello Gallico; este livro veio a se tornar, juntamente com as obras de Cícero, o principal clássico da língua latina, até hoje estudado por todos aqueles que desejam aprender esta língua na sua forma considerada mais perfeita.

Mais tarde, ouvindo falar destas vitórias de César nas Gálias, o senado romano temeu, e enviou uma intimação a Júlio César ordenando a sua volta a Roma e declarando extinto o prazo de seu generalato. Júlio César aceitou a ordem de retornar a Roma,

mas não a extinção do generalato. Fez questão de voltar a Roma acompanhado de seu exército, e os senadores amedrontados não só tiveram que aceitá-lo como general, como também nomeá-lo cônsul vitalício da república romana.

César passou a governar a república romana como se fosse um rei, embora não tivesse tal título. Em sua época ou pouco antes os romanos conquistaram toda a parte oriental do Mediterrâneo, isto é, a Grécia, a Ásia, o Egito e o norte da Arábia. Destruíram também em caráter definitivo todas as frotas de piratas que infestavam o Mediterrâneo, o qual assim se tornou seguro e facilmente navegável por quaisquer barcos comerciais e de transporte. Pouco antes de César tornar-se cônsul vitalício Pompeu havia invadido a Palestina e conquistado o povo judeu para a República Romana. Muitos judeus foram deportados para a cidade de Roma, onde acabaram formando uma grande colônia, e outros emigraram para cidades gregas, onde estabeleceram sinagogas em suas principais cidades.

Júlio César poderia ter governado sabiamente a república romana se tivesse procurado fazê-lo de comum acordo com o senado, coisa que esta instituição teria tolerado de bom grado. Em vez disso, porém, preferiu governar com manifesto desprezo pelos senadores e com medidas frequentemente ostensivamente humilhantes para a instituição senatorial. O resultado que acabou colhendo foi que, poucos anos depois, ao entrar no recinto do senado, uma multidão de senadores, entre os quais se achava o seu filho adotivo Brutus, o apunhalou impiedosamente.

Depois de vários acontecimentos, o poder acabou passando para Otávio, também filho adotivo e herdeiro de Júlio César, o qual de uma certa forma estabeleceu um pacto com os senadores pelo qual passaria a governar Roma de comum acordo com o senado e em troca o senado lhe conferiria o título de Príncipe, Imperador e Augusto. Roma assim deixava de ser um república e passava a ser um império. Foi nesta época do Imperador Otávio César Augusto que, no outro lado do mundo de então, sem fazer alarde, Jesus Cristo nasceu em um estábulo de Belém de Judá. O imperador queria saber as proporções do império que havia herdado; pela primeira vez na história ordenou um recenseamento completo de toda a população dos domínios romanos, mandando que cada um se cadastrasse em

sua cidade de origem. Foi assim que José, esposo de Maria, encaminhando-se para Belém, sua cidade natal, para cadastrar-se, foi surpreendido pelo nascimento de Jesus sem que houvesse vagas nas hospedarias da cidade.

A partir do império de César Augusto, poucos anos antes do nascimento de Jesus, iniciou-se na história um período de alguns séculos conhecido como a paz romana. Devido à sabedoria com que era governado o império, e devido também ao domínio quase que total de todo o mundo conhecido, pela primeira vez na história cessaram as guerras quase que completamente.

Com o fim da pirataria no mar Mediterrâneo, facilitaram-se as comunicações entre todas as principais partes do império interligadas que estavam pelo Mediterrâneo. Os romanos ao conquistarem cada nova nação sempre respeitavam não só as leis próprias como inclusive os governantes que as regiam. Eles apenas acrescentavam às leis locais outras leis romanas e aos governantes locais outro governador nomeado por Roma que era responsável pelo exército na região, pela arrecadação dos impostos e pela execução de algumas leis especiais, como os julgamentos em que era dada a sentença de morte, que somente poderia ser sentenciada pelo representante de Roma. Este sistema foi geralmente tão benéfico para ambas as partes que houve diversos casos de reis que, ao morrerem, deixavam em testamento seu reino não aos seus herdeiros, mas aos romanos.

Em relação às línguas faladas no Império Romano, devido à conquista anterior de Alexandre do mundo do Oriente, da Grécia para o leste falava-se universalmente o grego.

Devido às conquistas romanas na região ocidental do mediterrâneo, da Itália para o oeste e no norte ocidental da África falava-se principalmente o latim.

Na própria cidade de Roma, onde tudo se centralizava, falava-se correntemente tanto o latim como o grego. Houve inclusive o costume das crianças ricas em Roma serem educadas desde a primeira idade por escravas gregas que lhes ensinavam a língua grega antes que os seus pais lhes ensinassem a língua latina. Quando, por volta do ano 60 depois de cristo São Paulo

escreveu uma carta aos romanos, escreveu esta carta em grego e não em latim. O Evangelho de São Marcos, escrito também na cidade de Roma para ser lido pelos cristãos romanos, foi também escrito no original em grego, e não em latim, embora com muitas expressões e modos de dizer típicas da língua latina e não da grega. Vê-se, desta forma, como as duas principais línguas do mundo desta época eram o latim e o grego, e o íntimo contato que tinham estas línguas na capital romana; é precisamente destas duas que mais tarde viria a formar-se a nossa língua portuguesa, cuja maioria das palavras vem do latim, do grego ou de ambas. Por exemplo, as palavras livro, navio, pão, jovem, mesa, céu, noite e tantas outras vêm diretamente do latim. As palavras igreja, telegrama, biblioteca, política, democracia, hierarquia, anjo, Deus, hidráulica, trigonometria, ética, pneu, física, geometria, pedagogia, quilômetro e tantas outras são palavras gregas. Já na palavra televisão, as duas primeiras sílabas vêm do grego, as duas últimas vêm do latim.

Ao imperador César Augusto sucedeu o imperador Tibério César. Sob o governo de Tibério, Jesus Cristo pregou o evangelho durante três anos, morreu crucificado e ressuscitou depois de três dias, enviando doze de seus discípulos para ensinarem sua doutrina a todo o mundo, unificado e em paz sob o poderio romano. Juntamente com a doutrina cristã estes apóstolos levaram ao conhecimento de todo o império as Escrituras Judaicas do Antigo Testamento.

Com isto surgiu a nossa civilização, que possui suas raízes simultaneamente na cultura hebraica, grega e romana.





O INÍCIO DA FILOSOFIA NA GRÉCIA

Capítulo 1

Sócrates é o filósofo que marca uma das grandes linhas divisórias na história da Filosofia Grega. Um dos motivos para tanto, dentre outros, é que somente dos filósofos que viveram depois de Sócrates chegaram até nós obras completas. Apesar de conhecermos numerosos filósofos antes de Sócrates, não restam deles senão notícias ou fragmentos de suas obras que só nos chegaram porque foram citados ou copiados em obras de filósofos posteriores. Por este motivo todos os primeiros filósofos gregos são chamados genericamente pelo nome de filósofos pré-socráticos.





Capítulo 2

Como Sócrates faleceu por volta do ano 400 AC, e o primeiro filósofo grego conhecido Tales de Mileto, o qual viveu por volta do ano 600 AC, estes duzentos anos são conhecidos também como o período da filosofia pré-socrática.





Capítulo 3

Mas mesmo entre os pré-socráticos há ainda outras linhas divisórias. Uma das mais nítidas é a marcada por um dos mais importantes pré-socráticos, Parmênides de Eléia. Estas notas se referem ao caráter da filosofia pré-socrática apenas antes do aparecimento da obra de Parmênides, embora Anaxágoras, abaixo citado, lhe seja contemporâneo.





Capítulo 4

O primeiro filósofo grego, conforme dizíamos, foi Tales de Mileto. Tanto ele como os demais primeiros filósofos gregos são apresentados pelos livros texto modernos de Filosofia como pessoas dedicadas ao problema de determinar qual é o princípio material de que é constituída a natureza. No caso de Tales, citam-se as seguintes palavras de Aristóteles como se referindo ao que seria a sua doutrina fundamental:

*"Tales diz
que o
princípio é
a água,
pelo que
ele
sustentava
que a
própria
terra está
fundada
sobre a
água. Para
afirmar
isso ele se
apoiava no
fato de que
via que o
alimento de
todas as
coisas é
úmido e
inclusive
que o que é
quente
nasce e
vive no
úmido. Ora,
aquilo de
que tudo se
engendra é*

***o princípio
de tudo.
Por isso
Tales
aderiu a
tais
conjecturas,
e ainda
mais
porque as
sementes
de todas as
coisas
possuem
uma
natureza
úmida e a
água nas
coisas
úmidas é o
princípio
de sua
natureza".***





Capítulo 5

Contemporâneo de Tales foi Anaximandro. Ele escreveu uma obra intitulada "Sobre a Natureza", da qual, como os restantes pré-socráticos, apenas sobraram fragmentos citados em outros livros de filósofos posteriores. Segundo ele, o princípio da natureza não era a água, nem o ar, nem nenhum outro elemento particular, mas o infinito, algo em que todas as coisas têm origem e em que todas as coisas se dissolvem quando termina o ciclo estabelecido para elas por uma lei necessária. Este princípio infinito seria por si mesmo indestrutível.

Anaximandro dizia também que a Terra é um cilindro que se encontra equilibrado no meio do mundo sem que nada o sustente porque, encontrando-se a igual distância entre todas as partes, não poderia ser movido por nenhuma delas.





Capítulo 6

O primeiro a ter introduzido a Filosofia na cidade de Atenas foi Anaxágoras, por volta de 450 AC, depois, portanto, das guerras médicas e no auge do poder ateniense. Também ele escreveu um livro intitulado "Sobre a Natureza", que se perdeu. Neste livro ele afirmava que não havia um princípio único constituindo a natureza, mas muitos, e estes sob a forma de partículas invisíveis a que ele chamava de sementes. As sementes não nascem nem morrem, mas combinam-se entre si de formas diversas e com isto dão origem às diversas substâncias. Em todas as coisas há sementes de todas as coisas, e a natureza de cada uma é determinada pelas sementes que prevalecem. Originariamente estas sementes estavam todas misturadas desordenadamente; uma inteligência, de natureza totalmente diversa, por não ser constituída de sementes, teria introduzido então nelas o movimento e a ordem.

Anaxágoras é o primeiro filósofo registrado pela história a ter afirmado a existência de um princípio inteligente como causa da ordem do mundo. Aristóteles disse que ele

*"afirmava
que
existe
uma
mente na
natureza,
assim
como
existe
nos seres
vivos, e
esta
mente é a
causa da
beleza e
da ordem
do
Universo".*





Capítulo 7

Considera-se freqüentemente nos livros textos modernos que a diferença entre os primeiros filósofos gregos e outros textos aparentemente semelhantes de outras partes do mundo da época consistiria principalmente em que enquanto os demais, ao discorrerem sobre a natureza nada mais faziam do que reportar um mito ou uma lenda, os filósofos gregos, ao contrário, mesmo quando apresentavam uma teoria aparentemente ingênua, esta não era porém mais um mito para eles, mas uma tentativa de explicar ou pelo menos de buscar uma verdade que pudesse ser compreendida e justificada racionalmente. Esta atitude não existiria entre os demais povos da época. Tal interpretação, porém, não é inteiramente satisfatória, e é fácil de apreender-se nela uma transferência um pouco simplista do ideal contemporâneo da pesquisa científica para os filósofos pré-socráticos. De fato, para entender o que deu origem ao movimento filosófico é preciso fazer um esforço proposital para nos reportarmos a um mundo e a um pensamento muito diferente do que aquele ao que estamos habituados nos dias de hoje.





Capítulo 8

A interpretação da filosofia pré-socrática que comentamos no item anterior também é resultado de uma análise por parte de alguns autores modernos que leva muito mais em conta os pequenos testemunhos do que sobrou da doutrina dos filósofos pré-socráticos, desconsiderando outros testemunhos, poucos também, mas que igualmente nos chegaram, sobre o gênero de vida que eles levavam e os seus traços pessoais.





Capítulo 9

Os filósofos gregos posteriores apresentaram os primeiros pré-socráticos como pessoas desprendidas das preocupações materiais do dia a dia e dedicados apaixonadamente à contemplação da natureza.

Sobre Tales de Mileto corria na antiguidade uma anedota transcrita nas obras de Platão e de Aristóteles de que ele, caminhando pelo campo e absorto na contemplação do céu prendeu o pé em uma armadilha para animais, provocando as gargalhadas de uma velhinha natural; da Trácia que o estava seguindo, que lhe lançou ao rosto o seu costume de contemplar as estrelas sem ver onde os pés pisavam.





Capítulo 10

Quanto a Anaxágoras, o que introduziu a Filosofia em Atenas, também é apresentado pela tradição como um homem estranho a qualquer atividade prática. Para poder se ocupar a contemplar a natureza, entregou toda a sua fortuna de presente aos seus parentes. Interrogado sobre o objetivo de sua vida, respondeu que vivia para contemplar o Sol, a Lua e o céu. Aos que lhe reprovaram a falta de interesse pela sua pátria, respondeu que a sua pátria, ao contrário, lhe importava muitíssimo, apontando com o dedo para o céu.





Capítulo 11

Pitágoras, ao que parece, tendo sido primeiramente discípulo de Anaximandro de Mileto, conterrâneo e contemporâneo de Tales, e tendo depois passado mais de duas décadas estudando entre os sábios do Egito e depois mais uma década e pouco entre os sábios da Pérsia, quando voltou para a sua pátria e lhe perguntaram o que era ser filósofo, respondeu com a seguinte comparação:

**"A
sociedade
humana
assemelha-
se à grande
assembléia
dos gregos
por ocasião
dos Jogos
Olímpicos.
Aí alguns
aparecem
com a
intenção de
alcançar
vitórias e
louros,
outros
procuram
vender suas
mercadorias,
e outros
cuidam de
comprar as
coisas de
que
precisam.
Há,
entretanto,
uma
categoria de**

peçoas",

diz Pitágoras,

***"justamente as
mais distintas e
de máximo
engenho, que
não buscam
aplausos nem
vantagens, mas
que
comparecem
aos jogos como
expectadores e
examinam
cuidadosamente
as coisas que
se passam.
Pois isso
mesmo",***

continua Pitágoras,

***"é o que
ocorre na vida.
Uns se
apegam
exclusivamente
à glória,
outros ao
dinheiro. Há,
porém, um
punhado de
peçoas
espalhado
pelo mundo
que se
desapegam de
tudo para***

**observarem
curiosamente
a natureza.
Estes são os
filósofos, e
assim como a
atitude mais
distinta nos
Jogos
Olímpicos é a
do puro
espectador,
assim na vida
a
contemplação
e o estudo da
natureza
sobrepõem os
outros tipos
de atividade. O
filósofo é o
espectador da
natureza, o
homem que
examina
curiosamente
como as
coisas se
passam".**





Capítulo 12

Aparentemente esta atitude é tão estranha e inesperada para o homem de hoje que a sua primeira reação será provavelmente a de considerar tais pessoas como excêntricas, quando não loucas. Entretanto, uma série de outros testemunhos de filósofos e historiadores que viveram na antiguidade posteriormente aos pré-socráticos deveriam desfazer esta primeira impressão e forçar o homem de hoje a tentar buscar uma interpretação mais profunda para esta atitude dos filósofos.





Capítulo 13

De Tales, sabe-se que era capaz de calcular e prever os eclipses solares. Ele deixou demonstrados alguns teoremas de Geometria que são estudados até hoje. De Tales de Mileto assim afirmou Aristóteles em seu Tratado de Política:

*"Atribui-se a
Tales de
Mileto, por sua
grande
sabedoria,
uma
especulação
lucrativa que,
aliás, nada
tem de
extraordinário.
Reprovava-se
a sua pobreza,
dizendo-se-lhe
que a Filosofia
para nada
serve se é
para ficar
pobre.
Aborrecendo-
se Tales com
estes
comentários,
ele previu, por
seus
conhecimentos
de
Astronomia,
que iria haver
uma
extraordinária
colheita de
azeitonas.
Estava-se,*

**porém, ainda
no inverno.
Procurou
Tales o
dinheiro
necessário e
arrendou
todas as
prensas de
óleo de Mileto
e de Quio por
um preço
irrisório, pelo
fato de ser
inverno e de
não ter
concorrentes.
Quando veio a
colheita as
prensas foram
procuradas de
repente por
uma multidão
de
interessados.
Alugou então
Tales as
prensas pelo
preço que ele
quis e,
realizando
assim grandes
lucros,
mostrou que é
fácil aos
filósofos
enriquecerem
quando
querem,
embora não
seja este o fim
de seus
estudos. E**

***assim é que
se diz que
Tales provou
a sua
habilidade".***

O mesmo Tales é citado pelos historiadores antigos como grande amigo de Sólon, o grande reformador de Atenas, o que mostra que, apesar de sua pobreza, não era tido por qualquer um. O primeiro encontro havido entre Sólon e Tales é narrado por Plutarco ao biografar a história de Sólon no seu livro "As Vidas dos Homens Ilustres". Sólon vinha de Atenas e, ouvindo a fama de Tales, passando por Mileto, quis fazer-lhe uma visita pessoal. Diz então Plutarco:

***"Na visita a
Tales, em
Mileto, Sólon
estranhou
seu completo
desinteresse
pelo
matrimônio e
pela
procriação.***

***Tales ficou
calado no
momento;
deixou passar
alguns dias e
arranjou um
estrangeiro
que se
disseste
recém
chegado de
uma viagem
de dez dias a
Atenas.***

**Sólon
perguntou-lhe
quais as
novidades de
lá. O homem,
instruído
sobre o que
responder,
disse:**

**`Nada, senão
o enterro de
um moço,
acompanhado
pela cidade
toda. Era,
segundo
diziam, o filho
de um homem
ilustre, o mais
distinto dos
cidadãos por
suas virtudes.
Este não se
achava
presente;
constava que
estava de
viagem havia
muito tempo'.**

**`Que homem
desventurado',
exclamou
Sólon. `Como
se chamava?'**

**`Ouvi o
nome",
respondeu o
homem, "mas
só me lembro
que se**

**comentava
muito sobre
sua sabedoria
e eqüidade'.**

**Assim, cada
resposta ia
levando
Sólon ao
medo. Por
fim, todo
conturbado,
declarou o
seu nome ao
estranho e
perguntou se
não diziam
ser o morto
filho de
Sólon.**

**O homem
respondeu
que sim.**

**Então Sólon
começou a
dar murros na
cabeça, e a
fazer e dizer
tudo o mais
que nestes
transes se
costuma.**

**Tales, porém,
tomou-o pelo
braço, rindo,
e disse:**

**`Aí está,
Sólon, o que**

***me afasta do
casamento e
da
procriação;
são estas
coisas que
transtornam
até um
homem
inabalável
como tu.
Vamos, não te
desalentes
com esta
notícia, pois
ela é falsa".***





Capítulo 14

Quanto a Anaxágoras, aquele que introduziu a Filosofia em Atenas e apontava para o céu para indicar a sua pátria, o mesmo Plutarco atribui a este filósofo toda a formação do caráter de Péricles, o homem mais importante de toda a história grega depois de Alexandre o Grande, o qual último, ademais, também ele viria a ser educado por outro filósofo, nada menos do que o próprio Aristóteles.

O testemunho de Plutarco sobre Anaxágoras é bastante eloqüente. Encontra-se na "Vida dos Homens Ilustres", quando biografava a vida de Péricles. Diz Plutarco que

*"quem, todavia,
mais
estritamente
se ligou a
Péricles,
formando-o de
sentimentos
altivos,
superiores à
sedução da
demagogia,
quem, em
suma, o elevou
às alturas e
ergueu a
dignidade de
seu caráter foi
Anaxágoras de
Clazômenas; a
estes os seus
contemporâneos
o apelidaram de
'A Mente', ou
por lhe
admirarem o
saber imenso
no ramo das*

***Ciências da
Natureza,
manifestamente
excepcional, ou
por ter sido o
primeiro a
atribuir o
princípio da
ordem universal
não ao acaso,
nem ao destino,
mas a uma
Mente pura e
sem mescla
que, em meio à
mistura geral,
reúne à parte as
substâncias
homeômeras.***

***Votando a este
homem uma
desmedida
admiração e
forro da
chamada
ciência dos
corpos celestes
e de altas
especulações,
Péricles,
aparentemente,
não só
mantinha uns
sentimentos
altivos, uma
linguagem
elevada, muito
longe do mau
gosto vulgar,
mas também
um semblante
composto que***

**nunca o riso
desmanchava,
um andar
pausado, um
aprumo nas
vestes, que
emoção
nenhuma
perturbava nos
discursos, bem
como uma
impostação de
voz
imperturbável, e
todos os mais
traços desses
que
impressionavam
a toda a gente.**

**Certa vez, por
exemplo,
insultado e
destratado na
praça por um
indivíduo
desclassificado
e sem
educação,
suportou-o
calado o dia
inteiro,
enquanto
cuidava de seus
negócios
urgentes. À
tarde voltou
para casa, sem
alterar-se,
enquanto o
homem o
seguia de perto
enxovalhando-o**

**com toda a
sorte de
palavrões.
Quando estava
para entrar,
como já caía a
noite, mandou
um de seus
servos tomar
uma lanterna e
escortar o
homem até
entregá-lo em
casa.**

**Mas nem só
estes proveitos
colheu Péricles
no convívio de
Anaxágoras.
Também
superou quanta
superstição
produz o terror
dos fenômenos
celestes
naqueles que,
por ignorância,
se deixam
transtornar e
confundir pelos
assuntos
divinos. O
estudo da
natureza
remove esta
ignorância e em
lugar da
superstição
timorata e
inflamada cria
uma piedade
confiante, de**

***boas
esperanças".***





Capítulo 15

E, no que diz respeito a Pitágoras, a história afirma que, depois de ter completado sua formação primeiramente com Anaximandro, depois no Egito e na Pérsia, nas cidades da Magna Grécia onde ele ou os seus primeiros discípulos abriam uma escola de Filosofia, as populações locais suplicavam aos seus governantes que aceitassem os filósofos pitagóricos como conselheiros permanentes, o que estes costumavam fazer, sob a orientação da própria escola, sem daí procurarem vantagens financeiras.





Capítulo 16

Estas informações são suficientes para deixar entrever que o principal objetivo dos primeiros filósofos de viverem para contemplar a natureza não pode ser ingenuamente classificado como uma simples extravagância. Ao contrário, é preciso que seja mais seriamente analisado e interpretado, o que será feito, colocada esta introdução, posteriormente neste livro.





Capítulo 17

A interpretação correta do que se entendia por uma vida dedicada à contemplação da natureza é passo decisivo também para o correto entendimento da obra de Parmênides. este homem, de fato, operou um salto gigantesco no conceito de Filosofia dos primeiros pré-socráticos, o qual não poderá ser compreendido se não for possível compreender primeiramente com uma certa profundidade o verdadeiro significado da atitude dos primeiros filósofos que o precederam.

São Paulo, 31 de março de 1989





A CONTEMPLAÇÃO DA NATUREZA NOS PRIMEIROS PRÉSOCRÁTICOS

Capítulo 1

Conforme vimos, a filosofia iniciou-se com os filósofos pré-socráticos, nome genericamente dado aos pensadores gregos compreendidos entre os anos 600 AC e 400 AC que apresentam em comum o fato de não terem restado dos mesmos obras completas, mas apenas fragmentos citados em obras de filósofos posteriores. Podemos dividir ainda o período da filosofia pré-socrática em duas épocas distintas, o período anterior e posterior a Parmênides.

Os filósofos anteriores a Parmênides são chamados geralmente de naturalistas, por terem se dedicado à especulação sobre a natureza como principal assunto que surge nos fragmentos que deles nos restaram.





Capítulo 2

Há também, conforme vimos, indicações seguras, apesar de não conhecermos a obra completa destes filósofos, que eles não somente escreveram sobre a natureza, mas também se dedicavam a uma vida de contemplação da natureza.

Assim, Tales foi visto caindo em uma armadilha por seu hábito de contemplar o céu e foi objeto de riso por este motivo por parte de uma velhinha natural da Trácia. O incidente é narrado por mais de um autor posterior, de modo que parece ter-se tornado proverbial.

Anaxágoras, interrogado sobre o objetivo de sua vida, respondeu que vivia para contemplar o Sol, a Lua e o céu.

Pitágoras, perguntado sobre o que seria um filósofo, respondeu que a vida se comparava aos Jogos Olímpicos. Alguns vão para alcançar a vitória, outros para vender mercadorias, outros para comprar coisas necessárias. Outros, finalmente, que são os filósofos, vão não para procurar aplausos, nem vantagens, mas como espectadores que contemplam curiosamente como as coisas se passam. Eles se desapegam de tudo para observarem curiosamente a natureza.





Capítulo 3

Sobre tudo isso já comentamos anteriormente, abordando o assunto pelo ponto de vista histórico e dos testemunhos da época. Queremos agora interpretar o que significa semelhante atitude, tão estranha aos homens de hoje, e quais são as suas conseqüências.





Capítulo 4

É necessário primeiro perceber como contemplar a natureza não é a trivialidade que nós supomos que seja num primeiro momento. Ela pode ser, e é de fato, um desafio mais profundo para o espírito humano do que o estudo de qualquer disciplina, tais como são ensinadas ou estudadas nas escolas de hoje. Se nós não somos capazes de perceber isto apesar de estarmos mergulhados na natureza o tempo todo, é simplesmente porque estamos habitualmente preocupados com nossos problemas mesquinhos do dia a dia que desviam toda a atenção da nossa inteligência do espetáculo extraordinário que nos circunda.





Capítulo 5

Para tentarmos ter um vislumbre do que procuramos dizer, vamos considerar o ato mais trivial de qualquer estudante, o ato de vir à escola.

Antes de vir à escola, para retemperar nossas forças e não sentir o incômodo de assistir à aula com fome, jantamos em nossas casas. Este simples ato já é por si como que um verdadeiro milagre. Quando tomamos o alimento, a natureza teve que elaborar um sistema digestivo bastante complexo para ser capaz de digerir precisamente aqueles alimentos que curiosamente são os que ela mesmo oferece a todos abundantemente. Recolher estes alimentos esparsos pelo mundo para produzir uma simples janta seria uma tarefa penosíssima, mas tudo isto, naquele momento, já tinha sido providenciado. Centenas de pessoas haviam estudado agricultura, haviam plantado nos lugares mais diversos cada um dos alimentos utilizados em nossa janta, outra multidão os colheu, centenas de homens os transportaram, outros os conservaram e outros finalmente se especializaram em saber vendê-los, deixando-os localizados em lugares de fácil acesso para que nós os adquiríssemos. Assim, naquele momento, um mundo imenso de pessoas na verdade estava se preocupando conosco, e a própria natureza também, que sabiamente preparava as chuvas para a lavoura e fornecia ao nosso corpo as enzimas necessárias à digestão justamente daqueles alimentos que ela própria produzia. Nós, porém, ali sentados, não prestamos atenção a nada disso. Só queríamos sair correndo para não chegar atrasados à escola.

Quando saímos de casa, outra coisa não menos fantástica! Alguém tinha construído um elevador para nosso uso, tinha-o instalado exatamente no local onde era necessário para o nosso pronto e imediato transporte e estava bombeando energia elétrica de muito longe para que ele funcionasse com apenas um apertado de nosso dedo. A rua estava calçada. Outras pessoas, sabe-se lá quantas, também tinham se preocupado com isso. A rua estava calçada para nós passarmos e asfaltada também para fazer com que um ônibus pudesse trafegar para nossa comodidade. Sem que o pedíssemos, não apenas um

ônibus, mas os mais diversos ônibus passavam regularmente à nossa disposição para nos levar não a um só lugar, mas a qualquer lugar que quiséssemos. Para isto, outras milhares de pessoas tiveram que estudar mecânica, projetar os ônibus, construir os ônibus, vender os ônibus, manter os ônibus, dirigir os ônibus, explorar petróleo, refinar petróleo, transportar gasolina, educar motoristas, educar o trânsito, sinalizar o trânsito, e não só tinham feito isto como o continuavam fazendo ininterruptamente para que pudéssemos tomar o ônibus naquele momento ou a qualquer momento. O Sol se punha. Fazia séculos que o Sol brilhava todos os dias para que pudéssemos enxergar todas estas coisas, mas o que é incrível, porém, é que nós não percebemos ou pensamos nisto um só momento. Estávamos preocupados, como sempre, com um pequenino problema pessoal que era infinitamente menor do que tudo isto, teoricamente muito menos capaz de chamar a atenção de qualquer inteligência sadiamente desperta, mas que na verdade era o que estava tirando nossa atenção daquele espetáculo fantástico fazendo-nos temer um simples atraso pessoal. Como é possível que para a maioria das pessoas uma coisa tão pequena impeça a percepção destas coisas pelo período inteiro de uma vida humana?

Mas, chegando à escola, não paramos para pensar também que não estávamos chegando sozinhos a esta nobre instituição. Para que pudéssemos aprender alguma coisa, todo este aparato fenomenal que nos permitiu chegar à escola foi igualmente mobilizado para trazer dos lugares mais diversos dezenas ou centenas de outras pessoas para fazerem funcionar a escola normalmente enquanto pudéssemos estudar tranqüilamente. O nosso pequeno objetivo de nos dirigirmos à escola assim encontrava resposta num aparato de escala mundial, mas nem nós, nem nenhum dos funcionários da escola pensava nisto. Pensavam cada um deles apenas no salário que iam receber no fim do mês.

Como nós também não pensávamos no que acontecia à nossa volta, subimos as escadas correndo. Encontramos então não apenas um corpo de funcionários, mas também um corpo de professores que estavam sendo preparados desde a sua infância, recrutados das mais diversas cidades e educados por milhares de outros professores para que pudessem acumular um vasto conhecimento e tudo isto, enfim, para dar aquela aula

de quarenta e cinco minutos às vinte horas. Como é possível que um tão vasto complexo de forças naturais, que estamos descrevendo em sua mais ínfima parte, pudesse estar tão milimetricamente ajustado para um objetivo tão pequeno e para um aluno que, afinal de contas, o que fez em toda a sua vida para merecer semelhante coisa? Quem não é capaz de entrever a admirável beleza que existe por detrás de tudo isso e o admirável sono em que vivemos no nosso quotidiano?

Não se deve rir, portanto, dos pré-socráticos quando diziam que haviam feito da contemplação da natureza a razão de suas vidas.

Qualquer um, se tentar fazer o mesmo ainda que por breves momentos, perceberá que o quadro que começamos a pintar é mais assombroso ainda do que o que dele pudemos mostrar. E para completá-lo, como um arremate deste imenso espetáculo, a natureza finalmente produziu um ser capaz de tomar consciência de tudo isto, como se esta natureza estivesse querendo se elevar acima dela própria e admirar-se a si mesma. Os protagonistas deste ponto máximo do espetáculo natural eram, assim precisamente aqueles filósofos pré-socráticos que, ao que parece, cumpriam talvez o objetivo final da natureza e estavam provavelmente muito mais conscientes do seu lugar no mundo do que muitos de nós talvez poderiam jamais ter estado.





Capítulo 6

Deve-se compreender, ademais, que a atitude contemplativa em relação à natureza somente pode exercer o fascínio que exerceu entre estes que foram os primeiros filósofos se esta contemplação conseguir se elevar do plano da contemplação visual para o da contemplação intelectual. Não estivemos, de fato, nos referindo à beleza visual da natureza, mas a uma beleza inerente à mesma que somente pode ser vista não pelos olhos, mas pela inteligência. É apenas neste sentido que a natureza é capaz de constituir o desafio profundo para o espírito humano de que falamos acima.

Ela é capaz de chamar poderosamente a atenção do homem quando nós somos capazes de perceber como ela, apesar de não ser inteligente, parece participar da mesma espécie de racionalidade do espírito humano. Os movimentos da natureza que nos circunda parecem ter em si finalidades inteligentes. Tudo nela parece ter uma lógica, a mesma lógica de que nós homens nos utilizamos quando fazemos uma obra de arte ou executamos alguma outra atividade que necessite do uso da razão. Este fato é extremamente intrigante para o espírito de um observador mais atento; ele dá a impressão de que existe algum tipo de relação entre a natureza em seu conjunto e o modo da atividade da mente humana muito mais íntimo do que entre quaisquer outros objetos naturais entre si.

É justamente na base desta surpreendente afinidade entre o conjunto da natureza e a mente humana que reside a atração da primeira sobre a segunda; não, porém, apenas pela afinidade, mas principalmente porque a quantidade de atividades naturais que ocorrem simultaneamente diante de nossos olhos, todas sincronizadas e ordenadas umas para com as outras é imensamente maior do que qualquer mente humana seria capaz de coordenar ao mesmo tempo. Isto dá ao indivíduo que consegue transformar a observação meramente visual da natureza em uma atividade de contemplação intelectual a impressão de ter mergulhado a sua mente para o interior de uma mente imensamente maior do que a sua.

É deste efeito que esta atividade dos pré-socráticos não só

tirava o seu fascínio, mas também a tornava uma fonte de educação da inteligência, conforme veremos adiante, no final deste capítulo, em um testemunho de Platão.





Capítulo 7

Mas a atitude de contemplar a natureza não é algo que surge no homem já em sua forma mais plena e acabada. Ao contrário, é algo que pode ser aprendido, cultivado, disciplinado, aperfeiçoado ou, em outras palavras, pode ser objeto de educação. De fato, era objeto de educação entre os filósofos entre si.

E com esta afirmação temos um elemento importantíssimo para tentarmos compreender o desenvolvimento da filosofia e da filosofia da educação que está implícita em toda a filosofia. A contemplação da natureza, no sentido em que tentamos apresentá-la, apareceu como o primeiro grande objeto de educação entre os filósofos. Por que motivo? Por que este e não outro?

A resposta a esta pergunta obrigaria possivelmente muitos educadores a rever todas as suas concepções educacionais.

Porque, diriam os filósofos pré socráticos, ao contrário de tantas outras, esta é uma qualidade caracteristicamente humana. E nós, diriam, queremos desenvolver no homem as características que ele tem enquanto homem, e não apenas enquanto animal.

De fato, tomemos alguns exemplos. Educar o homem para a vida militar, como era a essência da educação em Esparta, não é desenvolver no homem uma qualidade caracteristicamente humana. A vida militar é para o homem um modo de defender a sua integridade corporal. Qualquer animal faz isto; a vida militar apenas faz o mesmo de um modo mais sofisticado.

Educar o homem para uma determinada profissão como a engenharia, a agricultura, a medicina, e outras mais, também não é desenvolver no homem uma qualidade caracteristicamente humana no sentido em que explicamos anteriormente. Os animais também fazem as suas tocas, procuram alimentos, tomam suas rudimentares providências quando estão doentes ou feridos. Através da construção, do plantio, dos remédios, o homem não faz algo essencialmente

diverso; mudou apenas o grau de sofisticação no que é comum a todos os animais. A educação para o mercado de trabalho, que visa principalmente através do labor a obtenção de casa, alimento e remédios, não difere essencialmente no homem da vida animal em geral, mas apenas circunstancialmente pelo grau de perfeição.

Educar o homem nas boas maneiras, na educação e no trato social também não é desenvolver no homem uma qualidade essencialmente humana. Grande parte dos animais vive em bandos ou em sociedades primitivas, como as alcateias de lobos, os bandos de elefantes, as colônias das formigas e as sociedades das abelhas, e tantos outros.

Mas ser capaz de compreender o espetáculo impressionante da natureza, contemplá-lo em toda a sua profundidade, estar consciente dele a todo momento e perceber a sua prodigiosa complexidade e quão inabarcável é em sua globalidade para um ato da inteligência humana, isto está acima da capacidade de qualquer outro ser natural, exceção feita ao homem. Ademais, tudo na natureza parece ter um sentido; pareceria conseqüente que houvesse também um sentido na sua obra mais perfeita, que é o homem; deveria haver, então, algum motivo natural para que a natureza tenha dotado o homem de alguma qualidade especificamente apenas a ele pertencente. É neste sentido, portanto, que nós, filósofos, queremos educar o ser humano. Senão, por mais que trabalhemos, nada mais estaremos fazendo do que educar um animal, apenas mais domesticável do que os demais.

É uma crítica terrível à maioria dos sistemas educacionais modernos. Os sistemas educacionais modernos vieram muitas vezes mais condicionados por pressões sociais do que por uma reflexão sobre a natureza humana. Esta reflexão dos filósofos coloca portanto, pela primeira vez, o problema de se questionar qual o fim a ser alcançado pela educação do homem, não restringindo, portanto, a pedagogia a um simples estudo de métodos cuja finalidade última é implicitamente imposta por forças históricas e sociais geralmente não conscientes.





Capítulo 8

Mas o exercício habitual da contemplação da natureza leva o homem não apenas a desenvolver esta qualidade unicamente humana em sua espécie, mas a se fazer outras perguntas com um grau de lucidez que podem se tornar o ponto de partida para uma vida mais digna de quem ele é.

De fato, quem tendo feito seriamente a experiência de observar atentamente a grandeza do que ocorre à nossa volta não é levado a perguntar:

**Como
aconteceu
tudo isso?**

**Como eu
vim parar
aqui
para
compreender
estas
coisas?**

**Como pode
ter-se
produzido
um ser
capaz de
compreender
isto?**

**Quem sou
eu?
O que é o
homem?
O que é o
mundo?
O que
significa
tudo isto?**

Nasce assim no homem o desejo de saber, mas de um saber diverso daqueles que nós costumamos querer saber nas salas de aula modernas ou no nosso dia a dia.

Nas salas de aula ou no nosso dia a dia nós não queremos saber nunca o que significa tudo isto. O que nós usualmente queremos saber é alguma coisa em particular. Como se faz determinada coisa, como se aprende determinada profissão, como se entende um determinado assunto, o que aconteceu tal época em tal lugar. Muito diferente é simplesmente desprezar todos os detalhes de cada um dos detalhes e perguntar diretamente:

**O que
significa
tudo
isto?**

Tudo isto. Este é o problema. Tudo isto, isto é, como quando alguém acorda em um hospital depois de um acidente de automóvel do qual não se lembra mais nada e, em vez de perguntar como funciona o aparelho do soro, qual a fórmula do remédio, para que serve aquele aparelho e como se constrói, não quer saber nada disso, mas a única coisa que ele quer saber e exige saber é:

**O que
significa
tudo
isto?
Onde
estou?
Por que
estou
aqui?
O que
significa
tudo
isto?**

Se eu não entender isto primeiro, de fato não serei nada mais do que um tonto e apenas estarei dando mostras de não ter uma compreensão do verdadeiro alcance do que está acontecendo.

Esta compreensão do verdadeiro alcance do que está acontecendo é o que chamamos de Filosofia, de modo que da contemplação é que nasceu a ciência filosófica. E, a nível individual, é preciso surgir primeiro a qualidade humana da contemplação para cada determinado indivíduo compreender o que seja a Filosofia; e somente a partir daí, dizem os que a isto chegaram, poderá alguém se compreender e viver uma vida digna do ser humano.

Cabe chamar a atenção dos alunos a que isto é uma concepção de pedagogia que deriva dos primeiros pré-socráticos; e é uma concepção de pedagogia bastante diversa da que se praticou em outras épocas.





Capítulo 9

Mas há ainda algo mais. Nós vimos os testemunhos dos escritores antigos sobre o caráter e a personalidade dos filósofos pré-socráticos. Em particular vimos a nobreza de caráter com que Plutarco descreveu a Anaxágoras e como estes traços passaram para Péricles que foi seu discípulo. Consta que muitas das maiores personalidades da Grécia antiga foram discípulos ou grandes amigos destes filósofos. Vimos também como os alunos das escolas fundadas por Pitágoras eram implorados para serem conselheiros dos estadistas da época. Não temos relatos mais detalhados sobre esta faceta dos pré-socráticos, mas baseados nos filósofos posteriores, somos levados a ter a certeza de que estes filósofos que se dedicavam à contemplação intelectual da natureza no sentido em que tentamos esboçar cultivavam a educação da personalidade dos seus discípulos. Na verdade, uma atividade não meramente visual, mas de cunho intelectual como era a vida contemplativa que eles levavam seria impossível de ser levada a efeito mesmo por breve tempo, quanto menos por uma vida, por uma pessoa de caráter egoísta, impaciente, repleta de maus instintos e ambições as mais diversas. Todos os filósofos posteriores a Sócrates tinham bem claro que não era possível desenvolver as capacidades intelectuais dos seus discípulos sem desenvolver-lhes paralelamente ou mesmo previamente as virtudes morais. A verdadeira vida intelectual no sentido filosófico é impossível sem o desenvolvimento moral prévio do homem. O simples aprendizado de uma arte ou de um ofício, ou a aquisição de uma cultura geral que permita uma convivência social, como ocorre atualmente, não carrega consigo esta exigência imprescindível de uma educação integral do homem. Mas o contrário deve ser dito quanto aos objetivos intelectuais dos pré-socráticos e da filosofia em geral, pelo menos em seu período clássico. É assim que, de acordo com um testemunho de Platão em relação aos pré-socráticos, assim que os homens começaram a se dedicarem à contemplação do céu no sentido em que viemos expondo, aprenderam também a disciplina interior do espírito.

Diz, de fato, Platão no Diálogo conhecido pelo nome de Timeu, que

**"de todas as
especulações
que
atualmente
se podem
fazer sobre o
mundo,
nenhuma
teria sido
possível se
os homens
não tivessem
visto nem os
astros, nem
o Sol, nem o
Céu. Porém,
na situação
efetiva,
existem o dia
e a noite, os
equinócios,
os solstícios,
coisas que
nos deram o
conhecimento
do número e
nos
permitiram
especular
sobre a
essência do
Universo.
Graças a
isso foi-nos
dada esta
espécie de
ciência, da
qual pode-se
dizer que
nenhum bem
maior foi
jamais dado
ao homem. O**

***motivo pelo
qual Deus
criou a visão
foi o seu pré
conhecimento
de que, tendo
nós humanos
observado
os
movimentos
periódicos e
regulares da
inteligência
divina,
poderíamos
fazer uso
deles em nós
mesmos;
tendo
estudado a
fundo estes
movimentos
celestes, que
são
partícipes da
retidão da
inteligência
divina,
poderemos
então
ordenar por
eles nossos
próprios
pensamentos,
os quais,
deixados a si
mesmos, não
cessam de
errar".***

São Paulo, 8 de maio de 1989





PITÁGORAS

Capítulo 1

Parmênides foi o mais importante dos filósofos pré-socráticos. É muito difícil, senão impossível, entender os rumos da Filosofia Grega e da Educação Grega sem compreender o papel que este homem desempenhou na Filosofia e as conseqüências de sua obra na Pedagogia.





Capítulo 2

Conforme vimos na Introdução sobre a Situação Histórica do Mundo Antigo, a história da cidade de Atenas confunde-se em muito com a história da Grécia. A cidade começou a desempenhar um papel de importância dentro da história grega em torno do ano 600 AC, por ocasião da reforma de Sólon, através da qual nela instaurou-se a democracia. Esta data coincide com o surgimento dos primeiros filósofos gregos, o que se deu, porém, não em Atenas. Tales de Mileto e Anaximandro de Mileto, contemporâneos e concidadãos, são os primeiros filósofos gregos que a história registra. Duzentos anos depois, com a morte de Sócrates, este já um ateniense, Atenas passou também a se tornar o centro da Filosofia Grega. Mas entre Tales e Sócrates, neste período de duzentos anos, muita coisa teve que acontecer para que pudesse ter-se produzido esta mudança.





Capítulo 3

Cem anos depois de Tales de Mileto a Pérsia tentou invadir a Grécia por três vezes, daí resultando as famosas guerras médicas narradas por Heródoto. Os atenienses saíram vencedores, e com a imensa esquadra que haviam construído para derrotar os persas construíram um império comercial marítimo de cidades colônias em várias partes do Mar Mediterrâneo. Foi a época da máxima prosperidade ateniense, conhecida pelo nome de quem foi o seu mais famoso governante, a época de Péricles. Foi nesta época que Anaxágoras introduziu pela primeira vez a filosofia em Atenas.

Mas ainda não tinham se passado cem anos desde o fim das guerras médicas quando outra guerra, desta vez entre gregos, destruiu o poderio ateniense e fêz da Grécia o caos político. Foi a Guerra do Peloponeso, travada entre espartanos e atenienses, período durante o qual Sócrates desenvolveu a sua obra como filósofo. Foi justamente em pleno caos do pós guerra que Sócrates foi condenado à morte no ano de 399 AC.





Capítulo 4

Parmênides havia nascido em Eléia, cidade colônia grega na Itália, próximo de onde hoje fica a cidade de Nápoles. Nasceu pouco antes das guerras médicas, mas quando tinha aproximadamente 60 ou 70 anos, na época de Péricles, viajou para Atenas a fim de expor ali sua doutrina filosófica. Ao que parece, Sócrates, ainda mocinho, teria ouvido as suas conferências e as de seus discípulos, que com Parmênides também tinham viajado para Atenas.

Mas Parmênides havia sido discípulo, por sua vez, de um aluno de uma das escolas fundadas por Pitágoras e, segundo dizem alguns historiadores antigos, havia, sob a influência deste, conduzido uma vida conforme os preceitos de Pitágoras, uma vida, conforme diziam, "pitagórica".

Vamos, pois, expor algo sobre a pessoa de Pitágoras para então podermos passar a falar de Parmênides.





Capítulo 5

Pitágoras nasceu na ilha de Samos, antes das guerras médicas, uma ilha que fica entre a Grécia e a atual Turquia.

Ao que parece, foi discípulo de Anaximandro, filósofo de quem já comentamos anteriormente. Anaximandro era natural de Mileto e contemporâneo de Tales de Mileto. Considerando a índole de Pitágoras pelo que ele realizou posteriormente, se for verdadeira a informação de seu relacionamento com Anaximandro, é praticamente impossível que ele não tenha sido pelo menos conhecedor próximo do pensamento e da pessoa de Tales de Mileto, sobre o qual também já nos detivemos mais amplamente. Pitágoras, pois, conheceu a filosofia grega desde os seus princípios.

É possível que não tenha se contentado com a sabedoria que tais mestres puderam passar-lhe. De fato, tudo indica que depois de ter sido discípulo de Anaximandro e de Tales de Mileto, mudou-se para o Egito a fim de estudar com os sábios daquela terra. Era o Egito a civilização mais adiantada daquela época, e que já tinha mais de dois milênios de história. Pitágoras ficou estudando entre os Egípcios, segundo algumas fontes históricas antigas, mais de vinte anos.





Capítulo 6

Esta grande estabilidade do Império Egípcio contrastava com o que vinha acontecendo na Mesopotâmia, o outro berço da civilização, junto com o Egito. Enquanto o Egito atravessava os séculos, na Mesopotâmia haviam se estabelecido os Sumérios, que depois foram conquistados pelos Babilônios, que foram por sua vez conquistados pelos Assírios, que foram depois reconquistados pelos Babilônios, os quais foram finalmente conquistados pelos Persas. Estes por sua vez vieram posteriormente a serem conquistados pelos Macedônios, depois conquistados pelos Romanos. Mas até a época de Pitágoras a história somente havia chegado até os Persas.

Antes da conquista persa, no ano de 587 AC os Babilônios haviam deportado para a miscelânea cultural que era a Mesopotâmia os judeus que até então viviam na Palestina no Reino de Judá. Ali, no meio desta mistura de culturas, durante os 70 anos que durou a deportação e o cativeiro, os primeiros rabinos iniciaram as que vieram a ser posteriormente as academias de teologia judaicas. Ali também, no exílio, floresceram profetas importantes para o povo judeu, como os profetas Ezequiel e Daniel, este último, apesar de judeu, tendo chegado a ser alto funcionário da corte do rei da Babilônia.





Capítulo 7

Ora, aconteceu que quando Pitágoras estudava no Egito, excetuando-se os gregos, todas as demais civilizações importantes da história ou os seus legados estavam reunidas na Mesopotâmia. Setenta anos após a deportação dos judeus para a Babilônia os persas conquistaram-na e permitiram aos judeus voltarem para a sua pátria. Nem todos voltaram. Muitos estudiosos das Sagradas Escrituras e o próprio profeta Daniel continuaram ali, este último agora como alto funcionário da corte do rei persa.

Os persas, porém, conseguiram a façanha que até então nenhum outro povo tinha conseguido. Entraram no Egito, derrotaram as suas forças e levaram as cortes e os sábios egípcios, amarrados uns aos outros pelo pescoço, também para a Mesopotâmia. Para os egípcios foi um golpe mortal. Embora não todos os egípcios tivessem sido deportados, toda a sua nata foi exilada à força. Foi o fim da civilização egípcia. Junto com estes egípcios estava também, ao que parece, a caminho da Pérsia, o grego Pitágoras.





Capítulo 8

Mais de uma década ficou Pitágoras estudando na Mesopotâmia, aproveitando-se dos caprichos do destino, possivelmente em contato com os representantes de todas as demais civilizações importantes que haviam surgido ao longo da história reunidos naquele lugar. Passados mais de dez anos, resolveu então voltar para a sua terra, a Grécia. Não se dirigiu, porém, para Samos sua pátria, nem para Atenas, mas para uma cidade colônia grega do sul da Itália chamada Crotona. Ali fundou uma escola.





Capítulo 9

É fundamental entender a importância deste fato. Este homem, ao que parece, teve íntimo contato com os primeiros filósofos gregos pré-socráticos, foi discípulo dos maiores sábios da época, que eram os egípcios, aproveitando a última chance para tanto imediatamente antes desta civilização ter perecido nas mãos dos persas, e foi levado para o lugar onde a história fez confluir todas as demais civilizações importantes que até então havia havido, inclusive a judaica. Por uma série de circunstâncias fortuitas, este homem pode travar contato com tudo aquilo que tinha havido até então de importante no mundo em termos de conhecimento.





Capítulo 10

Além disso, deve-se notar que quando falamos dos pré-socráticos até agora nunca falamos de uma escola. Não sabemos como eles se ensinavam uns aos outros. A primeira vez na história que entre os gregos aparece uma escola organizada para a transmissão do conhecimento foi com Pitágoras. Dificilmente poderia ter aparecido por obra de outra pessoa mais qualificada.





Capítulo 11

Não que não existisse ensino na Grécia naquela época. Certamente havia quem ensinasse a ler e a escrever, e ainda teremos a oportunidade de analisar como era o ensino em Atenas e entre os gregos desta época. Mas tratavam-se, pelos registros históricos, de iniciativas excessivamente rudimentares e de muito pouca ambição intelectual. Quanto ao ensino que os filósofos administravam até então, este não consta que tenha sido através de escolas.





Capítulo 12

Pouquíssima coisa sabe-se sobre a doutrina e os métodos pedagógicos de Pitágoras. Mas estas pouquíssimas coisas são importantíssimas que sejam mencionadas, entre outros motivos porque parecem terem sido todas seguidas, muitas vezes à risca, outras vezes pelo menos em suas linhas essenciais, por Platão, do qual temos abundantes informações e foi um dos maiores educadores e filósofos de todos os tempos. Platão foi discípulo de Sócrates, mas depois da morte do mestre consta que ele tenha passado algum tempo estudando nas escolas de Pitágoras que ainda subsistiam, apesar de já haver-se passado um espaço de tempo da ordem de uma centenas de anos.





Capítulo 13

Nas escolas de Pitágoras entrava-se para ser filósofo e estudar em busca da sabedoria pelo resto da vida. As escolas eram rigorosíssimas, selecionavam os candidatos a serem admitidos e, admitidos, durante os primeiros anos os alunos eram obrigados ao silêncio completo apenas ouvindo e meditando a doutrina exposta pelos professores. Havia a obrigação de observar o celibato e depois de alguns anos todos os participantes da escola colocavam seus bens em comum.





Capítulo 14

Pitágoras era exigente quanto à formação ética dos alunos e dava uma altíssima importância ao estudo da matemática para a formação filosófica dos discípulos. Ao contrário dos primeiros pré-socráticos, que diziam que a substância em que consistia a natureza era a água, o infinito, o ar, o fogo, os átomos, as sementes indivisíveis ou outro qualquer elemento, os pitagóricos afirmavam que os números eram os princípios de todas as coisas.





Capítulo 15

Para entender esta afirmação, devemos voltar às concepções filosóficas dos primeiros pre-socráticos. Eram pessoas que faziam da contemplação intelectual da natureza o objeto da vida de suas inteligências.

Há que se lembrar da definição de filósofo de Pitágoras, a do indivíduo que, nos Jogos Olímpicos, não tem nenhum outro interesse senão contemplar o que está acontecendo.

Ora, esta contemplação leva facilmente à percepção que a natureza em nossa volta, apesar de não ser inteligente, parece participar da mesma espécie de racionalidade do espírito humano. Nada ela faz por acaso, tudo parece ter uma finalidade. Basta observar o corpo humano, as plantas, os diversos animais, a interdependência entre eles e deles para com o resto do mundo e dos corpos celestes. Se esta ordem e estes fins foram ou não escolhidos inteligentemente, isto não importa para o que estamos examinando. O que importa é que tudo se passa como se o tivesse sido, pois se o tivesse sido, provavelmente não teria sido possível que se o tivesse feito de um modo melhor. A natureza parece se comportar tal qual uma obra de arte feita por uma inteligência que soube combinar milhares e milhares de elementos na medida mais engenhosa possível. Os desenvolvimentos modernos da Física, da Química e da Biologia, longe de desmentir este fato, não fazem mais do que confirmá-lo mais profundamente. A Bioquímica mostra que não só os órgãos, mas qualquer substância química que se encontre no corpo humano ou no corpo de qualquer ser vivo, ainda que seja nos seus mínimos traços, nunca está ali sem sentido. Podemos perguntar por que está ali, qual a sua finalidade. E quando descobrimos o motivo, verificamos o quanto a natureza conhecia o corpo daquele animal e como solucionou um problema intrincadíssimo de química com uma solução que nenhum químico não só não encontraria outra melhor, como também provavelmente não seria capaz sequer de elaborar outra igual. Vamos abstrair de nossa discussão, pelo menos neste momento, se foi uma inteligência, o acaso ou a evolução que fez tudo isto. O fato é que, independentemente de como isto aconteceu, à observação do filósofo, a natureza se comporta

evidentemente com a racionalidade e a estética do tipo que se encontram nas obras de arte da inteligência humana, mas num grau de complexidade e de beleza muito acima da capacidade de criação e de coordenação do homem.

Ora, quando analisamos uma obra de arte humana, uma música, por exemplo, embora esta música seja feita de vibrações sonoras, não é correto dizer que o tipo de material de que são feitas as cordas dos violinos ou as vibrações sonoras que são emitidas por elas é que são a verdadeira essência da música. A essência da música está em uma mensagem que não é materialmente identificável. Sua beleza está na harmonia e nas proporções que ela apresenta, não no ar em que o som vibra ou no material de que é feito o instrumento.

Ora, o filósofo contempla e aprende a contemplar a natureza de um modo que se parece muito mais com alguém que ouve maravilhado uma sinfonia do que com os nossos cientistas quando analisam os dados produzidos pelas experiências de seus laboratórios. Eles faziam da natureza a música da inteligência, porque de fato ela se comporta desta maneira. Parece que alguém quis tocar com ela uma música que só um verdadeiro homem poderia ouvir.

É assim que parece que provavelmente Pitágoras discordou das primeiras posições dos pré-socráticos. Quando ele afirmou que os números são a essência da natureza, e não a água, o fogo, os prótons, os nêutrons, os elétrons ou as radiações eletromagnéticas, queria dizer com isto que se a natureza se comporta ao modo da racionalidade da mente humana, é a sua própria ordem que é a sua essência, e não o material de que ela possa ser feita.





Capítulo 16

Quando, ademais, Pitágoras comparava o Filósofo aos expectadores dos Jogos Olímpicos, o expectador que se desapega dos vários interesses da vitória, das compras e das vendas que se desenvolvem paralelamente a estes Jogos, para contemplar atenciosamente o que ocorre no mundo, esta sua colocação deve ainda ser entendida à luz de outra de suas afirmações que nos vieram sobre o que é ser um filósofo.





Capítulo 17

Na verdade, foi Pitágoras quem inventou a palavra 'filósofo'. Quando certa vez haviam perguntado a Pitágoras o que era um homem sábio, Pitágoras respondeu que não existe um homem sábio. A sabedoria não é coisa dos homens. A sabedoria deve ser atribuída exclusivamente a Deus, dizia Pitágoras. O homem, no máximo, pode ser um amigo da sabedoria, isto é, um filósofo, termo que em grego significa exatamente isto, 'amigo da sabedoria'. O homem pode ser no máximo um amigo da sabedoria e procurar imitar o mais possível a sabedoria que se encontra plenamente possuída apenas por Deus. De fato, a sabedoria de Deus seria, neste sentido, a contemplação intelectual de si próprio e da obra de sua criação e, quando o homem faz também isto ele de fato está procurando imitar a mente divina e não está fazendo nada mais do que viver na terra uma vida semelhante à que seria a do próprio Deus. Estaria aprendendo, assim, a assemelhar-se, através de sua inteligência, ao seu Criador. É esta elevação do espírito humano que constituiu o ideal pedagógico das escolas pitagóricas.





Capítulo 18

Nós podemos ver este ideal pedagógico pitagórico refletido nas obras de um filósofo cristão bastante posterior, chamado Boécio.

Boécio viveu na época da queda do Império Romano do Ocidente, quando os ostrogodos invadiram a Itália e nela instalaram o seu governo. Boécio era descendente de uma nobre família romana que o havia enviado, aos dez anos de idade, para a cidade de Atenas estudar filosofia e matemática. Lá estudou até transformar-se em uma enciclopédia viva de toda a sabedoria antiga. Embora fosse cristão convicto, seu envolvimento com a filosofia foi tão grande que, em sua obra, sua herança filosófica desempenha um papel tão ou talvez mais importante do que a sua herança cristã.





Capítulo 19

No fim da sua vida Boécio foi caluniado, acusado de conspirar contra o rei dos ostrogodos. Foi lançado a um cárcere enquanto aguardava a execução da sentença de morte.

Ali no calabouço, enquanto esperava a morte, Boécio escreveu um livro que ficou na história, chamado "A Consolação da Filosofia", no qual claramente aparece em algumas de suas passagens a inspiração dos primeiros filósofos pre-socráticos e pitagóricos.

Ele imagina, no início do livro, que tem a visão de uma formosa dama, que é a Filosofia. Ela o vê aflito e chorando e com isto inicia-se um diálogo:

*- Por que
choras,
Boécio?*

*Por que os
teus olhos se
convertem
em fontes?*

*Conta-me
tudo
sinceramente,
não me
ocultes nada.
Se desejas
que o médico
te dê o
remédio,
deves
declarar-lhe
a ferida.*

Boécio então responde a estas palavras dando uma resposta

**que nada mais é do que o ideal de vida dos pre-socráticos e
mais especialmente de Pitágoras:**

**- Por acaso
há
necessidade
de
explicações?**

**Por acaso
este lugar
não te diz
nada?**

**Por acaso
este é o
lugar onde
todos os
dias eu
estudava
contigo a
respeito das
coisas
divinas e
humanas?**

**Era este o
rosto que eu
tinha
quando eu
contemplava
os segredos
da natureza,
quando tu
me
mostravas o
curso das
estrelas, e
instruindo-
me nos
costumes
me**

***ensinavas a
ordenar toda
a minha vida
seguindo o
exemplo do
concerto
celeste?***

***Vejas em
que foi dar o
prêmio de
nossa
inocência,
ser
condenado à
morte por
um falso
delito.***

***Como se tu,
que estavas
sempre
junto de
mim, não me
afastasses
do desejo
das coisas
mortais,
cada dia
derramando
em meus
ouvidos e
em meus
pensamentos
aquela
sentença de
Pitágoras,
que o
homem há
de servir a
Deus e não
aos deuses,
e procurar***

***assemelhar
a sua vida à
dEle!***





Capítulo 20

Assim se expressou, pois, Boécio, citando inclusive Pitágoras pelo nome. Mas Pitágoras, além disso, queria que os seus discípulos, uma vez formados e maduros na vida filosófica, se oferecessem aos governos da época como conselheiros políticos, pois dizia que enquanto os governos não fossem guiados pela Filosofia jamais poderiam governar sabiamente. De fato, em todas as cidades em que Pitágoras ou seus discípulos abriram suas escolas, logo se formava um conselho de filósofos pitagóricos que acabava por ter participação importante na política de muitas cidades e colônias gregas. A primeira escola fundada por Pitágoras, em Crotona, no sul da Itália, teria desaparecido em um incêndio provocado em represália à tentativa feita pelo Conselho de seus alunos de impedir a aprovação de certas leis que eles percebiam serem injustas, mas sobre este aspecto do ideal pitagórico assim se expressou o filósofo Jâmblico em uma das principais biografias que a antigüidade nos deixou de Pitágoras:

*"A primeira
tarefa
empreendida
por Pitágoras,
ao chegar à
Itália e à
Sicília, foi a
de inspirar o
amor à
liberdade às
cidades que
ele entendia
terem-se
recentemente
oprimido uma
à outra pela
escravidão.*

*Por meio de
seus
auxiliares ele*

***libertou e
restaurou a
independência
em Crotona,
Síbaris,
Catânia,
Régio,
Himera,
Agrigento,
Tauromênas
e em algumas
outras
cidades.***

***Através de
Carôndas de
Catânia e de
Zalêuco, o
Locriano,
conseguiu
estabelecer
leis que
causaram o
florescimento
destas
cidades e que
se tornaram
modelos para
outras nas
suas
proximidades.***

***Ele
desenraizou,
por diversas
gerações,
conforme
atesta a
história, o
partidarismo,
a discórdia e
a sedição de
terras***

***italianas e
sicilianas, em
lugares que
naquela
época eram
perturbados
por
contendas
internas e
externas.***

***Em todos o
lugares ele
repetia, com
a persuasão
de um
oráculo, que
devemos por
todos os
meios
amputar do
corpo a
doença, da
alma a
ignorância,
do lar a
discórdia, e
de todas as
coisas,
quaisquer
que sejam, a
falta de
moderação".***





Capítulo 21

Fica-se a imaginar se não existe alguma relação não só entre este ideal de Pitágoras de instaurar a justiça através da Filosofia, mas também entre todo o ideal pedagógico pitagórico e alguns ensinamentos do profeta Daniel.

Pode ser uma coincidência, mas o fato é que, enquanto Pitágoras estudava na Pérsia, entre aqueles sábios das mais diversas nacionalidades, Daniel era um dos ministros do rei Persa e compunha o seu livro que depois passou para o cânon da Bíblia. Ora, este Daniel não era apenas uma pessoa que levava uma vida santa segundo a lei de Moisés, mas era o que chamaríamos também de um sábio. Várias de suas profecias haviam sido feitas diretamente aos reis mesopotâmicos, o que lhe havia granjeado a estima deles e provavelmente uma certa fama, que não dificilmente poderia ter chegado aos ouvidos de Pitágoras, ávido de conhecimento e que por ali vivia na época. Os milagres que consta terem sido realizados por Daniel nas cortes mesopotâmicas também podem ter contribuído para esta fama.

Ora, no décimo segundo capítulo de seu livro, em uma de suas profecias, Daniel se refere aos sábios enaltecendo conjuntamente com eles o ideal do ensino de um modo que, se considerarmos que ele não está fazendo uma poesia, mas antevendo algo que segundo ele pertence verdadeiramente à ordem dos fatos reais, não poderá deixar de parecer muito impressionante. O fim dos tempos, diz ali Daniel,

**"será um
tempo de
angústia
como
jamais
houve
desde que
as nações
existem até
aquele
tempo.**

**Mas
naquele
tempo
serão
libertados
todos os
que se
acharem
inscritos no
Livro.**

**E muitos
dos que
dormem
debaixo da
terra
despertarão,
uns para a
vida eterna,
outros para
o vitupério,
para a
infâmia
eterna".**

Então, continua Daniel,

**"os sábios
resplandecerão
como o fulgor
do firmamento,
e os que
tiverem
ensinado
a muitos para
a justiça
serão como
estrelas
para a
perpétua
eternidade".**





Capítulo 22

Depois da primeira escola de Crotona, Pitágoras fundou outras nas colônias gregas do sul da Itália e depois ainda em vários lugares do restante do mundo grego. Foi de um dos alunos destas escolas que Parmênides, também italiano, recebeu sua primeira educação filosófica, dirigindo-se, posteriormente, em sua maturidade, para Atenas a fim de expor ali as suas doutrinas.

São Paulo, maio de 1989





PARMÊNIDES, Primeira Parte

Capítulo 1

Quem compreendeu o espírito das escolas pitagóricas e a distância que vai destas para os primeiros pré-socráticos, poderá compreender melhor como se moldou a doutrina que divisamos nos fragmentos que nos restaram das obras de Parmênides. Segundo um testemunho de Diógenes Laércio, um escritor da Antigüidade que escreveu a biografia de vários filósofos gregos, Parmênides recebeu sua educação de um filósofo pitagórico chamado Ameinias e levou uma "vida pitagórica".





Capítulo 2

Os primeiros pré socráticos perceberam claramente como a natureza parece participar do caráter racional da mente humana a ponto de, fazendo-a objeto de contemplação intelectual, utilizarem-se desta contemplação da natureza como uma forma de educação da inteligência humana.





Capítulo 3

Os pitagóricos foram mais longe. Pois, conforme vimos, deram-se tão mais profundamente conta deste caráter aparentemente inteligente do mundo que nos cerca que chegaram ao ponto de afirmar que nenhum princípio material, nenhuma molécula, nenhum átomo ou nenhum tipo de partícula sub atômica poderia jamais ser a essência da natureza, mas sim esta sua aparente participação de uma natureza racional.





Capítulo 4

Mas Parmênides, observando a natureza, foi mais longe do que todos os seus antecessores. Nos fragmentos de sua doutrina encontramos uma passagem de Clemente de Alexandria que reporta Parmênides ter dito que

***"o
mesmo
é o ser
e o
pensar".***

Esta afirmação, interpretada à luz do conjunto de sua doutrina e do conjunto dos filósofos posteriores, é na verdade uma das intuições mais profundas da história do pensamento.





Capítulo 5

Parmênides apresenta esta e outras colocações semelhantes depois de uma introdução poética em que descreve ser transportado por uma carruagem de éguas capazes de levá-lo para onde o coração pedisse até a morada dos deuses que passaram a instruí-lo neste princípio e em suas conseqüências.





Capítulo 6

Esta introdução do poema de Parmênides pode ser um simples recurso poético para mais artisticamente chamar a atenção do leitor que iria ler o restante de seu texto.





Capítulo 7

É possível, porém, interpretá-lo como significando algo mais do que uma formalidade poética. Neste sentido, a carruagem seria a própria inteligência de Parmênides, que se prepara para a reflexão e a atividade intelectual. As éguas capazes de levá-lo para onde o coração pedisse são os desejos do filósofo de alcançar compreensão a respeito do assunto ao qual sua inteligência se aplica. Quando este desejo ou interesse é intenso, ele arrasta consigo a atividade intelectual na direção desejada tal como uma carruagem puxada por muitas éguas. A morada dos deuses, isto é, o ponto de chegada da carruagem, é a clareza da mente obtida quando ela compreende os princípios que governam o assunto examinado. Pode ser que Parmênides chamasse esta compreensão dos princípios como a morada dos deuses porque costuma-se associar aos deuses, ou a Deus, ser o princípio de todas as coisas. Seja como for, o fato é que chegando à morada dos deuses, Parmênides declara em seguida, nos fragmentos restantes, ter sido instruído por eles nos primeiros princípios da investigação filosófica.





Capítulo 8

Este modo de se expressar de Parmênides mostra uma pessoa habituada não só ao trabalho da inteligência em geral, mas àquilo a que já chamamos de contemplação intelectual.

O que permite interpretar esta introdução deste modo é, dentre outras coisas, a alusão das éguas que levam a carruagem

***"onde o
coração
pedisse".***

É uma experiência natural que quando ao trabalho intelectual se une um componente afetivo, a atividade da inteligência pode passar natural e espontaneamente do raciocínio para a contemplação. Este fato foi sempre bem familiar entre os filósofos clássicos; ele é, entretanto, menos familiar nos tempos atuais porque hoje em dia a educação da inteligência não é um empreendimento cuja última finalidade é ela mesma, isto é, a própria inteligência. A educação da inteligência atualmente é, em geral, apenas um instrumento utilizado pela sociedade para a produção de bens. Estes bens podem ser bens de consumo, podem ser o próprio trabalho útil, podem ser também livros ou mesmo apenas uma nova teoria ou uma nova idéia que será registrada em um livro, em um arquivo ou na memória de um computador, mas será sempre alguma outra coisa além do simples enobrecimento da inteligência. No sistema educacional atualmente vigente o enobrecimento da inteligência, quando se dá, não se dá senão em função do outro objetivo realmente pretendido. Como tais objetivos, porém, são geralmente muito limitados, o resultado é que normalmente os educandos não terão familiaridade senão com atividades da inteligência igualmente muito limitadas.





Capítulo 9

Mas, voltando aos princípios de Parmênides, este dizia que o mesmo é o ser e o pensar. Ao que tudo indica, com isto ele quis dizer que a estrutura dos seres reais e a estrutura do pensamento são exatamente a mesma.





Capítulo 10

Dizer que a estrutura dos seres reais e a estrutura do pensamento são exatamente a mesma, significa dizer que as leis fundamentais que regem os seres reais e as leis fundamentais que regem o pensamento são exatamente as mesmas.

Ou seja, que o que é impossível para o pensamento enquanto pensamento é impossível para os seres enquanto seres e vice-versa.





Capítulo 11

Mas devemos aqui, antes de prosseguirmos, perguntar o que queremos dizer com algo ser impossível para o pensamento.

É impossível para o pensamento aquilo que envolve uma íntima contradição de lógica. Neste sentido, não é impossível para o pensamento, por exemplo, conceber um ser humano com várias cabeças. Um ser humano com várias cabeças seria uma coisa estranha e que nunca foi vista, mas um homem com várias cabeças, ou uma galinha com quatro patas, ou outras coisas deste tipo não envolvem uma contradição de lógica. Estas coisas não existem, mas nada impediria que elas existissem se a ordem natural fosse diferente e, além disso, esta mesma outra ordem natural não é também impensável.





Capítulo 12

Uma contradição de lógica é alguma coisa que é impensável simplesmente. Por exemplo, dois mais dois serem cinco é algo que envolve uma contradição de lógica.

Como um outro exemplo, a matemática prova que a soma dos ângulos internos de um triângulo é sempre igual a 180 graus. A existência de um triângulo cujos ângulos internos somados tivessem como resultado um valor diferente de 180 graus envolveria uma contradição de lógica. Além disso, deve-se acrescentar também que jamais foi visto um triângulo destes em lugar algum.

Uma coisa ser e não ser uma mesma coisa ao mesmo tempo é uma outra contradição de lógica que jamais foi vista em lugar algum.

Um fato que aconteceu passar a jamais ter acontecido é também outra contradição de lógica que nunca consta ter sido vista.





Capítulo 13

Todas estas constatações, isto é, todas estas constatações de que cada uma destas contradições de lógica nunca foram observadas no mundo real, podem em um primeiro exame ser consideradas como fatos tão evidentes que não necessitariam de maiores explicações. Mas, quando se consideram melhor estas mesmas coisas, vemos que não estamos diante de algo tão simples como nos parecia.

Sim, porque se alguma coisa envolve uma contradição de lógica e, portanto, se é ininteligível por causa deste motivo, isto é uma propriedade que pertence ao mundo do pensamento. Significa que há certas coisas as quais o mundo do pensamento é radicalmente incapaz de apreendê-las. O mundo do pensamento não é incapaz de apreendê-las porque isto lhe seja difícil, é incapaz de apreendê-las porque para o pensamento trata-se de uma coisa impossível em si mesma. É impossível para ele agora e será impossível para ele sempre. É uma limitação do mundo do pensamento, pela qual ele não é capaz de conceber tais coisas. Nele tais pensamentos não fazem sentido e simplesmente não podem ser consistentemente concebidos.





Capítulo 14

Mas se o mundo do pensamento não é capaz de concebê-las, isto não deveria significar que elas não possam existir.

No entanto, parece que é exatamente o contrário o que acontece, porque nunca tais coisas foram vistas em lugar algum e, ademais, ninguém tem esperança de que um dia venham a sê-lo. Com isto somos conduzidos à seguinte pergunta:

***"Por que não
pode existir
alguma
coisa que a
mente
humana seja
radicalmente
incapaz de
compreender,
se esta é
uma
limitação do
mundo da
inteligência
e apenas do
mundo da
inteligência?"***

Por que esta limitação parece ser também uma limitação do mundo da natureza, se a natureza não é uma mente?

Por que não poderia existir dentro da realidade uma coisa que envolvesse uma contradição de lógica?

Por que eu não poderia ver diante dos meus olhos uma coisa que a mente fosse capaz de provar que para a inteligência ela é contraditória mas que, apesar disso, já que a natureza não é obrigada a ter as restrições que são próprias do mundo da inteligência, ela seria capaz de produzir?

Uma contradição de lógica, como o próprio nome sugere, é algo que por sua natureza não pode existir no mundo mental. Mas por que esta lei do mundo mental parece ser também uma lei do mundo real?

Existiria, então, uma relação entre o mundo do pensamento e o mundo da natureza mais profunda do que os filósofos pré-socráticos anteriores haviam imaginado?

É isto o que Parmênides quis dizer quando afirmou que

***"o ser é
o
mesmo
que o
pensar".***





Capítulo 15

E isto não é só o que ele disse, mas o que todos nós podemos ver por nossa própria experiência.

Quando nós chegamos à conclusão de que um raciocínio envolve uma contradição, nós freqüentemente dizemos simplesmente: "Isto não existe".

Nós não dizemos: "Isto é impensável". Esta última afirmação deveria ser aparentemente a única coisa que teríamos direito de dizer.

Quando nos vemos diante destas contradições, na maior parte das ocasiões nós pulamos a conclusão "Isto é impensável" e saltamos direto para a outra: "Isto não pode, em hipótese alguma, existir".





Capítulo 16

Chegamos assim a uma conclusão digna de atenção. A natureza e o mundo do pensamento parecem seguir as mesmas leis.

Certas leis fundamentais da atividade intelectual, que não parecem que devam ter relação com a natureza, são leis igualmente rigorosas para com a existência dos seres em geral.





Capítulo 17

Devemos notar que esta constatação sobre a natureza é mais profunda do que aquelas que os primeiros pré socráticos nos deixaram.

Com os dados dos pré socráticos anteriores a Parmênides somente podíamos chegar à conclusão de que a natureza tinha uma aparência de participação da natureza racional. Mas com Parmênides vamos além. A natureza parece se mostrar como verdadeiramente participante dos mesmos fundamentos da natureza racional.

Com os pré socráticos anteriores a natureza parecia inteligente, comportava-se como se fosse inteligente, podia ser utilizada como objeto da nossa atividade inteligente, mas era sempre tratada "como se fosse" dotada de uma participação da natureza inteligente. Mas agora, com Parmênides, ele consegue perceber que, em um certo sentido, o ser é o mesmo que o pensar, e com isto parece que esta interdependência entre natureza e pensamento é mais séria do que pensávamos.





Capítulo 18

É importante mostrar como a constatação deste fato é um desafio mesmo para a ciência moderna.

Um cientista moderno que estivesse ouvindo Parmênides e que não tivesse tido tempo para refletir sobre o assunto diria, num primeiro momento, que sua primeira impressão sobre a constatação de Parmênides seria a de não se tratar de algo tão extraordinário assim. Antes, ao contrário, este fenômeno teria uma explicação até elementar. Esta explicação, diria o cientista, vem da teoria da evolução.





Capítulo 19

Segundo a teoria da evolução, todo ser vivo, animal ou vegetal, tem continuamente descendentes que podem estar sujeitos a mutações ocasionais. Quando, por acaso, estas mutações são melhor ambientadas ao mundo que os cerca e os torna mais aptos para a luta pela sobrevivência, isto faz com que sobreviva o animal mais apto em detrimento do animal menos apto. Desta maneira, a natureza seletiva, automaticamente, os seres mais evoluídos dos menos evoluídos.

Assim, por exemplo, em época de escassez de alimentos, as espécies que podem se alimentar de um número maior e mais diversificado de alimentos sobrevivem, enquanto que as que são obrigadas a uma alimentação mais restrita parecem e se extinguem.





Capítulo 20

Assim é que se explica, diriam os biólogos, a admirável adaptação do ser humano ao meio ambiente. É a seleção natural que favorece os seres vivos que, por acaso, estavam mais adaptados ao meio que os circunda.





Capítulo 21

Por exemplo, o homem não enxerga, por meio da sua vista, os raios X, mas apenas a luz nos comprimentos de onda normalmente emitidos pelos objetos à sua volta. Como a teoria da evolução explica isto?

Isto aconteceu porque se tivesse existido alguma vez algum animal dotado de visão de raios X este animal nada veria, já que os corpos na superfície da Terra não costumam emitir raios X e, portanto, um animal com visão sensível aos raios X teria sido facilmente devorado pelos outros animais que enxergassem de fato. Os que, porém, como nós, eram capazes de ver as coisas ao seu redor, podendo se defender mais facilmente dos ataques dos animais que não enxergando nada se defendem apenas pelo tato, acabariam sobrevivendo e sobrevivendo talvez justamente às custas dos que estavam em desvantagem em relação a eles.





Capítulo 22

É assim que esta teoria explica também porque o homem está adaptado a digerir justamente os alimentos que a natureza lhe oferece à sua volta e não outros; porque está adaptado a enxergar justamente nas frequências de onda que os objetos emitem à sua volta; porque está adaptado a ouvir justamente os sons na frequência em que os principais acontecimentos à sua volta provocam ruído; porque está adaptado a respirar justamente o ar que está à sua volta, e assim por diante.

Seria de se esperar, portanto, que a mesma explicação funcionasse para o caso da inteligência. Por este mesmo mecanismo teria se originado no homem uma inteligência que segue as mesmas leis do ambiente que o cerca. Seria apenas uma questão de seleção natural. Se alguma vez houve algum animal cuja inteligência não estivesse em harmonia com o mundo à sua volta, ou mesmo que apenas tivesse começado a sofrer uma mutação biológica neste sentido, teria ele perecido na luta pela sobrevivência.





Capítulo 23

Este é o primeiro argumento que instintivamente despontaria na mente de qualquer cientista moderno que ouvisse Parmênides falar.

Examinado, porém, este argumento mais atentamente, encontraremos que ele não serve como explicação para o problema levantado por Parmênides, e vamos tentar explicar por qual motivo.

Este argumento não vale para a questão levantada por Parmênides porque, em todos os casos de seleção natural, o modo de operar desta seleção natural é tal que produz um meio de escolher apenas entre capacidades de sobrevivência adaptadas em relação ao meio ambiente diretamente em contato com o animal, mas apenas em relação ao meio ambiente diretamente em contato com o animal, porque é com este meio ambiente imediatamente próximo ao animal que o animal luta e perece em sua espécie se não for capaz de se adaptar, ou continua existindo se for capaz. Todos os casos de seleção natural se referem apenas à adaptação em relação ao meio ambiente próximo à espécie.

Assim é que o homem está adaptado para viver à pressão próxima daquela encontrada na atmosfera terrestre ao nível do mar, que é o seu meio ambiente imediato. Colocado em qualquer outra atmosfera de outro planeta, provavelmente morreria. Mesmo na nossa própria, se conduzido apenas a alguns quilômetros acima do solo ou a alguns poucos metros abaixo da superfície da água, a pressão do ar ou da água lhe será fatal.

Assim também ele é capaz de se alimentar do que é produzido na Terra, mas se ingerisse plantas naturais de outro planeta, supondo que elas existam, a grande probabilidade é que morreria. De fato, se o homem entrar em um laboratório químico que produz substâncias artificiais, inexistentes na natureza, substâncias que a natureza nunca produziu, a grande probabilidade é que se envenenaria ao ingerir qualquer uma delas.

Mas não é assim no caso da inteligência.

Há como que uma intuição quase que inata no homem segundo a qual percebemos, como que intuitivamente, que em qualquer lugar do espaço, em qualquer lugar do universo, não apenas na superfície da Terra, sempre aquilo que é intrinsecamente ilógico não existe. Jamais encontraremos em lugar algum do universo um triângulo cuja soma dos ângulos internos não seja igual a 180 graus. Jamais estaremos em alguma galáxia onde deixaremos de ter nascido, apesar de termos nascido. Jamais algo lá será e deixará de ser a mesma coisa ao mesmo tempo. Jamais os teoremas da matemática, puramente racionais, deixarão de ser válidos quando transpostos para a realidade circundante.

Ora, seria pedir muito que a seleção natural, obrigando o homem por um método na verdade tão primitivo e limitado a lutar pela sobrevivência junto apenas ao seu meio ambiente, tivesse conseguido produzir uma qualidade tão ilimitada, em que mais pareceria que o homem estivesse lutando pela sobrevivência não na Terra, mas simultaneamente na totalidade da extensão do universo e contra todos os seres nele contidos.





Capítulo 24

O argumento da teoria da evolução, que expusemos acima, vem da Biologia. Vimos o que Parmênides provavelmente lhe teria respondido se estivesse vivo entre nós. Mas diante desta resposta de Parmênides a ciência moderna teria uma segunda objeção a fazer. Esta proviria não mais dos biólogos, mas dos físicos. Infelizmente não poderemos mais acompanhar este outro argumento com os detalhes que o tornariam claro, porque a formação dos alunos do curso magistral nesta matéria não lhes seria suficiente. Mas trata-se de algo tão importante que devemos deixar dito aqui alguma coisa, nem que seja para constar e ser aproveitado bem mais tarde quando, tendo os alunos melhores conhecimentos de Física e possivelmente lembrando-se desta aula, lhes viesse espontaneamente à inteligência este possível raciocínio que exporemos a seguir.

Conforme vimos, os biólogos concordariam com a constatação de Parmênides, embora não com a explicação para a qual ele parece se dirigir. Diriam que realmente é verdade o que Parmênides constata. Parmênides tem razão quando diz que o ser e o pensar são o mesmo. Isto, porém, nada tem de misterioso ou de extraordinário e se explicaria de um modo muito simples pela teoria da evolução.

Os físicos, porém, ao contrário, diriam que Parmênides não tem razão sequer em sua constatação mais elementar. Ao contrário do que diriam os biólogos num primeiro momento, para os físicos pareceria imediatamente claro que a mente humana não está adaptada, de maneira nenhuma, a todos os seres do universo. A justificativa desta afirmação depende do conhecimento de algo que, segundo os físicos, os biólogos não conhecem, ou pelo menos que não o conhecem enquanto biólogos, embora possam conhecê-lo circunstancialmente se conhecerem também alguma coisa de Física. Este algo surgiu quando os físicos analisaram o comportamento das partículas sub atômicas, um mundo tão pequeno que a nossa inteligência no nosso dia a dia não pode tomar contato direto, e com o qual nunca tomou contato a não ser nos últimos oitenta anos de pesquisa, um intervalo de tempo muito curto, principalmente se comparado com o da duração da história humana. Quando,

conforme dizíamos, os físicos analisaram os fenômenos do mundo sub atômico, um mundo ao qual a inteligência humana nunca teve acesso senão nos últimos anos, um mundo que, portanto, não faz parte do meio ambiente em que se desenvolve a inteligência, os físicos afirmariam terem observado, ao contrário do que dizia Parmênides, muito coisa que é uma afronta ao bom senso intelectual. E, no entanto, estas coisas existem. Existiriam ali, dizem os físicos, coisas que são uma afronta à Lógica e que, no entanto, estão ali. E, se é assim, diriam os físicos, pode-se perguntar como é que ficaria a teoria de Parmênides diante destes fatos. Pois, se os físicos têm razão, então não se poderia dizer mais que o mesmo é o ser e o pensar. Não, pelo menos, no mundo sub atômico, mas bastaria esta exceção para invalidar o princípio de Parmênides.





Capítulo 25

Não podemos demonstrar aqui o que Parmênides responderia aos físicos. Não teríamos conhecimentos suficientes para acompanhar todo o raciocínio. Mas é tão importante a resposta que não podemos deixar de citá-la, ainda que seja para ser entendida em uma outra época, quando e se tivermos melhores conhecimentos nesta área. Parmênides responderia que todos sabem que quando um físico trabalha, ele primeiro observa um fenômeno qualquer em seu laboratório e sobre este fenômeno constrói uma teoria que é costumeiramente chamada de modelo matemático daquele fenômeno. Ele vê uma partícula desviando-se, imagina que existam forças atuando sobre esta partícula e imagina também uma fórmula matemática que descreva o comportamento destas forças. O fenômeno é apenas a partícula que se desvia. O modelo, isto é, as coisas que o físico não via, mas que supôs que existissem para poder explicar os fatos, são tanto as forças como as fórmulas matemáticas que as descrevem.

Ora, analisando os exemplos que os físicos teriam a apresentar para sustentarem a explicação que eles deram sobre a teoria de Parmênides constataríamos que as contradições a que os físicos estariam se referindo, supondo que elas realmente existam, nunca aparecem nos fenômenos, mas apenas nos modelos. Ora, é muito comum no mundo da ciência tomar os modelos pelas realidades. No seu trabalho cotidiano os cientistas freqüentemente trocam com espantosa facilidade uma pela outra e deixam de se lembrar quando estão trabalhando com a realidade e quando estão trabalhando com o modelo. Quantos de nós, por exemplo, não nos referimos à força da gravidade como se ela fosse uma realidade? No entanto, um pouco de reflexão nos mostrará que ela é apenas um modelo, e não uma realidade; a realidade sobre a qual ela foi construída é somente a queda dos corpos. Não há nenhum indício direto de que exista uma realidade tal como a força da gravidade, ela não passa de uma hipótese inteligente para explicar a queda dos corpos. Feitas estas distinções, ocorre agora observar que recentemente na história da Física moderna muitas vezes um modelo aparentemente ilógico, mas que explicava corretamente algum fenômeno, foi substituído posteriormente por outro

modelo mais engenhoso, que explicava o mesmo fenômeno de maneira igualmente correta, mas que era menos atentatório à lógica. Nunca, porém, foi visto, nem mesmo na Física das partículas sub atômicas, nenhum fenômeno que em si contivesse uma contradição de lógica. De modo que, portanto, a objeção dos físicos, segundo Parmênides, na realidade não existiria.





Capítulo 26

Finalizamos estas notas constatando que Parmênides foi, portanto, ao que parece, o primeiro que descobriu o fato de que a natureza se comporta segundo as mesmas leis fundamentais que regem o mundo da inteligência.

Este fato veio, depois, a ser conhecido posteriormente na Filosofia como uma das propriedades transcendentais do ser, e esta propriedade chamou-se, em Latim, de "vero", verdadeiro.

Segundo esta terminologia posterior, não dizemos que o ser e o pensar são o mesmo, como o disse Parmênides, mas dizemos, o que é a mesma coisa, que

***"o ser e o
vero se
convertem".***

Ou, em outras palavras, todo ser, somente pelo fato de ser, é apenas por isto necessariamente intelegível; e tudo o que é intelegível é, apenas por este fato, possível de existir.





Capítulo 27

A mesma coisa não é verdade em relação a outras propriedades. Não são todos os seres visíveis, apenas porque existem. Não são todos os seres audíveis, apenas porque existem. Não são todos os seres mensuráveis, apenas porque existem.

E assim por diante.





Capítulo 28

Mas por que todos os seres têm que ser intelegíveis, apenas porque existem, é, de fato, mesmo perante os dados da ciência moderna, um enigma.

O homem pode ter-se adaptado por sua inteligência ao meio ambiente. Pode ter-se inclusive adaptado ao Universo inteiro. Mas mesmo que este tenha sido o caso, se é que o foi, por que motivo não pode surgir aqui e agora, depois de ter acabado esta adaptação, um ser totalmente novo no Universo, um ser que jamais existiu antes e para o qual, portanto, a inteligência humana não tenha podido ter sido adaptada, um ser que desta vez fosse um absurdo do ponto de vista lógico?

Não vamos responder a isto agora. Fica apenas registrado o fato de que foi Parmênides o primeiro a descobrir que é assim que ocorre e que, com isso, confirmou e levou adiante as intuições dos primeiros pré socráticos sobre a natureza, pois segundo ele o mundo participa de fato, e não apenas na aparência, das mesmas propriedades fundamentais da natureza racional.





Capítulo 29

Mas a história de Parmênides não acaba aqui. É o que veremos em seguida.

São Paulo, junho de 1989





PARMÊNIDES, Segunda Parte

Capítulo 1

Nas notas anteriores falamos de Parmênides, um filósofo que inicialmente havia sido discípulo dos filósofos pitagóricos. Começamos a examinar os fragmentos do poema que Parmênides escreveu e que foram conservados até os nossos dias, preservados como citações mais ou menos extensas em livros de outros filósofos que viveram posteriormente e que haviam lido a obra de Parmênides e comentado sobre ela. Vimos como no início de seu poema Parmênides descreve em uma linguagem figurada estar sendo transportado em uma carruagem até a morada dos deuses onde foi saudado e instruído acerca dos princípios da Filosofia. Lá ele ouviu que era preciso que se instrísse para que fosse capaz de distinguir bem entre

*"o
âmago
inabalável
da
verdade
e as
opiniões
dos
mortais".*

E a primeira verdade que Parmênides coloca em evidência, tirada da contemplação da natureza que vinha sendo conduzida há muitos anos por ele e por outros filósofos, foi a constatação de que o ser e o pensar são o mesmo.





Capítulo 2

Na linguagem de Parmênides o ser e o pensar serem o mesmo significa primeiramente a constatação de que todo ser tem que ser necessariamente inteligível. Não é possível que exista um ente que seja simultaneamente com a sua existência uma contradição quando examinado pela inteligência. Aquilo que está além dos limites da capacidade de concepção da inteligência, de tal maneira que a inteligência se veja obrigada a declarar não que não consegue alcançá-lo, mas que o alcançou e viu que é inconcebível, é também incapaz de existir. As limitações intrínsecas do mundo da inteligência são também limitações intrínsecas do mundo real.





Capítulo 3

Desta maneira Parmênides aprofundou a compreensão sobre a natureza que havia até então entre os filósofos pré socráticos anteriores a ele. Estes filósofos pré socráticos já tinham percebido como a natureza se comportava de um modo estruturalmente semelhante ao comportamento da racionalidade humana, de tal maneira que usavam da contemplação desta natureza para a educação da inteligência assim como usáramos atualmente para tanto de um livro, que é uma obra da razão. Mas tratava-se apenas de uma experiência que os pré socráticos haviam feito. Esta semelhança da estrutura do racional com a estrutura do mundo real era apenas uma constatação que, ponderadas as afirmações que restaram destes primeiros filósofos pré socráticos, ninguém ainda havia afirmado claramente que não poderia ser uma simples coincidência. Foi Parmênides o primeiro que colocou claramente que isto ter que ser assim por uma questão não de coincidência, mas porque existe um princípio que exige que tanto o mundo da realidade como o mundo do pensamento participem das mesmas características fundamentais, de tal modo que o que é lei absoluta para um tem que ser lei absoluta para o outro. Neste sentido, o ser e o pensar são o mesmo. A natureza parece participar do caráter racional não por uma causalidade, mas porque para algo poder entrar na existência tem que satisfazer primeiro certos requisitos que são próprios do mundo da razão, isto é, a inteligibilidade ou a concebibilidade.

Com isto ficava mais claro porque ela era capaz de fascinar tanto a mente humana como vinha fazendo com os filósofos.

Mas, ao mesmo tempo, quando Parmênides percebeu isto, foi também obrigado a perguntar-se outras coisas.





Capítulo 4

O poema de Parmênides mostra que este filósofo foi obrigado a fazer-se uma pergunta que não consta do texto de seu poema, mas que está subentendida no mesmo. Se Parmênides não tivesse pensado nela, não poderia ter escrito o que escreveu depois.

Esta pergunta é a seguinte.

Tudo o que existe tem que ser inteligível, e isto não é apenas uma constatação, mas um princípio que parece manifestamente perceptível a todos os homens. Conforme já notamos, quando alguém descreve uma coisa contraditória, tanto faz para nós que lhe respondamos que "Isto não faz sentido" como que lhe respondamos que "Isto não existe". O significado destas duas respostas será entendido como equivalente. Isto mostra o quanto para todos é intuitivo que uma contradição do pensamento não pode concretizar-se no mundo real.

Mas suponhamos que então um dia víssemos como nossos próprios olhos um objeto que representasse para a inteligência uma autêntica contradição. Tomados de espanto, principalmente depois de uma aula como esta, observaríamos melhor este objeto, faríamos dele um exame sob todos os pontos de vista, e então chegaríamos à conclusão de que não houve nenhum engano em nossa primeira avaliação. Ficaríamos convencidos de que efetivamente estaríamos vendo um objeto que, pelo que a inteligência é capaz de compreender, não poderia existir porque é a realização de uma contradição. A inteligência nos forçaria a dizer que, se o princípio de Parmênides é verdadeiro, tal ser não poderia existir. No entanto, ele está aí. Se possível fosse que algum dia ocorresse um fato como este, o que deveríamos dizer dele? Este ser que teríamos descoberto seria uma ilusão ou seria algo real?





Capítulo 5

Quando tentamos responder a esta questão, apreciando o problema do ponto de vista da inteligência, esta nos diria que trata-se de um absurdo e que, portanto, de um ser que, justamente por este motivo, não poderia existir. A inteligência nos daria até um exemplo para nos convencer mais facilmente. Seria como se um dia quiséssemos nos convencer de que existimos e ao mesmo tempo não existimos. Se, por acaso, fosse algo assim que os nossos olhos estivessem vendo, é evidente que deveria concluir-se categoricamente que, apesar de nossos olhos nos dizerem que estão vendo isto, tudo não pode passar de uma ilusão de ótica.





Capítulo 6

Mas por outro lado, poderia acontecer então que, examinando a mesma questão do ponto de vista dos sentidos, percebêssemos que esta ilusão não passa com o decorrer do tempo, e que não fosse só nossa, mas também de todos os homens. Quantas vezes nós, ou qualquer pessoa, em qualquer época e em qualquer lugar, examinassem este estranho objeto, lá ele estaria. E poderia acontecer também que ele não fosse apenas visível, mas também audível e tocável. Qualquer um poderia pega-lo com as mãos, examina-lo melhor, ouvi-lo, cheira-lo, toca-lo e tudo isto sem que a ilusão se desfizesse. Considerado sob este ponto de vista, qualquer um seria tentado a dizer que tal objeto de fato existe.





Capítulo 7

Mas se voltarmos a examinar a mesma questão novamente apenas sob a luz da inteligência, esta impressão dos sentidos, por mais forte que fosse, teria necessariamente que se desfazer. Nós seríamos obrigados a concordar que estamos lidando com uma ilusão. Não é possível fazer a inteligência admitir que eu existo e ao mesmo tempo não existo nem que seja isto que alguém nos diga que está vendo.





Capítulo 8

Mas esta certeza permaneceria assim inabalável só até o momento em que voltássemos a considerar os testemunhos de todos os sentidos nos mostrando este ente absurdo incessantemente diante de nossos olhos, desafiando tempos e lugares, e confirmado por quantas testemunhas nós quiséssemos interrogar.





Capítulo 9

Devemos concordar que se uma situação como esta se verificasse de fato, seria certamente uma coisa muitíssimo difícil entender o que estaria acontecendo. Seria um terrível dilema.





Capítulo 10

A grandeza de Parmênides está em que ele não só pela primeira vez se colocou diante deste problema, como também em que, quando ele assim o fêz, não teve dúvidas sobre o que deveria julgar sobre o caso.

O caso que acabamos de descrever, apresentado conforme o narramos, parece sugerir que a maioria de nós, defrontados com semelhante situação ficaria perpetuamente na dúvida. Mas a verdade é bem outra. Apresentado o caso na vida real, se surgisse diante de nós um ser que fosse, do ponto de vista da inteligência, uma contradição, isto seria para todos um indício certo de que a afirmação segundo a qual o ser e o pensar são o mesmo não pode ser um princípio universalmente válido. É assim que nós quase certamente julgaríamos, porque a maioria de nós vive psicologicamente muito mais preso ao mundo dos sentidos do que ao mundo da inteligência.

Esta é, porém, uma situação bastante diferente daquela dos filósofos pré socráticos, os quais, pela educação que tinham recebido, eram capazes de viver intensamente as realidades do mundo da inteligência, assim como nós vivemos as realidades do mundo sensível à nossa volta. Para eles o mundo da inteligência era um mundo de luz. Esta é uma afirmação feita inclusive por eles próprios. Platão fêz uma comparação a este respeito, conforme veremos posteriormente, segundo a qual o mundo da inteligência, quando o homem consegue ambientar-se nele, é como um mundo iluminado por um sol brilhante, para o qual o sol material que nós vemos não é nada mais do que um símbolo deste outro sol da inteligência.

Mas para a maioria de nós a luz da inteligência é apenas uma fagulha que pisca em momentos isolados. Nós vivemos de fato intensamente e na maior parte do tempo no mundo que nos vem dos sentidos considerado apenas à luz destes sentidos, ou num mundo de imaginações e sonhos que revivem experiências passadas expectativas de experiências futuras que pertencem totalmente a este domínio. Ora, para quem vive assim, o princípio de Parmênides de que o ser e o pensar são o mesmo não é na realidade um princípio, mas apenas uma generalização

de muitas observações. Isto significa que já que sempre vimos seres que não contradizem o pensar, agimos por consequência como se sempre assim haveria de acontecer. Se, porém, um dia acontecesse diversamente, julgaríamos então que a surpresa que daí nos adveio foi devido ao fato de que não tínhamos vivido ainda o bastante para poder ter visto de tudo um pouco.





Capítulo 11

Mas para Parmênides a identidade entre o ser e o pensar não era apenas uma generalização da experiência, e sim um princípio cuja evidência ele via à luz da inteligência. Parmênides era capaz de contemplar claramente a verdade deste princípio em si mesmo considerado tal como ele se apresentava no mundo da inteligência, sem precisar fazer continuamente comparações com a realidade. A experiência com o mundo real, que segundo os pré socráticos participa da natureza racional, pode justamente por causa desta participação auxiliar no início da investigação deste princípio, mas depois Parmênides e os demais filósofos perceberam que um tal princípio não era uma generalização da experiência, mas uma verdade evidente em si mesma. A sua evidência era tão clara na inteligência de Parmênides que ele não teve dúvidas em afirmar que se algum dia fosse visto, ouvido ou manipulado um ser que fosse uma contradição para a inteligência, tal ser não passaria de uma ilusão.





Capítulo 12

A coragem de Parmênides em afirmar isto e aceitar todas as consequências que daí advieram e que nós veremos daqui a pouco é também o testemunho de uma outra posição implícita de Parmênides.

Quando ele se defrontou com a possibilidade de ver-se diante de objetos do mundo real mas não inteligíveis e, mesmo assim, continuar mantendo o seu princípio e afirmar que estes objetos teriam que ser ilusórios, ele com isto estava sustentando que a necessidade de um objeto real ser concebível é uma necessidade anterior à própria existência deste objeto real. Quando ele diz que para algo entrar na existência tem que satisfazer primeiro certos requisitos que são próprios do mundo da razão, isto é, a inteligibilidade ou a concebibilidade, ele diz que a estrutura do mundo real é obrigada a seguir uma característica que é uma característica que pertence de modo próprio ao mundo da inteligência.

Portanto, parece que o mundo da inteligência deve ser de alguma maneira anterior, não no tempo, mas em natureza, ao mundo real. Podemos dizer a mesma coisa dizendo que o mundo da inteligência é um mundo mais elementar do que o mundo real, ou mais fundamental do que o mundo real.

Mas, se é assim, cabe fazermos agora uma outra importante pergunta. Como pode isto ter acontecido?





Capítulo 13

Existe um motivo muito sério para se fazer esta pergunta. Como pode o mundo da inteligência ter uma natureza anterior, mais elementar e fundamental do que o mundo real, de tal maneira que parece impor suas características básicas ao mundo real, se a inteligência humana é o que existe de mais posterior no tempo dentro do mundo real? Pois, de fato, o homem, que é o lugar onde existe o mundo da inteligência, foi justamente o último dos seres a ter surgido dentro da natureza.

Não é preciso ser um biólogo moderno para se poder chegar à conclusão de que o homem é o último dos seres a ter surgido na natureza. Os filósofos gregos facilmente chegariam a esta mesma conclusão raciocinando, por exemplo, com os seguintes argumentos, argumentos bem no estilo da filosofia grega, argumentos que mostram que o ser humano é o último dos seres da natureza a ter surgido.

Um primeiro argumento para perceber isto é muito simples. A natureza é vista sempre e em todo o lugar proceder do imperfeito ao perfeito. Ora, o homem é o mais perfeito dos seres da natureza. Portanto, deve ser posterior no tempo a todos os demais seres da natureza.





Capítulo 14

Um outro argumento para se chegar à mesma conclusão é o seguinte. O bom funcionamento da inteligência humana, isto é, o funcionamento da inteligência humana conveniente com a sua natureza, requer uma série de elementos de caráter não intelectual. Requer, em primeiro lugar, um corpo material. Requer, em segundo lugar, órgãos dos sentidos. Requer, em terceiro lugar, a faculdade da imaginação, pela qual as imagens que foram apresentadas em outro tempo pelos cinco sentidos são conservadas e lembradas no interior do homem. A imaginação não é a inteligência. A imaginação é a persistência e o prolongamento dos dados provenientes dos cinco sentidos dentro do homem e é sobre este material da imaginação que irá trabalhar a inteligência. Sem estas coisas, corpo, sentido e imaginação, a inteligência não pode trabalhar ou, pelo menos, não pode trabalhar convenientemente.

Mas estas coisas, isto é, corpo material, sentidos e imaginação, que são prévias ao funcionamento conveniente da inteligência, podem existir e funcionar de modo perfeito sem a existência da inteligência. É o que vemos acontecer nos animais inferiores, que têm corpo, sentidos, sentidos às vezes até mais perfeitos do que os do homem, e inclusive, dependendo do animal, até uma imaginação sensível desenvolvida ser possuir, contudo, atividade inteligente.

Ora, aquilo que para existir ou, pelo menos, para existir convenientemente segundo sua natureza necessita de outros que porém não só podem existir como também podem existir perfeitamente sozinhos, tem que ser posterior no tempo. Portanto, conclui-se daí que os animais tem que ser posteriores no tempo à natureza material, que os homens, por sua vez, tem que ser posteriores no tempo aos animais, e que o homem é, na ordem do tempo, o último dos seres a aparecer no mundo real.





Capítulo 15

De raciocínios deste tipo pode-se concluir filosoficamente, conforme vimos, que o homem é, na natureza, o último ser que desponta no tempo.

Como pode a inteligência, portanto, que é assim aparentemente posterior, ditar normas que pertencem mais propriamente ao seu mundo não só à natureza mas ao n=mundo real como um todo, sendo que este lhe é anterior no tempo, isto é, existiu antes?





Capítulo 16

Ao que parece, Parmênides não respondeu a esta pergunta. Mas percebeu, claramente, que de alguma forma o mundo da inteligência é anterior ao mundo real.





Capítulo 17

Retornando, porém, ao que explicitamente encontramos em Parmênides, podemos conjecturar com ele que, se a estrutura fundamental do pensamento é a mesma estrutura fundamental do ser, isto significa que investigando a estrutura fundamental do pensamento podemos investigar a estrutura fundamental do ser. Foi o que Parmênides propôs-se a fazer.





Capítulo 18

Parmênides deduziu a estrutura fundamental do ser da seguinte maneira. Em primeiro lugar, da identidade entre o ser e o pensar Parmênides derivou o princípio citado por Proclo no Comentário ao Timeu, segundo o qual

**"o
ser
é e
não
pode
não
ser",**

e também

**"o
não-
ser
não
é e
não
pode
ser".**

Ambas estas afirmações tem que ser verdadeiras, porque se não o fossem, o ser não seria e o não-ser seria, o que são contradições, e uma contradição, segundo o primeiro dos princípios de Parmênides, não pode verificar-se no mundo da realidade.





Capítulo 19

Porém, se é assim, a primeira coisa que teríamos que concluir, segundo Parmênides, é que algum ser tem que existir necessariamente. Ou seja, seria impossível, diz Parmênides, que nada existisse, e isto não por um acaso, mas por uma necessidade inerente à própria estrutura da realidade que exige que algo exista necessariamente. Porque qualquer coisa que exista é ou ser ou não-ser. Se nada existisse, isto seria o mesmo que dizer que o ser não existe, ou que o ser não é, o que seria um absurdo. Portanto, algum ser existe necessariamente.





Capítulo 20

Ademais, se existe este ser, e nós acabamos de ver que ele existe necessariamente, ele também tem que ser único. Porque se ele não fosse único e houvesse um outro, o outro deveria diferir do primeiro para que pudesse ser distinguido do primeiro. Se não houvesse diferença nenhuma entre eles, ambos seriam o mesmo. Mas se o primeiro é ser, a diferença que distinguiria o segundo do primeiro teria que ser um não-ser, porque o que difere do ser é não-ser. Portanto, se existisse outro ser além do primeiro e único ser, deveria haver uma diferença do segundo em relação ao primeiro. O segundo deveria diferir do primeiro e, como só o não ser difere do ser, o segundo seria o não-ser do primeiro. Mas se o primeiro é ser, o segundo deveria ser não-ser. A conclusão então que se imporia é que se existissem dois seres o não-ser existiria e, como isso não é possível por ser contraditório, só pode existir um único ser.





Capítulo 21

Ademais, segundo Parmênides, este ser que existe e é único tem que ser também eterno. Porque se ele não fosse eterno cessaria de ser e então o não-ser seria e o ser não seria, o que também é contraditório.





Capítulo 22

Mas, além de ser eterno, o único ser que existe também não pode mudar ou alterar-se. O motivo é que se este único ser que existe é ser, se este ser mudar ele só poderá mudar para o não-ser. Mas enquanto ainda está se processando a mudança a coisa ainda não é aquilo para o qual se dirige a mudança, ou seja, ela ainda é ser. Mas, ao mesmo tempo, se a mudança já se iniciou, ela já deixou de ser o que era e, se no início era ser, agora só pode ser o não-ser. Conclui-se daí que se fosse possível existir o fenômeno da mudança, ou o fenômeno do vir-a-ser, conforme também pode-se dizer, então alguma coisa seria ao mesmo tempo ser e não-ser, o que também é contraditório.

A conclusão, pois, é que não podem existir no mundo real os fenômenos a que chamamos de mudanças, alterações ou mesmo de movimentos, que são um tipo especial de mudanças ou alterações.





Capítulo 23

Segundo Parmênides, portanto, é impossível que no mundo real exista a multiplicidade dos seres, assim como que os seres mudem ou se alterem.





Capítulo 24

Porém, quando levantamos os olhos e contemplamos o mundo ao nosso redor vemos um quadro muito diverso do que é descrito por Parmênides. Não existe apenas um único ser, mas uma multiplicidade de seres os mais diversos. Além disso, nenhum deles é imutável mas, ao contrário, o que vemos incessantemente é que tudo muda. A água evapora e retorna à terra pela chuva, os alimentos apodrecem, os seres vivos morrem e nascem, os animais se locomovem, o dia sucede à noite e depois do inverno vem a primavera. Será que Parmênides não enxergou tudo isso? Justamente um dos pré socráticos, aqueles sábios que tanto se esforçavam por contemplar a natureza? Mas se ele enxergou, então ele nos deve uma explicação. O que ele tem a nos dizer diante deste espetáculo da natureza, tão diverso do que ele nos deduz em suas teorias? É muito simples, explicaria Parmênides. Tudo isto, diria Parmênides, tudo isto que estamos vendo, toda esta multiplicidade e todas estas mudanças e alterações, não passam de uma ilusão.





Capítulo 25

Então, segundo Parmênides, isto significa que o mundo que nós vemos não existe? Existe sim, diria Parmênides. O mundo é real, mas em sua realidade ele não tem a aparência que nós supomos pelos sentidos que ele tenha. No mundo só existe um ser, que existe necessariamente e que não pode deixar de existir, e que é único, eterno e imutável.





Capítulo 26

A maioria dos alunos que lerem estas coisas tomarão o raciocínio de Parmênides como uma brincadeira, um simples divertimento mental, uma piada um tanto quanto extravagante. Estes alunos não terão sido com certeza os primeiros a avaliarem Parmênides deste modo. Foi assim que a maioria dos contemporâneos de Parmênides também entendeu a exposição que ele na época lhes fazia de suas teorias. Mas devemos chamar a atenção, tanto de uns quanto de outros, no sentido de que tais pessoas não entenderam ou não quiseram entender o que Parmênides quis dizer.





Capítulo 27

Estas pessoas, de fato, ridicularizam o raciocínio de Parmênides por meio de uma confrontação com o mundo real. A diferença entre o mundo descrito por Parmênides e o mundo descrito pela experiência é tão grande que o raciocínio de Parmênides é então tomada como uma piada. Atiramos no rosto de Parmênides que o seu raciocínio é absurdo porque não concorda com a experiência, como se ele próprio não tivesse percebido isto desde o início. É manifesto, porém, que Parmênides não precisava ser alertado deste fato que é visível a todos bem claramente. A diferença entre o mundo real tal como é percebido pela experiência não pode ser invocada como objeção ao raciocínio deste filósofo, pois foi justamente para chamar a atenção para esta diferença que Parmênides expôs estas considerações em seu poema.





Capítulo 28

Se uma comparação entre o mundo tal como é deduzido por Parmênides e o mundo tal como é percebido pela experiência dos sentidos não pode ser tomada como objeção válida contra o ser raciocínio, porque é justamente isto o que ele quis mostrar, que haveremos então de dizer sobre o mesmo? Pois, de fato, se colocarmos esta objeção proveniente da experiência sensorial de lado, o exame da argumentação de Parmênides mostra que ele parte de princípios que parecem bastante evidentes e que a partir destes princípios chega a conclusões por meio de deduções onde não há erros de lógica. Basta conferir de novo para ver.





Capítulo 29

O poema de Parmênides não é, pois, alguma espécie de piada ou de extravagância filosófica, como muitos interpretaram na época ou como muitos ainda hoje, lendo estas linhas, poderiam pensar. É evidente, pelo contexto histórico, que Parmênides não brincava ao redigir estes versos. Eles são, ao contrário, um grande desafio para a inteligência humana, no sentido em que iremos explicar aos poucos.





Capítulo 30

Se o raciocínio de Parmênides estiver correto, teremos que ser conseqüentes e aceitá-lo, por mais duro que seja em suas conclusões. Mas se não estiver, teremos então que apontar-lhe onde estava o seu erro. Apontar como erro a diferença entre a experiência e as conclusões tiradas por Parmênides não invalida a sua mensagem, senão por outros motivos, pelo menos porque isto já fazia parte da mensagem.





Capítulo 31

Mas ainda que esta diferença entre a experiência e as conclusões não fizesse parte da mensagem do poema de Parmênides, utilizar este argumento seria uma grande ingenuidade, pois este argumento deriva da observação direta do mundo real tal como é percebido pelos sentidos e o raciocínio de Parmênides já não pertence mais a esta esfera de conhecimento. Parmênides, e isto é o que o estudante deve perceber bem, ao fazer suas deduções, logo de início destacou-se completamente de todo dado do conhecimento sensível. Sua lógica não trata mais de objetos que pertencem ao mundo dos objetos sensíveis, mas ao mundo dos seres considerados em sua estrutura simplesmente enquanto seres, desconsideradas quaisquer qualidades sensíveis. Sua lógica está no domínio da primeira estrutura do ser enquanto ser, um domínio onde apenas a inteligência abstrata pode apreender alguma coisa. Contra argumentar que a realidade sensível não corresponde à realidade que Parmênides descreve é o argumento de quem tem a mente presa ao mundo dos objetos sensíveis e não consegue elevar-se à região em que o raciocínio de Parmênides realmente se situa. É o argumento de quem não entendeu nada do que Parmênides quis dizer, nem sequer de que assunto ele realmente estava tratando. Podemos comparar esta situação à de um cirurgião que tentasse explicar a um curandeiro como se realiza um transplante cardíaco e este curandeiro não percebesse que o cirurgião não estava falando de uma mandinga, mas de cirurgia. Se, posteriormente, por algum infortúnio, a cirurgia não tem sucesso e o paciente falece, o curandeiro poderia utilizar-se deste fato para demonstrar que ele é melhor cirurgião e que o outro nada entende de medicina, como todos podem percebê-lo claramente, e que ninguém deve considerar com seriedade nada do que ele diz. É exatamente isto o que fizeram os contemporâneos de Parmênides, mas com isto simplesmente mostraram que não estavam habituados à contemplação das realidades do mundo da inteligência.





Capítulo 32

O raciocínio de Parmênides contém de fato um erro, mas é ao mesmo tempo um dos maiores monumentos da história do pensamento do mundo ocidental. À primeira vista o seu poema não parece mais do que uma extravagância de um filósofo, mas a verdade é que só por causa dele Parmênides merece um lugar especial entre os grandes pensadores de todas as épocas.





Capítulo 33

Foi necessário mais de um século para que fosse descoberto onde estava o erro do poema. Ele passou de mãos em mãos, provocando risos e até, indiretamente, a reforma dos métodos de ensino utilizados entre os gregos, mas nunca ninguém foi capaz de dizer por que motivo ele estaria errado. Para fazer isto seria necessário uma outra inteligência educada nos moldes da de Parmênides, que estivesse habituada à contemplação das realidades do mundo da inteligência, uma inteligência que convivesse espontaneamente entre as realidades deste mundo tal como nós convivemos com o mundo dos objetos sensíveis e fosse capaz de apreender as realidades deste mundo com a clareza com que nós enxergamos pela vista os objetos iluminados pela luz do Sol. A comparação não é forçada, ela é tirada das obras de Platão, o fundador de uma escola de filosofia que tinha, entre outros, este objetivo como meta. E coube, de fato, a um discípulo desta escola descobrir o erro de Parmênides. Seu nome era Aristóteles, de cuja obra e idéias mais tarde iremos nos ocupar mais demoradamente.





Capítulo 34

Depois de mais de cem anos de expectativa, Aristóteles foi quem apontou onde Parmênides havia falhado. Isto não diminuiu o valor deste filósofo pré socrático, porque o seu erro não foi um erro comum de lógica, mas de metafísica. Conforme dissemos, não há erros de lógica em Parmênides, basta conferir para ver. Parmênides cometeu um erro relacionado com os primeiros princípios de uma ciência desenvolvida posteriormente por Aristóteles denominada Metafísica. Foi justamente quando Aristóteles desenvolveu mais amplamente esta ciência que veio à luz onde estava o erro de Parmênides. O mérito de Parmênides, com isto, ficou ainda mais evidente por ter ficado claro que ele havia sido o primeiro filósofo que elevou o pensamento à especulação destes princípios. Ainda que Parmênides houvesse cometido um erro, havia sido o primeiro a conseguir penetrar neste campo do mundo da inteligência e tentar transmiti-lo aos demais. O poema de Parmênides é, na realidade, um poema sobre os primeiros princípios da Metafísica, mas nenhum dos seus contemporâneos conseguiu perceber este fato e dialogar com ele de igual para igual neste mesmo domínio. Foi necessário surgir primeiro a Academia de Platão com os seus elevadíssimos e exigentes ideais pedagógicos para que daí pudesse surgir um Aristóteles que pudesse dialogar em pé de igualdade com o poema de Parmênides. Mas, para isto, foi necessário que passasse antes mais de um século.





Capítulo 35

Durante este mais de um século Parmênides produziu as influências mais imprevisíveis, tanto no pensamento quanto na pedagogia dos gregos. É deste assunto que teremos que tratar nas notas que irão se seguir, antes que possamos entender a obra de Platão e a obra de seu discípulo Aristóteles. Este último, ao contrário do que o presente texto possa sugerir, não se restringiu a comentar Parmênides. A resposta a Parmênides veio apenas de brinde.

São Paulo, 7 de agosto de 1989





FILOSOFIA E EDUCAÇÃO EM ATENAS NO ANO 450 AC

Capítulo 1

Nas notas precedentes ocupamo-nos da obra do filósofo Parmênides de Eléia, uma das cidades colônia que os gregos tinham naquela época no sul da Itália. Aquela foi a região em que floresceram as escolas dos filósofos pitagóricos, e nós pudemos comentar que Parmênides havia sido inicialmente discípulo de um filósofo pitagórico.





Capítulo 2

Vimos o significado do princípio de Parmênides segundo o qual o ser e o pensar são o mesmo e as conseqüências que ele deduziu deste princípio, segundo as quais só existiria um único ser, eterno e imutável.

Parmênides não ignorava que os cinco sentidos nos mostram um mundo à nossa volta completamente diferente, repleto de seres os mais diversos que não são nem únicos, nem eternos, nem imutáveis, mas em constante movimento e alteração, imersos no contínuo vir-a-ser. Apesar disso, porém, Parmênides não teve dúvidas em afirmar que tudo isto não deveria passar de uma ilusão.





Capítulo 3

Para entender o que aconteceu na educação e na filosofia depois disso, devemos fazer antes um apanhado geral da situação do pensamento filosófico e da educação no mundo grego na época de Parmênides.





Capítulo 4

A Filosofia, ou pelo menos, a tradição filosófica que chegou até nós, havia-se iniciado um século e meio antes da época de Parmênides, com Tales e Anaximandro de Mileto.

Mileto era uma cidade grega, mas que não ficava na Grécia propriamente dita, e sim no território que hoje em dia pertence à Turquia. Entre a Turquia e a Grécia existe um mar repleto de numerosas ilhas, atualmente pertencentes à Grécia, mar este chamado de Mar Egeu. Mileto ficava na costa oeste da Turquia, junto ao Mar Egeu.

Diógenes Laércio, um dos biógrafos antigos dos filósofos gregos, diz que há uma controvérsia sobre a naturalidade de Tales. Alguns dizem que Tales havia nascido em Mileto, mas outros afirmam que ele era natural da Fenícia, onde atualmente fica o Líbano. Segundo estes últimos, Tales teria sido expulso de sua terra e acolhido como cidadãos pelos milesianos.

Já Anaximandro, seu colega e talvez parente, era verdadeiramente natural de Mileto. Desta maneira, a Filosofia grega iniciou-se entre os gregos sim, não porém no território que hoje pertence à Grécia, mas na costa ocidental da Turquia por volta do ano 600 AC.





Capítulo 5

Diógenes Laércio traçou um perfil de Tales que é interessante de se mencionar. Ele afirma que Tales inicialmente estudou no Egito, tendo lá aprendido Geometria, Astronomia e outros conhecimentos. Depois que se radicou em Mileto, embora fosse conhecido pelos excelentes conselhos que dava em matéria política, na qualidade de simples cidadão mantinha-se afastado de tais problemas.

São de Tales, ainda, continua Diógenes Laércio, os seguintes versos:

*"Muitas
palavras
não
significam
um
coração
entendido.
Busca a
única
sabedoria.
Escolhe
um único
bem.
Assim
fecharás
a boca
dos
tagarelas
que falam
sem
cessar".*

Perguntado sobre o que seria mais difícil, respondeu Tales:

"Conhecer-se a si mesmo".

Dizia ainda Tales que o homem feliz é

"aquele que tem um corpo saudável, uma mente plena de recursos e uma natureza dócil".

Ele afirmava também, continua Diógenes, que não nos devemos orgulhar pela nossa aparência exterior, mas estudar cuidadosamente para que nos tornemos belos de caráter.

Tais são alguns traços do perfil do homem que iniciou o movimento filosófico entre os gregos, segundo Diógenes Laércio.





Capítulo 6

Pitágoras, que pertence à geração seguinte, nasceu em uma ilha chamada Samos, situada muito próxima, separada por um pequeníssimo estreito, à costa ocidental da Turquia, bem perto de Mileto. Não é de se admirar, pois, que favorecido pela proximidade geográfica, Pitágoras tivesse tido como seus primeiros mestres a Tales e Anaximandro de Mileto. Tal como Tales, Pitágoras foi depois estudar no Egito e bem provavelmente também depois disto na Pérsia. Ao voltar para o mundo grego, estabeleceu suas escolas nas colônias do sul da Itália.

Desta maneira, cem anos depois de Tales, pelo ano 500 AC, a Filosofia não tinha entrado no território propriamente grego, mas localizava-se preferencialmente na costa oeste da Turquia e no sul da Itália.





Capítulo 7

Os milesianos e os pitagóricos foram, pois, durante este primeiro século, os principais dentre os filósofos. Houve, porém, muitos outros, dos quais não tivemos a oportunidade de falar.





Capítulo 8

Pouco antes da época de Parmênides floresceu em Éfeso, uma cidade também muito próxima de Mileto, um outro filósofo de que não falamos, que divide com Parmênides o lugar de principal filósofo entre os pré socráticos. Chamava-se Heráclito de Éfeso, e ao morrer deixou seguidores e obras escritas que eram copiadas e reproduzidas pelo mundo grego.

O estilo em que Heráclito compunha as suas obras valeu-lhe o apelido de "Heráclito, o Obscuro".

Conta-se que quando Sócrates mais tarde leu os escritos de Heráclito e lhe perguntaram o que pensava deles, teria respondido:

*"A parte
que eu
consegui
entender é
excelente, e
também é,
ousado dizer,
a parte que
eu não
entendi;
mas é
preciso um
mergulhador
Deliano
para chegar
ao fundo do
mesmo".*





Capítulo 9

Desta maneira, em Atenas, a principal das cidades gregas, por esta época não havia entrado ainda a Filosofia. Não havia nela nenhuma manifestação semelhante ao que ocorria na região de Mileto, nem escola alguma que se parecesse com as escolas que Pitágoras havia fundado na Itália. Mas nesta cidade vinha acontecendo um outro fenômeno que preparou o caminho para que posteriormente viesse a tornar-se o foco da Filosofia antiga.





Capítulo 10

Antes da época de Tales, durante muitos séculos a educação que era dada aos jovens gregos era uma educação predominantemente militar. A sofisticação crescente da guerra, porém, passou gradualmente a fazer com que o êxito de uma campanha militar dependesse cada vez menos da simples força bruta.

Na época em que Tales florescia em Mileto deram-se uma série de reformas políticas em Atenas que resultaram na criação de um regime democrático nesta cidade. Por esta época os atenienses passaram a abandonar o costume de andarem permanentemente armados e a adotarem costumes mais brandos e civilizados. Assim, as atividades militares em que os jovens eram treinados desde criança passaram a ser exigidas apenas dos dezoito aos vinte anos de idade. A prática da vida militar que ia da infância até aos dezoito anos foi gradualmente se transformando em educação física, com finalidade não mais bélica, mas de competição desportiva desinteressada.





Capítulo 11

A educação ateniense na época em que na Ásia Menor e na Itália florescia a filosofia consistia, pois, principalmente em educação física. As crianças eram confiadas a um escravo cuja função era conduzi-las diretamente ao ginásio e trazê-las de volta para casa. O escravo encarregado desta tarefa recebia o nome de pedagogo. Posteriormente pedagogo passou a ser o nome dado aos educadores em geral.





Capítulo 12

Os Jogos Olímpicos são um testemunho da importância que os gregos concediam à prática desportiva. Iniciaram-se no ano 776 AC, e eram disputados de quatro em quatro anos, abertos a todos os atletas de origem grega. A prática começou com uma prova que era uma simples corrida, mas aos poucos foram sendo acrescentadas novas provas até se tornar uma instituição de fundamental importância para a própria unidade cultural dos povos gregos. Os vencedores das provas eram vistos como heróis nacionais para as cidades que representavam e passavam para a história; os títulos olímpicos eram tão cobiçados que, após a conquista da Grécia pelos romanos o próprio Imperador Nero quis participar em pessoa das provas e, deve-se dizer também, fez questão absoluta de ser o vencedor. Até as datas entre os gregos passaram a ser contadas com base nos Jogos Olímpicos. Assim, por exemplo, consta que Tales teria nascido na 35ª Olimpíada e faleceu na 58ª; Pitágoras floresceu na 60ª Olimpíada e Parmênides na 69ª.





Capítulo 13

Paralelamente ao ginásio, onde as crianças praticavam a educação física, começaram a surgir também escolas de música. Na verdade estas escolas eram apenas as casas das pessoas que se ofereciam, mediante remuneração, para ensinar as crianças a lerem as poesias de Homero, a Ilíada e a Odisséia. As crianças não apenas aprendiam a ler e a recitar estas poesias, mas também a cantá-las acompanhadas por instrumentos musicais. O escravo pedagogo neste caso era então incumbido de levar a criança da casa para o ginásio, do ginásio para o professor de música e do professor de música para casa.

Posteriormente apareceu um terceiro professor, que ensinava em outra casa, apenas para a leitura e os rudimentos de gramática.





Capítulo 14

Disto que foi exposto pode-se entender que não existiam escolas públicas em Atenas. Na realidade, nem sequer havia propriamente escolas, pois estas eram apenas as casas dos professores e os professores eram apenas tais por terem se oferecido para tanto, e não por haverem cursado alguma escola preparatória para o magistério ou por serem oficialmente reconhecidos como professores pelas autoridades.





Capítulo 15

A educação ateniense consistia, portanto, basicamente em educação física em primeiro lugar, à qual se acrescentavam a música e a leitura. Não havia cartilhas para se aprender a ler. Aprendia-se a leitura diretamente sobre as poesias de Homero, as quais, ademais, naquela época, eram escritas sem sinais de pontuação, isto é, sem pontos nem vírgulas, sem letras maiúsculas para indicar o início das frases e, mais ainda, de modo contínuo, sem que uma palavra viesse separada da outra por um espaço.





Capítulo 16

A matemática não tinha importância alguma na educação ateniense, apesar da enorme ênfase que os filósofos dava a este conhecimento. No mundo grego, de fato, a matemática era cultivada apenas entre os filósofos, e de um modo muito especial entre os filósofos pitagóricos, mas estes não viviam em Atenas. Em Atenas os rudimentos de matemática eram conhecidos pelos comerciantes que os aprendiam no seu dia a dia e sem nenhuma preocupação educacional.





Capítulo 17

A educação em Atenas já tinha estas características há certamente mais de um século quando um filósofo entrou pela primeira vez na cidade e lá fixou residência. Seu nome era Anaxágoras, natural de Clazômenas, uma cidade situada no Golfo de Esmirna, na costa Oeste da Turquia, muito próxima, por sinal, de Éfeso e de Mileto. De Anaxágoras já tivemos ocasião de falar anteriormente. Com aproximadamente vinte anos de idade ele atravessou o Mar Egeu e foi morar em Atenas, lá vivendo aproximadamente durante o espaço de tempo de três décadas. Anaxágoras entrou em Atenas por volta do ano 480 AC e saiu de lá trinta anos mais tarde, por volta de 450 AC, possivelmente condenado à morte, pelo menos expulso pelos atenienses.





Capítulo 18

Anaxágoras entrou em Atenas logo após a vitória dos atenienses contra o Império Persa, no auge da glória e do poderio daquela cidade. Foi ele que educou o mais brilhante líder político daqueles tempos, Péricles, de quem já fizemos referência.

Anaxágoras ficou famoso na história pela integridade de seu caráter, assim como pelo conhecimento assombroso, conforme diziam, que possuía da natureza. Foi ele quem afirmou que vivia para contemplar o Sol, a Lua e o céu, e durante os anos que ele passou em Atenas a história também é testemunha de que ele tentou ensinar aos demais algo destes conhecimentos que ele possuía.





Capítulo 19

Os escritores antigos dão testemunho, de fato, de um conhecimento surpreendente dos fenômenos naturais por parte de Anaxágoras. Segundo Plutarco, estas afirmações são de Anaxágoras:

- Que a claridade da Lua é fornecida pelo Sol;
- Que o arco-íris é o reflexo do Sol nas nuvens.





Capítulo 20

Segundo outros fragmentos recolhidos por Hipólito, escritor cristão de língua grega mas residente em Roma no terceiro século, Anaxágoras também teria ensinado que:

- As estrelas são pedras incandescentes, das quais não sentimos o calor porque estão muito afastadas de nós;

- a Lua está abaixo do Sol, e mais perto de nós do que o Sol;

- o tamanho do Sol é, na realidade, maior do que todo o Peloponeso;

- a Lua não tem luz própria, mas a recebe do Sol;

- os eclipses da Lua se devem ao fato de que ela é às vezes ocultada pela Terra, e os do Sol, devido à

**interposição da
Lua;**

**- a Lua é feita
de terra e
possui
planícies e
montanhas.**





Capítulo 21

Diógenes Laércio confirma muitas destas afirmações de Anaxágoras e acrescenta outras. Ele diz que Anaxágoras, por exemplo, afirmava que:

- O Sol é apenas uma massa de metal vermelho incandescente maior do que o tamanho de todo o Peloponeso;

- na Lua há montanhas e planícies;

- os ventos surgem quando o ar fica rarefeito pelo calor do Sol;

- o trovão é uma colisão entre as nuvens, e o relâmpago resulta de uma fricção violenta entre as mesmas.





Capítulo 22

Deve-se chamar a atenção para a importância de muitas destas observações de Anaxágoras. Não só elas estão substancialmente de acordo com a ciência moderna, como também de fato algumas são assombrosamente certas. A mais impressionante delas talvez seja a afirmação de que a Lua é feita de terra e que nela existem montanhas e planícies. Anaxágoras afirmou isto no século quinto antes de Cristo e disto são testemunhas dois escritores independentes do terceiro século depois de Cristo, Hipólito e Diógenes Laércio.





Capítulo 23

Esta última afirmação impressiona particularmente porque a história oficial, aquela que se comumente se ouve nas salas de aula e se lê nos livros textos, diz que o primeiro homem que afirmou que na Lua existem montanhas e planícies, o homem que portanto teria descoberto este fato, foi Galileu Galilei no século XVI quando, estando recém inventado o telescópio, resolveu apontar o novo instrumento para a Lua, só então assim descobrindo que nela havia montanhas e planícies. Pois, efetivamente, sem um telescópio não é possível perceber que na Lua existem montanhas e planícies, e antes do século XVI não havia telescópios no mundo. Porém o fato é que no século III dois escritores que não se conheciam um ao outro atestam que Anaxágoras, oito séculos antes, já sabia disso.





Capítulo 24

Esta Anaxágoras foi, assim, o primeiro filósofo com que os atenienses tiveram contato em sua história. Parmênides, nesta época, vivia na Itália e era aproximadamente dez anos mais velho do que Anaxágoras. Nenhum deles, ao que tudo indica, sabia da existência do outro.





Capítulo 25

Devemos também dizer agora que por esta época os atenienses acreditavam em coisas bastante diversas sobre o Sol e a Lua. Para os atenienses o Sol e a Lua eram deuses. Anaxágoras porém, ali vivendo, ensinava-lhes ao contrário que a Lua era feita de terra e que tinha planícies e montanhas, e que o Sol nada mais era do que uma massa de metal incandescente. Era inevitável que, nestas condições, mais cedo ou mais tarde teria que acontecer alguma coisa. Trinta anos depois da chegada de Anaxágoras a Atenas, no ano 450 AC, alguma coisa de fato aconteceu.





Capítulo 26

Existem diversas versões sobre o que aconteceu. Uma delas diz que um homem chamado Cléon acusou formalmente este estrangeiro à justiça ateniense como réu de impiedade por ensinar que o Sol era apenas uma massa de metal incandescente. Anaxágoras teria sido então levado a julgamento, condenado a pagar uma multa e ir para o exílio.

Uma outra versão diz que Anaxágoras teria sido julgado à revelia e condenado à morte. Seus filhos teriam sido executados, mas antes que o mesmo pudesse ser feito também com ele, o filósofo teria conseguido fugir para o exílio.

Existem ainda outras versões. Seja qual for a versão certa, o fato é que Anaxágoras terminou a sua vida no exílio; seus livros porém, dos quais para nós não restou nenhum, continuaram a ser copiados e vendidos publicamente junto ao coro do teatro de Atenas.

De nada valeu que Péricles, a principal figura política da cidade naquele tempo, tivesse sido seu dedicado discípulo. Naquela época Atenas era uma democracia, e Péricles não tinha poder algum sobre a justiça ateniense.





Capítulo 27

Naquela época a justiça ateniense era administrada pela Heliéia, ou Assembléia Judicial. Eram sorteados entre todos os cidadãos atenienses seis mil homens que formavam o que seria atualmente o Poder Judiciário. A cidade pagava estes homens pelos deveres que eles desempenhavam. Quando havia um julgamento, eram sorteados quinhentos destes seis mil homens a quem caberia por votação dar a sentença para o caso em julgamento. Naquela época aquele que no tribunal de hoje seria o juiz não tinha poder algum para dar a sentença. Ele era apenas um magistrado que preparava o caso para ser apresentado no tribunal diante dos que eram os verdadeiros quinhentos juízes. Aqueles que nos dias de hoje seriam chamados de advogados não tinham o direito de entrar no tribunal. Suas funções se limitavam a orientar os seus clientes antes do julgamento. As próprias partes em litígio, o acusador e o acusado, deveriam se apresentar pessoalmente diante dos quinhentos juízes e cada um devia expor a sua versão do caso a ser julgado. No final os juízes votavam e venciam a causa aquele que obtivesse a maioria simples dos votos dos juízes, isto é, a metade dos votos mais um.





Capítulo 28

Cinquenta anos depois do julgamento de Anaxágoras a memória desta fato ainda estava viva entre os atenienses, conforme mostra um acontecimento ocorrido durante o julgamento de outro filósofo diante de um tribunal exatamente composto como o que acabamos de descrever. Este filósofo foi Sócrates, e o seu julgamento foi posteriormente narrado por Platão em um de seus diálogos denominado "A Apologia de Sócrates". As acusações contra Sócrates eram variadas, mas dentre elas estava novamente a mesma acusação de que Anaxágoras havia sido, muitos anos antes, também réu. Durante o julgamento de Sócrates um dos acusadores, de nome Meleto, assim se expressou diante dos juízes:

*"Atenienses,
eis aqui diante
de vós a
Sócrates. Este
homem é réu
de pesquisar
indiscretamente
o que há sob a
terra e nos
céus, de fazer
com que
prevaleça a
razão mais
fraca e de
ensinar aos
outros o
mesmo
comportamento.
Ele não crê,
ademais, como
toda a gente,
que o Sol e a
Lua são
deuses, pois
afirma que o
Sol é pedra e*

**que a Lua é
terra".**

A esta acusação Sócrates teria respondido assim:

**"Estás
sonhando,
meu caro
Meleto. Tu
supões ainda
estares
acusando a
Anaxágoras,
envergonhando
desta forma os
aqui
presentes,
julgando-os
tão ignorantes
que não
sabem que
são os livros
de Anaxágoras
de
Clazômenas
que andam
cheios destas
teorias. Seria
justo de mim
que os jovens
aprenderiam
tais lições,
sendo que
eles podem, a
qualquer
momento, por
apenas três
dracmas,
comprar os
seus livros
junto ao coro**

***do teatro e
depois rir do
velho Sócrates
que as quis
passar como
suas,
justamente
estas tão
originais?"***

Esta não foi a única acusação contra Sócrates, mas juntamente com ela, neste tribunal, Sócrates foi condenado à morte por uma diferença de trinta votos.





Capítulo 29

De modo que, conforme dizíamos, por volta do ano 450 AC, Anaxágoras de Clazômenas foi condenado à morte ou pelo menos expulso da cidade pelos Atenenses.

Sem que possivelmente soubesse do que havia acontecido, alguns poucos anos depois, talvez em 445 AC, lá na então distante Itália Parmênides tomou uma decisão que viria a ter conseqüências tanto na Filosofia como na Pedagogia. Este filósofo resolveu abandonar a Itália e dirigir-se para Atenas e ali expor, entre os atenienses, os seus ensinamentos.

Juntamente com Parmênides empreendeu também esta viagem um de seus discípulos e conterrâneos, o filósofo Zenão de Eléia. Ambos levavam para expor em Atenas uma doutrina que, pelo que dela já vimos nas duas aulas precedentes, era indescritivelmente mais ousada do que todos os ensinamentos que Anaxágoras já havia podido trazer à luz.

O que veio a acontecer então será objeto das próximas notas.

São Paulo, 28 de agosto de 1989





ZENÃO x SÓCRATES

Capítulo 1

Conforme tínhamos falado, Anaxágoras foi o primeiro filósofo grego a viver em Atenas. Depois de uma estadia de 30 anos nesta cidade, foi condenado por ter afirmado que o Sol era apenas uma massa de metal incandescente e que a Lua era feita de terra. Pouco depois desta condenação, Parmênides, então ainda na Itália, resolveu dirigir-se juntamente com seu discípulo Zenão à mesma Atenas para ali expor sua doutrina.





Capítulo 2

A doutrina de Parmênides, dentre outras coisas, baseava-se na premissa de que o ser e o pensar são o mesmo, e que por consequência dentro da realidade só poderia existir um único ser eterno, indivisível e imutável.





Capítulo 3

Ora, esta doutrina é muito mais radical do que as afirmações de Anaxágoras sobre o Sol e a Lua. Nas notas anteriores vimos como, mesmo depois de passados cinquenta anos desde o julgamento de Anaxágoras, a polêmica por ele causada tornou a emergir no julgamento de Sócrates como uma coisa ainda viva na lembrança dos atenienses. E, no entanto, talvez ainda não se tivessem passado cinco anos da data da fuga ou talvez da morte de Anaxágoras por este motivo quando Parmênides e um seu discípulo, Zenão de Eléia, entraram em Atenas para ali ensinarem suas doutrinas. Não sabemos se foi por coragem ou por desconhecimento dos fatos lá ocorridos, ou talvez por um pouco de ambos.





Capítulo 4

Conforme dissemos, Parmênides entrou em Atenas acompanhado por seu discípulo Zenão. Segundo Platão, nesta época Parmênides tinha sessenta e cinco anos e Zenão quarenta anos de idade.





Capítulo 5

Embora Zenão de Eléia fosse discípulo de Parmênides e ensinasse a mesma doutrina que o seu mestre, havia uma distância imensa entre ambos como filósofos.





Capítulo 6

A primeira diferença entre Zenão e Parmênides, embora ambos ensinem a mesma doutrina, estava no grau de generalidade e abstração com que ambos a apresentavam.

Parmênides, para chegar às conclusões a que chegou, utilizou-se de um raciocínio bastante abstrato, isto é, um raciocínio em que se utilizou de noções bastante gerais, tais como as de ser e não ser, unidade e pluralidade, e outras semelhantes.

Zenão, ao tentar confirmar as doutrinas de seu mestre, utilizou-se de outros argumentos menos abstratos e gerais.

Antes, pois, que tentemos expor alguma coisa sobre Zenão de Eléia, vejamos o que significa generalidade e abstração, e em que sentido o raciocínio de Parmênides é geral e abstrato.





Capítulo 7

Uma noção é chamada geral quando ela pode ser dita de muitos objetos individuais em particular. Quanto mais geral é uma noção, tanto a um maior número de objetos ela pode ser aplicada.

Por exemplo, José Albuquerque da Silva só pode ser dito de um único homem em particular, e de mais nenhum. Já a noção "homem" pode ser dita tanto de José, como de João ou de Joaquim, e ainda de outros. A noção de homem é, portanto, mais geral do que José Albuquerque da Silva.

A noção "ser humano" é ainda mais geral, porque pode ser aplicada tanto a José, como a João, como também a todos os homens e não só aos homens, como também às mulheres. Ser humano é, assim, alguma coisa de mais geral do que homem.

A noção de "mamífero" é mais geral do que homem, porque tanto pode ser aplicada aos homens, e ao José da Silva em particular, como também a muitos outros animais como os macacos, as baleias, os cachorros e os gatos.

"Animal" é mais geral ainda, porque se aplica também não só aos homens e aos mamíferos em geral, mas também às aves, aos répteis, aos peixes e aos insetos.

"Ser vivo" é um termo ainda mais geral do que animal, pois predica-se tanto dos animais quanto das plantas e dos microorganismos.

"Ser corporal" possui uma generalidade ainda maior, porque se aplica tanto aos seres vivos como aos seres inanimados, desde que tenham natureza material.

Mas por mais geral que possa ser o conceito de ser corporal, mesmo este não se aplica, pelo menos necessariamente, a todos os seres, porque, por exemplo, na hipótese de ser possível a existência de alguma realidade independente da matéria, esta não seria mais um ser corporal. Supondo que existisse uma realidade independente da matéria, ela não seria

um ser corporal, mas seria algum tipo de ser. Neste sentido o conceito de ser é o conceito mais geral possível, porque se aplica necessariamente a qualquer objeto, independentemente de sua natureza. Qualquer coisa, seja o que for, terá que ser, pelo menos, ser.

Quando Parmênides, pois, escreveu seu poema, baseou-se nos conceitos mais gerais possíveis.





Capítulo 8

Falamos no ítem anterior o que é generalidade. Agora falta dizer o que é abstração. Generalidade não é a mesma coisa que abstração, embora quanto mais geral seja um conceito, mais abstrato também ele será.

A palavra abstrato vem de abstrair, que significa tirar, remover, trazer de dentro. Fazer uma abstração significa, assim, considerar um aspecto de alguma realidade desprezando outros, trazer à luz certas características de alguma coisa fazendo abstração das demais.

Como exemplo de abstração podemos considerar uma simples realidade de nosso trabalho. No nosso trabalho diário nossos chefes não se interessam e não se ocupam com nossas vidas particulares. Estas não interessam à empresa; somos remunerados não pelo que valemos como seres humanos, mas pelo que valemos como profissionais; a empresa vê a nós, seres humanos, apenas como profissionais. Qualquer outra realidade que em nós esteja presente, a empresa é cega para ela. Ela faz abstração do ser humano que há em nós, e só considera o profissional. Este é, assim, um exemplo de abstração, prático e elementar.

Mas no exemplo que demos anteriormente, em que de José Albuquerque da Silva passamos para homem, mamífero, animal, ser vivo, ser corporal e finalmente, ser, demos um exemplo não só de crescente generalidade, como também de crescente abstração.

Porque quando dizemos José da Silva, queremos dizer este indivíduo em particular. Quando dissermos "homem", porém, já estamos fazendo abstração de tudo quanto José da Silva tinha de especial que o diferencia de outros homens. Quando dizemos mamífero, estamos fazendo abstração de tudo quanto diferencia José da Silva não somente dos outros homens, mas também dos cachorros, das baleias e dos gatos. Quando dizemos "animal", estamos fazendo abstração de tudo quanto diferencia José da Silva não só dos cachorros e das baleias, mas também dos insetos, dos peixes e das aves. Ao dissermos

animal, ficamos apenas com as características de José da Silva que são comuns a todos os animais: a capacidade de reagir ao mundo exterior, a capacidade de se locomover, de se alimentar, de crescer, de reproduzir-se, e outras. Estas características são comuns de fato ao José da Silva e aos cachorros, às baleias, aos insetos, aos peixes, às aves e a todos os animais.

Mas quando chegamos ao topo da escada, e dizemos "ser", estamos abstraindo de José da Silva todas as características que ele não tem em comum com todos os outros seres, sejam eles quais forem. Já abstraímos tudo, exceto aquilo que existe de mais profundo em cada coisa, esta coisa tão misteriosa e intrigante que é o ser.

O ser é, assim, não só o conceito mais geral possível, mas também o mais abstrato de todos.





Capítulo 9

Desta maneira, quando constatamos que todo o raciocínio desenvolvido no poema de Parmênides trata apenas com conceitos tais como ser e não ser, unidade e pluralidade, podemos perceber em que sentido deve ser dito que o seu raciocínio envolve um alto grau de generalidade e abstração.





Capítulo 10

Uma das características dos conceitos que tem pequeno grau de generalidade e abstração é o fato deles poderem ser mais facilmente simbolizados por algo que possa ser visto com os olhos, ouvido ou apalpado.

Quando dizemos José da Silva, podemos lembrar o retrato que vimos dele, com todos os seus traços individualizantes.

Quando dizemos "homem", podemos lembrar de uma figura humana qualquer, que simbolizará a idéia de homem. Esta figura humana de que nos lembramos que pensamos no conceito de homem não é a idéia de homem. A definição que traduz o conteúdo da idéia de homem é "animal racional". Esta idéia não pode ser pintada, desenhada ou fotografada, vista nem tocada. O que pode ser tocado, visto, desenhado, pintado ou fotografado é o homem individualmente considerado. Este homem individualmente considerado pode ser lembrado pela nossa imaginação como uma ajuda para compreender o conceito abstrato de homem, como se fosse um símbolo da idéia abstrata de homem, mas é importante perceber que ambos não são a mesma coisa.





Capítulo 11

O problema é que à medida em que o grau de abstração vai aumentado fica mais difícil encontrar símbolos sensíveis para ajudar o pensamento que discorre sobre os conceitos abstratos. É fácil encontrar uma imagem que, quando lembrada, nos ajude a compreender tudo o que queremos dizer quando dizemos "ser humano". Mas não é mais tão fácil encontrar uma imagem adequada para o conceito de ser vivo, e muito menos para o puro conceito de ser.

Qualquer um seria capaz de desenhar no papel uma casa, um automóvel ou um homem. Mas ninguém seria capaz de desenhar num papel o ser ou o não ser.





Capítulo 12

Assim, quando Parmênides utilizou-se propositalmente de conceitos que envolvem um grau de abstração muito alto, referindo-se a entidades que não podem sequer ser simbolizadas por um desenho ou uma fotografia, que não podem ser apalpadas, ouvidas nem vistas com os olhos, mas apenas com a pura inteligência, acabou transportando o seu pensamento para a esfera do que posteriormente com Aristóteles passaria a ser denominado de Metafísica. Nisto reside uma parte do mérito de Parmênides na História da Filosofia. Aristóteles, conforme dissemos, reconheceu esta característica do raciocínio de Parmênides e encontrou o erro que ele havia cometido ao analisar seu raciocínio de dentro deste campo, e nisto Aristóteles ele foi, conforme veremos, singularmente ajudado pela educação que havia recebido de Platão.





Capítulo 13

É neste fato que também reside uma segunda diferença entre Parmênides e seu discípulo Zenão. Zenão, assim como outros discípulos de Parmênides, não percebeu que o raciocínio do mestre se desenvolvia no âmbito metafísico. Ou se o percebeu, não tratou do assunto neste plano. Em vez de se elevar também ele ao plano metafísico, percebendo que os ouvintes do mestre não o entendiam, fez uma tentativa de trazer suas idéias para o plano dos exemplos concretos, para o plano das coisas que podem ser tocadas e vistas não apenas com a mente, mas também com os cinco sentidos.





Capítulo 14

Foi assim que Zenão de Eléia desenvolveu uma série de argumentos para mostrar que a doutrina de Parmênides era correta, argumentos que pudessem ser mais facilmente entendidos pelas pessoas em geral.

Os argumentos de Zenão são muitos e, segundo Platão, constituíam originalmente pelo menos um livro inteiro. Os que chegaram até nós mal preenchem duas ou três páginas impressas, e mesmo destes vamos desenvolver aqui apenas dois.

São argumentos muito menos profundos do que os de Parmênides e que terão para nós um valor mais histórico do que propriamente filosófico.





Capítulo 15

Segundo Parmênides não havia muitos seres, mas apenas um único ser. Este ser seria eterno e imutável; por consequência, além de não existir a multiplicidade dos seres, não existiria também o movimento.

Em concordância com isto Zenão desenvolverá duas séries de argumentos. A primeira série visa provar por absurdo a impossibilidade da multiplicidade dos seres.

A segunda série visa provar também por absurdo a impossibilidade de existir o movimento.

De cada uma destas séries veremos apenas um exemplo.





Capítulo 16

Um dos argumentos de Zenão de Eléia contra a multiplicidade dos seres é o seguinte.

Se existem muitos seres, o seu número terá que ser finito ou infinito, porque nada pode ser ao mesmo tempo finito e infinito.

Ora, a quantidade de seres existentes terá que ser finita em seu número, porque os seres que existem não podem ser nem mais nem menos do que o número que são.

Porém, ao mesmo tempo, o número de coisas existentes tem que ser infinito, porque a existência de cada coisa a que denominamos uma unidade e que contamos como sendo um ser individual é, na realidade, não um, mas um número infinito de seres, porque cada uma das coisas existentes pode ser dividida em duas, e cada uma destas duas em outras duas e assim por diante, até o infinito.

Daqui se conclui que, se não admitimos que existe um único ser indivisível, mas admitimos a existência de uma pluralidade de seres como nossa vista quer que seja, seremos obrigados a afirmar que o número de entes que existem no universo é ao mesmo tempo finito e infinito. O que é impossível. Portanto, a multiplicidade dos seres não existe.





Capítulo 17

Dos argumentos de Zenão de Eléia contra a existência do movimento, o seguinte é um dos melhores.

Supondo que o movimento que nós vemos existisse realmente, devemos analisá-lo mais de perto.

Consideremos o movimento de uma flecha lançada contra um alvo. A cada instante do movimento a flecha só pode estar em um único lugar do espaço, porque nada pode estar, no mesmo instante, em dois lugares ao mesmo tempo. Portanto, isto significa que a cada instante do movimento a flecha tem que estar parada em um único lugar.

Ora, se em cada instante do movimento a flecha está parada, ela estará parada em todos os instantes do movimento e, portanto, não pode existir este movimento.

Se os ouvintes quiserem admitir que o movimento existe, terão que admitir que em pelo menos algum instante do movimento a flecha estará se movendo.

Porém, se é assim, neste instante, então, a flecha terá que estar em dois lugares ao mesmo tempo.

E daí o que é que se conclui? Ou admitimos que o movimento é uma ilusão ou então teremos que admitir que uma flecha pode estar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo.

Ora, a segunda destas alternativas é, obviamente, impossível. Portanto, o movimento não existe.





Capítulo 18

Com argumentos deste tipo, portanto, Parmênides e Zenão se dirigiram para Atenas, e se hospedaram na casa de um certo Pitodoro, do lado externo dos muros da cidade.

Poucos dias depois eles receberam a visita de Sócrates, ainda muito moço, que desejava ouvi-los e aprender com eles. O encontro foi narrado para as gerações futuras por Platão, em um diálogo que ele intitulou com o nome de "Parmênides". Platão nesta época ainda não tinha nascido, mas afirma ter podido reconstituir o encontro porque Pitodoro, ouvindo o diálogo travado entre Sócrates, Parmênides e Zenão ficou tão impressionado com ele que o reteve de quase de cor e o repetiu diversas vezes a muitas pessoas. Uma das pessoas que ouviram a narrativa de Pitodoro não só uma, mas diversas vezes, foi um tal de Antífon, o qual, ao que parece, foi quem o narrou a Platão que finalmente o reproduziu por escrito em seu diálogo, depois da morte de Sócrates, preservando-o para a posteridade.





Capítulo 19

Parmênides tinha sessenta e cinco anos quando chegou em Atenas, de cabelos brancos mas muito bem disposto. Zenão tinha quarenta anos, alto e de aparência alinhada.

Quando Sócrates, juntamente com outras pessoas, chegou à casa de Pitodoro, Parmênides havia saído, e só estava em casa Zenão.





Capítulo 20

Zenão leu então em voz alta, na ausência de Parmênides, todo o seu livro contendo uma coleção de argumentos do tipo que descrevemos acima. Ao chegar perto do fim do livro, alguém bateu à porta. Era o próprio Parmênides, que sentou-se e ouviu o restante da leitura do livro e o diálogo que daí se travou entre Zenão e Sócrates.





Capítulo 21

Chegando ao fim da leitura do livro de Zenão, Sócrates pediu que Zenão repetisse o início do primeiro argumento do livro. Terminada a leitura desta passagem, Sócrates disse que naquele argumento estava contida a essência do livro inteiro. Vejamos então, com alguma adaptação, como se desenrolou o diálogo travado em seguida entre ambos.





Capítulo 22

O argumento que Sócrates tinha pedido para que Zenão repetisse era o argumento contra a multiplicidade que nós citamos acima, ou então algum outro bastante semelhante a ele.

***"O que
você
quer
dizer
com
isto,
Zenão?"***

disse Sócrates.

***"Você está
dizendo que
se existe a
multiplicidade
dos seres,
cada ser é,
ao mesmo
tempo, um
só e muitos,
e isto é
impossível.
Porque nada
pode ser ao
mesmo
tempo uma
coisa e o seu
oposto. Não
é isto?"***

Zenão concordou.

**"Além
disso",**

continua Sócrates,

***"em todo o
seu livro
você não tem
outro
propósito
senão provar
a
inexistência
da
multiplicidade
dos seres.
Existem
tantas
provas da
inexistência
da
multiplicidade
dos seres
quantos
argumentos
que você
nele redigiu.
É isto ou eu
não
entendi?"***

Zenão também concordou que Sócrates havia entendido corretamente.

**"Além disso, o
que você
ensina no seu
livro é a
mesma coisa
que
Parmênides.
Parmênides diz
que tudo é um
só e o
demonstra;
enquanto você
diz que não
existe a
multiplicidade
e, para prová-
lo, oferece uma
superabundante
evidência.
Vocês dois não
são dois
filósofos. Você,
Zenão, é o alter
ego de
Parmênides.
Estranha arte
esta para nós,
atenienses".**

Zenão também concordou, embora ressalvasse que não havia segundas intenções quando procedia deste modo. Zenão explicou haver escrito seu livro em sua juventude para proteger os argumentos de Parmênides contra os que ridicularizavam o mestre, e ele mesmo ficou algum tempo na dúvida se conviria torná-lo público ou não. Alguém, entretanto, acabou roubando uma cópia do livro e a vendeu. A partir daí ele percebeu que não lhe restava mais escolha possível sobre se deveria ou não divulgá-lo.





Capítulo 23

O diálogo prosseguia desta forma quando Sócrates passou a dar a Zenão uma resposta que posteriormente a história da Filosofia demonstrou estar no caminho certo.

**"O
problema
de seu
argumento",**

continuou Sócrates,

**"é que não há
nada de
estranho em
que cada ser
seja ao mesmo
tempo um e
muitos.**

**Só a pura idéia
abstrata da
unidade é que
é perfeitamente
una. Os demais
seres
participam
desta unidade
perfeita. Isto é,
eles possuem
uma parte da
perfeição da
unidade que a
idéia da
unidade possui
por inteiro. Se
eles possuem
apenas uma**

**parte da
perfeição que
está contida na
idéia da
unidade, é
porque eles
não são
perfeitamente
unos: cada ser
tem que ser,
desta maneira,
um sob certos
aspectos e
muitos sob
outros
aspectos.**

**Agora, eu
ficaria
admirado e
realmente
perplexo se
você pudesse
me provar não
que os seres,
que apenas
participam da
idéia da
unidade, são
ao mesmo
tempo um e
muitos, mas
que a própria
idéia da
unidade possui
ao mesmo
tempo unidade
e
multiplicidade,
ou que a
própria idéia
da
multiplicidade**

***possui ao
mesmo tempo
multiplicidade
e unidade.***

***Se você puder
me provar que
o
absolutamente
um são muitos,
e que o
absolutamente
múltiplo é um,
isto me
espantaria.***

***Eu ficaria
deveras
surpreso em
ouvir que as
próprias idéias
de cada coisa
possuem
qualidades
opostas, mas
não se uma
pessoa quiser
me provar que
eu, Sócrates,
sou ao mesmo
tempo um e
muitos.***

***Porque eu,
Sócrates, de
fato, sob certos
aspectos sou
muitos, pois
tenho dois
braços, e não
um, e tenho
cabeça, tronco
e membros, e***

**órgãos
diversos e
partes
diferentes do
corpo que são
muitas.
Portanto, eu
não posso
negar que eu
participo da
idéia de
multiplicidade.
Mas só a idéia
da
multiplicidade
é totalmente
múltipla sem
unidade
alguma; desta
perfeição da
multiplicidade
que ela tem, eu
tenho apenas
uma
participação.**

**Mas, por outro
lado, eu
também sou
um, porque
aqui estão sete
pessoas e eu
sou apenas
uma. Portanto,
eu também não
posso negar
que eu
participo
também da
unidade
perfeita que há
na idéia de
unidade. Mas**

**só a idéia da
unidade é
totalmente una
sem
multiplicidade
alguma. Os
objetos
visíveis
possuem
apenas uma
parte desta
unidade que só
se realiza
perfeitamente
na idéia da
unidade. Só na
idéia da
unidade temos
uma unidade
pura, completa,
total, sem
mistura com
multiplicidade
alguma.**

**Assim, quando
uma pessoa
mostra que tais
coisas como a
madeira, as
pedras, e
outras, sendo
muitas, são
também uma
só, eu admito
que ela está
mostrando a
coexistência
do uno e do
múltiplo, mas
ela não está
mostrando que
esta**

***multiplicidade
é a unidade e a
unidade é a
multiplicidade.
Isto apenas
está mostrando
que estes
seres
participam
imperfeitamente
da verdadeira
unidade e da
verdadeira
multiplicidade,
e ela não está
com isto
mostrando um
paradoxo, mas
uma verdade
evidente.***

***Eu novamente
lhe repito,
Zenão, que eu
ficaria perplexo
se você
pudesse me
mostrar que
alguém
conseguiu
encontrar nas
próprias idéias
da unidade e
multiplicidade,
nestas idéias
que são
apreendidas
pela mente,
estas mesmas
características
que você diz
encontrar nos
objetos***

visíveis".





Capítulo 24

Até aqui veio Sócrates. É importante que o aluno de Filosofia e História da Educação reflita várias vezes sobre esta resposta. Nela encontra-se, em gérmen, muita coisa do que a Filosofia veio a trazer à luz posteriormente e que veremos a seguir.





Capítulo 25

Enquanto Sócrates falava, Pitodoro, o homem que tinha hospedado Parmênides e Zenão, que não havia de imediato percebido o alcance das palavras de Sócrates, pensava que seus hóspedes filósofos não estavam gostando da discussão com Sócrates e que Sócrates não deveria passar de mais um dos muitos chatos que poderiam haver resolvido aparecer na casa dele para aborrecer os seus hóspedes.

*"Mas
eles
estavam
lhe
dando a
mais
firme
atenção",*

testemunha Platão ao narrar o diálogo,

*"e
freqüentemente
se
entreolhavam
um ao outro
com uma
expressão de
admiração".*

Quando Sócrates terminou, foi a vez de Parmênides tomar a palavra e expressar o que pensava:

"Sócrates",

disse Parmênides,

**"eu admiro
a vocação
da tua
inteligência
para a
filosofia.**

**Eu gostaria
de saber
depois se
esta
distinção
entre as
idéias em
si mesmas
e as coisas
que
participam
delas é
algo de teu
próprio.**

**Porém
agora vejo
que és
muito
jovem, e
virá um
tempo, se
eu não
estou
enganado,
em que a
filosofia
tomará
conta mais
firmemente
de ti, e
então não
desprezarás
até mesmo
as menores**

***coisas.
Mas na
idade que
tens estás
possuído
de uma
inclinação
muito
grande
para dar
ouvido às
opiniões
dos
homens".***





Capítulo 26

O diálogo continua assim com Parmênides interrogando a Sócrates com perguntas para muitas das quais Sócrates não tinha resposta. Depois Parmênides dá uma aula a Sócrates sobre o modo segundo o qual se deve conduzir o raciocínio, o qual, se em vez de escrito fosse reproduzido como uma peça de teatro, deveria durar pelo menos umas quatro horas.





Capítulo 27

Tal foi a recepção que Parmênides teve por parte de Sócrates. Foi uma recepção muito diferente daquela que ele teve por parte do povo em geral, sobre a qual trataremos nas notas que virão a seguir. Ao contrário dos demais homens em geral, Sócrates fez aquilo que Parmênides esperava que alguém tivesse feito: em vez de rir dos seus argumentos, como acontece ainda hoje em dia com os alunos de filosofia que ouvem a Parmênides pela primeira vez, procurou compreendê-los no mesmo plano em que eles se situam.





Capítulo 28

Como se explica que Sócrates tivesse dado esta resposta e que nós, tendo já ouvido a Parmênides, tivéssemos uma reação tão diferente?

É ingênuo pensar que isto se deve ao fato de Sócrates ter sido uma pessoa muito inteligente, mais talvez do que nós. Sua resposta não é tanto fruto de uma inteligência superior, mas sim da seriedade com que aquele homem se empenhava, não naquele instante, mas ao longo de sua vida, pela compreensão da verdade. É a seriedade daquele que, tendo percebido o espetáculo do mundo à sua volta, tem verdadeiramente presente diante de si que não é possível que a inteligência humana tenha sido feita para afogar-se nas ocupações banais pela sobrevivência.

É justamente isto que nós nunca levamos a sério.

São Paulo, 4 de setembro de 1989.





OS SOFISTAS

Capítulo 1

Vimos, nas notas precedentes, como Parmênides e Zenão de Eléia expuseram a sua doutrina em Atenas, como foram ouvidos por Sócrates e os comentários que este fez a respeito.

Perante Zenão que dizia que não era possível existir a multiplicidade porque, se ela existisse, cada coisa seria ao mesmo tempo uma e muitas, Sócrates retrucou que nenhuma coisa visível, mesmo que seja uma, é a unidade. Cada coisa visível participa imperfeitamente da perfeita unidade que só existe na idéia da unidade. Só a idéia da unidade é absolutamente una, sem mistura com multiplicidade alguma. Só ela é perfeitamente una. As coisas que vemos à nossa volta têm, cada qual, em si mesma, uma parte da perfeição da unidade que a idéia de unidade tem e, portanto, não podem ser, justamente por isto, perfeitamente unas. Ora, se não são perfeitamente unas, têm que ser em parte unas e em parte múltiplas, e é por isso que cada coisa é, ao mesmo tempo, uma e muitas. Não há contradição nisto. Haveria contradição, diz Sócrates, apenas se alguém conseguisse provar que até na própria idéia abstrata de unidade existe simultaneamente unidade e multiplicidade.





Capítulo 2

O que chamou a atenção de Parmênides neste raciocínio, conforme as palavras por ele mesmo dirigidas a Sócrates depois da exposição deste último, foi a

*"distinção
entre as
idéias em
si
mesmas
e as
coisas
que
participam
delas".*

Mas nós devemos também chamar a atenção dos alunos para o fato de que em seu raciocínio Sócrates quer por sua vez chamar a atenção do ouvinte para o fato de que algo tal como a unidade é alguma coisa que pode ser possuída em parte.

Caberia fazer a pergunta: o que impede que se realize totalmente? Fica esta pergunta, por enquanto, para ser respondida por cada um.

Entender como estas coisas não são óbvias não é uma tarefa simples. Elas significam que aquilo que no dia a dia nós usualmente tomaríamos como um exemplo de unidade é, na realidade, um exemplo que realiza apenas uma parte daquilo que se realizaria se pudéssemos ver uma verdadeira e plena unidade.





Capítulo 3

Sócrates poderia ter estendido o seu argumento de tal modo que, a partir dele, obtivesse uma resposta não apenas a um dos argumentos de Zenão, mas a toda a doutrina de Zenão e Parmênides. Não o fez, todavia, e o encontro de ambos continuou com uma longa discussão sobre técnicas de argumentação.





Capítulo 4

Muito diversa da acolhida proporcionada por Sócrates foi, entretanto, a acolhida que os atenienses em geral deram a Parmênides e a Zenão. Para entendê-la, devemos falar alguma coisa mais sobre o sistema político que vigorava em Atenas naquela época.





Capítulo 5

Em Atenas havia se estabelecido o regime democrático, em que o povo detém o poder.

Na nossa época, quando alguém fala em democracia, geralmente se refere àquilo que se conhece como democracia representativa, da qual se diz que o povo exerce o poder na medida em que elege os seus representantes no governo e na medida em que qualquer pessoa do povo pode vir a candidatar-se a um cargo público e, uma vez eleito, sendo obrigado a prestar conta de seu mandato perante a nação. Neste sistema não é propriamente o povo que governa, mas os representantes por ele eleitos. Este sistema é, por causa disso, dito democracia representativa.

Em Atenas a democracia que havia se instalado não era, porém, a representativa. Era a democracia direta. Quem mandava, de fato, era o povo, e não os seus representantes.





Capítulo 6

Já tivemos a oportunidade de mencionar como eram os tribunais atenienses, em que não havia um juiz, mas quinhentos juízes escolhidos entre seis mil pessoas sorteadas entre os cidadãos atenienses, os quais julgavam as causas por votação em maioria simples, após ouvirem as partes em litígio.





Capítulo 7

As decisões não judiciais, como as votações de leis, a declaração de uma guerra ou mesmo as decisões a serem tomadas dentro dela, resoluções de política externa e comércio exterior, e outras semelhantes, eram decididas pela Assembléia Popular.

Uma vez a cada 36 dias todos os cidadãos de Atenas se reuniam em Assembléia Popular e examinavam uma pauta de assuntos preparada por um conselho de quinhentos homens designados para tanto. Era examinada a conduta de todos os magistrados, que o povo tinha poder de dispensar do cargo a qualquer momento ou mesmo de conduzir a julgamento em caso de irregularidade.

Ademais, além dos assuntos levantados pela pauta preparada pelo Conselho dos Quinhentos, qualquer cidadão poderia pedir a palavra e colocar outro assunto em discussão, mesmo que fosse a votação de uma nova lei. A proposta seria votada pela Assembléia Popular e aprovada ou não conforme o número de votos. O êxito dependia em grande parte da capacidade que teria o cidadão individual de convencer a Assembléia de que tal proposta deveria ou não ser aprovada. Antes da votação um outro cidadão qualquer poderia pedir a palavra e expor um ponto de vista contrário.





Capítulo 8

Ora, na época em que Parmênides entrou em Atenas esta cidade era uma das grandes potências econômicas, políticas e militares do mundo antigo, graças a uma frota muito bem aparelhada e colônias comerciais espalhadas em todo o Mediterrâneo. Atenas talvez fosse a segunda potência da época, depois do Império Persa.

É curioso observar como um Império do porte do ateniense pudesse ser administrado por um sistema político baseado na democracia direta e, ao mesmo tempo, os atenienses dispõem de um sistema educacional tão primitivo como o que foi descrito nas notas anteriores. O acerto das decisões da política ateniense dependia em última análise da capacidade individual dos cidadãos de votarem corretamente as decisões a serem tomadas e, mais ainda, da capacidade individual de outros cidadãos em convencerem, em discurso público, a Assembléia Popular sobre como cada questão deveria ser votada. Para preparar os cidadãos para semelhante tarefa, todo o ensino disponível em Atenas era algo mais ou menos equivalente ao nosso curso primário. Consistia, conforme vimos, em aulas administradas por professores independentes de leitura, música e ginástica, a ginástica ocupando o primeiro lugar.

Num diálogo intitulado "Protágoras", escrito por Platão, em que Sócrates conversa com um jovem chamado Hipócrates, o primeiro diz ao segundo, referindo-se a este sistema de ensino:

*"Sei que
quando
eras mais
jovem
estudaste
com o
professor
de escrita,
com o
professor
de cítara e
com o*

***professor
de
ginástica.
E, quando
fizeste isto,
recebeste
o ensino
de cada
um destes
professores
não com o
intuito de
arranjar
uma
profissão,
mas para
te
cultivares,
como
convém a
um homem
livre que tu
és".***

Este ensino, conforme vimos, resultou do abrandamento progressivo do regime militar, transformando-se em ginástica, ao que se acrescentou posteriormente o ensino da música e da leitura.





Capítulo 9

Mas embora, como diz a citação de Sócrates do ítem anterior, esta educação era dada e procurada pelos atenienses não para aprender uma profissão, mas para cultivar o homem livre, isto é, o cidadão da democracia ateniense, pois os escravos não eram cidadãos, aos poucos começava a ficar evidente em Atenas que o homem mais poderoso não era o atleta, nem o músico, mas aquele que soubesse melhor falar em público e convencer a Assembléia Popular a votar de acordo com os seus pontos de vista. Esta habilidade era fundamental, mas não havia mestres para ensiná-la.





Capítulo 10

Não havia mestre para ensinar a discursar e convencer as multidões do que bem se entendesse até que, a princípio talvez quase inadvertidamente, os atenienses começaram a perceber que, embora não se tivessem declarado tais, já havia algum tempo que estes mestres haviam chegado à cidade e muitos haviam zombado deles e não lhes dado o devido valor. Eram eles precisamente aqueles dois filósofos loucos de Eléia. Lá estavam dois sábios, que há tantos anos vinham se dedicando ao estudo, esforçando-se por tentar demonstrar ao povo a falsidade das coisas mais evidentes. Não tinham eles livros e livros de argumentos para mostrar que uma flecha em movimento na realidade está parada? Não tinham eles escrito tratados para provar que a multidão dos objetos que vemos no mundo à nossa volta não é uma multidão, mas um só e único ser? Não demonstrava Parmênides que tudo o que vemos pelos sentidos é ilusório, e muitos ouvintes, não podendo responder aos argumentos destes filósofos, ficavam perplexos e começavam realmente a duvidar se aquilo em que sempre tinham acreditado poderia ser falso? Ora, se estes filósofos eram capazes de induzir a dúvida nos ouvintes a respeito de coisas que deveriam ser tão evidentes, o que não faria um político se estudasse filosofia com eles e aplicasse a habilidade que eles tinham e demonstravam aos problemas políticos? Os discípulos daqueles dois filósofos seriam os senhores das decisões da Assembléia Popular. Manipulariam a Assembléia conforme as suas vontades e se tornariam os senhores de Atenas.





Capítulo 11

Não é difícil imaginar como, de uma acolhida que inicialmente deve ter sido provavelmente fria e sarcástica, os atenienses passaram a ouvir aqueles dois filósofos veneradamente com uma atenção tal como se estivessem ouvindo aos deuses. Sócrates os tinha ouvido e esforçou-se, a partir dos argumentos deles, para alcançar uma compreensão mais profunda da verdade. Mas os demais atenienses não estavam interessados em qualquer verdade que os dois filósofos de Eléia vinham ou não vinham trazer. Eles queriam aprender como era possível fazer aquela mágica de apresentar provas aparentemente irrefutáveis de que as coisas mais evidentes não são como supomos que sejam. Quando Parmênides e Zenão foram embora de Atenas, devem ter visto as cópias de seus livros disputadas entre os atenienses que os liam e reliam aparentando evidente desejo de aprender. Parmênides e Zenão foram, finalmente, levados a sério, mas não era bem desta maneira que eles tinham desejado que tivessem sido levados a sério.





Capítulo 12

Aconteceu então que algumas pessoas mais hábeis conseguiram de fato adaptar as técnicas de argumentação de Parmênides e Zenão à discussão dos problemas políticos. Estas passaram a ser denominadas de sofistas e a darem aulas do assunto a qualquer cidadão que tivesse o dinheiro bastante para pagá-los. Ao contrário dos professores de leitura, música e gramática que eram pessimamente mal pagos e muito mal qualificados, os sofistas se aperfeiçoavam em suas técnicas, uns estudando com os outros e cobrando caríssimo pelas suas aulas, que só podiam ser pagas por pessoas de muita posse. Poucos anos antes da visita de Parmênides e Zenão em Atenas já havia sofistas no mundo grego que ensinavam a arte de falar e de convencer as multidões, mas este tipo de ensino e suas técnicas receberam seu grande impulso da adaptação que foi feita dos textos de Parmênides e Zenão à sua arte. Foi a partir daí que a sofística adquiriu a sua maior envergadura.





Capítulo 13

Os sofistas geralmente não se fixavam definitivamente em nenhuma cidade, mas itineravam de cidade em cidade angariando discípulos que passavam alguns anos estudando com eles. Em cada cidade por que passavam costumavam realizar demonstrações de oratória em público como propaganda para angariar alunos. Sua glória era serem bem sucedidos em Atenas.





Capítulo 14

O primeiro sofista famoso mencionado na história foi Protágoras. Como todos os demais sofistas, seus objetivos pedagógicos eram utilitários. Dizia que a filosofia devia ser estudada apenas na época da juventude e que se torna inútil quando cultivada além de determinados limites, porque impede o homem de se tornar habilidoso nos negócios públicos e na vida humana. Não se deve perder tempo, diz Protágoras, especulando sobre a natureza, sobre o mundo nem sobre os deuses.

*"Eu não
sei se
existem
ou não
existem
deuses",*

diz também Protágoras,

*"a
questão
é
obscura
e a
vida
humana
é
curta".*

O importante é viver, e na vida política o importante não é possuir a verdade, mas ser capaz de convencer o público de que tal ou determinada coisa é verdadeira.

Diz dele H.Marrou:

***"Ele não tinha
a seus alunos
nenhuma
verdade a ser
ensinada, mas
apenas a
terem sempre
razão em
qualquer
circunstância".***

***"Protágoras
tomou
emprestado
de Zenão de
Eléia",***

continua Marrou,

***"seus
procedimentos
polêmicos e
sua dialética
rigorosa,
esvaziando-
os, porém,
daquilo que
lhes dava sua
seriedade".***

Diógenes Laércio, na biografia de Protágoras, diz que ele foi o primeiro pensador a sustentar que sempre, em qualquer questão, existem dois lados opostos um ao outro e que devem ser ambos considerados. Ademais, ele partia do princípio de que

**"o
homem
é a
medida
de
todas
as
coisas,
das
coisas
que
são e
das
coisas
que
não
são",**

e que, além disso,

**"tudo é
verdade".**

**Estes princípios são explicados assim por Platão, que viveu
depois de Protágoras:**

**"Para
Protágoras,
assim
como cada
coisa
parece
para mim,
assim é
para mim,
e assim
como
parece
para ti,**

***assim é
para ti
porque
tanto eu
sou
homem
como tu és
homem".***

Quando Protágoras diz então que o homem é a medida de todas as coisas, não está se referindo à espécie humana, mas a cada homem individualmente considerado. Com isto ele introduziu a relativização da verdade. O princípio de Protágoras é a mesma coisa que a negação da verdade.

Protágoras, ademais, se vangloriava de ser

***"capaz
de
converter
em forte
a razão
débil",***

fosse qual fosse a razão débil.

Protágoras dizia ainda que ele queria

***"ensinar a
sabedoria,
tanto na
maneira
de
administrar
a casa
própria
como os
negócios
públicos,
isto é, a
maneira
de agir e
falar para
poder
governar
uma
cidade".***





Capítulo 15

Certa vez Protágoras e Sócrates se encontraram. O encontro foi narrado por Platão, discípulo de Sócrates. Sócrates começou a interrogar Protágoras, e este dava respostas extensas, compridas, cheias de floreios e artifícios de retórica. Sócrates então pediu uma pausa e disse:

*"Protágoras,
me desculpe,
mas eu quero
lhe dizer que
a natureza
me dotou de
uma memória
reduzida, e
quando me
fazem longos
discursos,
esqueço do
assunto que
estamos
discutindo.
Se eu fosse
surdo, você
reconheceria
ser
necessário,
para falar
comigo, falar
mais alto;
mostre pois a
mesma
complacência,
e já que você
encontrou em
mim um
homem de
memória
curta, resuma
as suas*

**respostas e
faça-as mais
curtas, se
quiser que eu
o
acompanhe".**

A este pedido Protágoras teria respondido o seguinte:

**"Na minha
vida,
Sócrates,
tenho
travado lutas
de palavras
com muitas
pessoas; e
se eu tivesse
feito o que
me pedes, e
tivesse
regulado a
minha
maneira de
discutir
pelas
exigências
dos meus
contraditores,
nunca teria
eclipsado
ninguém, e o
nome de
Protágoras
não seria
famoso entre
os gregos".**





Capítulo 16

Numa peça de teatro de Aristófanes, chamada *As Nuvens*, em que se faz uma sátira dos sofistas, erroneamente confundindo Sócrates com um deles e levada ao palco ainda durante a vida de Sócrates, Aristófanes narra a história de um pai que se endividou comprando cavalos de corrida para o seu filho. Ouçamos o que diz o pai na peça:

*"Ó, como são
compridas as
noites, que coisa
tão interminável!
Pobre de mim,
não posso
dormir mordido
pela despesa e
pelas dívidas da
estrebaria, e
tudo por causa
do meu filho! Eu
morro, vendo
que está
chegando o dia
vinte e os juros
vão correndo.
Por favor,
escravo, acorde,
acenda a
lâmparina e
traga-me o livro
de contas para
eu ver a quantas
pessoas eu
estou devendo e
calcular os
juros. Ai! Quem
me dera que
antes houvesse
morrido
desgraçadamente*

***a casamenteira
que me fez casar
com a mãe deste
jovem! Mas
agora, pensando
a noite inteira
sobre um meio
de encontrar
uma solução
para minhas
dívidas, achei
um caminho,
diabolicamente
excelente.***

***Acorde, meu
filho. Está vendo
aquilo, ali no fim
da rua? Aquela
casa é um
pensatório de
sofistas. Lá
moram homens
que falam do
céu, querendo
nos convencer
que o céu é a
tampa de um
forno e que nós
somos os
carvões. Se a
gente lhes der
algum dinheiro,
eles ensinam a
vencer nos
discursos nas
causas justas e
injustas. São
pensadores
meditabundos,
gente de bem! Ó
se são! Por
favor, meu filho,
esqueça um***

***pouco das
corridas de
cavalos e junte-
se a eles. Torne-
se um deles.
Eles dizem que
os raciocínios
são dois, o forte,
seja ele qual for,
e o fraco. Eles
afirmam que o
segundo
raciocínio, isto é,
o fraco,
discursando,
vence nas
causas mais
injustas. Ora,
filho querido, se
você aprender
este raciocínio
injusto, do
dinheiro que
agora eu estou
devendo por sua
culpa, destas
dívidas eu não
pagaria um
óbolo a
ninguém!"***





Capítulo 17

Há, entretanto, alguns motivos para elogiar os sofistas. Eles desenvolveram mais profundamente o estudo da linguagem, e diz Diógenes Laércio que Protágoras foi o primeiro homem que distinguiu e classificou os tempos dos verbos, iniciando, assim, o estudo da gramática que viria a se desenvolver mais amplamente em época posterior.





Capítulo 18

Outro sofista famoso, de quem falaremos mais tarde, foi Górgias. Ao contrário de Protágoras, que ensinava que tudo era verdade, ele ensinava que tudo era falso. Ele se utilizou mais amplamente do que Protágoras das técnicas de Parmênides e Zenão para ensinar como se poderia contra argumentar diante de qualquer evidência mostrando que seria falsa.

Embora Protágoras dissesse que tudo era verdade e Górgias ensinasse que tudo era falso, ambos na realidade estavam ensinando a mesma coisa, isto é, que não existe a verdade objetiva e que o importante é convencer.





Capítulo 19

A história menciona ainda ter existido um livro de um sofista anônimo, chamado de "Discursos Duplos", que ilustra muito bem o espírito da primeira sofística.

Tratava-se de um livro que continha, em duas colunas paralelas, dada uma tese, os argumentos para provar que esta tese é verdadeira e os argumentos para provar que a mesma é falsa.





Capítulo 20

O desenvolvimento da sofística foi em parte responsável pela destruição do poder ateniense. Vinte anos depois da visita de Zenão e Parmênides a esta cidade, ela entrou em guerra contra os espartanos, no confronto que se denominou de Guerra do Peloponeso. Esta guerra durou vinte e oito anos e Atenas, que tinha vencido um século antes, com menos recursos, por três vezes o colosso do Império Persa, perdeu desta vez uma guerra que estava desde o início praticamente ganha contra uma simples cidade.

Nos momentos decisivos da guerra, curiosamente, surgia alguém que convencia a Assembléia Popular a decidir exatamente o contrário do que em qualquer outra circunstância teria sido o óbvio a ser feito.

Nunca mais Atenas se recuperaria da derrota, nem no plano político, nem no plano econômico.





Capítulo 21

Foi no período entre a visita de Parmênides a Atenas e o final da Guerra do Peloponeso, período em que a sofística alcançou o auge da sua influência, que se desenvolveu a atividade filosófica de Sócrates. Cinco anos depois da derrota na Guerra do Peloponeso, Sócrates seria julgado e condenado à morte, em 399 AC. Sua atividade de filósofo neste contexto será o objeto das próximas notas.

São Paulo, 1º de outubro de 1989





SÓCRATES

Capítulo 1

Nas notas anteriores examinamos o surgimento da sofística entre os gregos, a qual, embora tivesse se iniciado já antes de Parmênides, tomou o seu grande impulso depois da visita que este filósofo e seu discípulo Zenão fizeram a Atenas. Tínhamos já visto a acolhida que Sócrates havia dado a Parmênides e a Zenão. Tivemos depois a oportunidade de examinar como foi a acolhida dada a estes por parte dos atenienses, e como os sofistas passaram a se valer das técnicas de argumentação destes filósofos italianos para desenvolverem suas próprias técnicas de argumentação e oratória com o fim de ensinar aos outros a arte de convencer as multidões.





Capítulo 2

O encontro de Sócrates com Parmênides e Zenão é um dos primeiros fatos históricos que temos a respeito de sua vida. Entre este encontro e a época do fim da guerra do Peloponeso, um período de aproximadamente 50 anos, encontra-se a maior parte da vida ativa de Sócrates.





Capítulo 3

Ao contrário dos filósofos pré-socráticos, que escreveram diversas obras, mas que se perderam, Sócrates não escreveu nada. O que sabemos sobre ele é fruto principalmente de dois dos seus principais discípulos, chamados Platão e Xenofonte.





Capítulo 4

Platão escreveu uma série de mais de duas dezenas de diálogos, dos quais existem ainda hoje todos eles.

Chamam-se Diálogos porque neles Platão não expõe seus ensinamentos por meio de uma exposição direta, mas sim através do artifício em que é contada uma história na qual sempre se encontram diversas pessoas que iniciam um diálogo. A narrativa do diálogo passa a ser então a parte principal de cada uma das mais de duas dezenas destas obras de Platão; o diálogo é narrado em toda a vivacidade dos detalhes com que ocorreu, mas, se o leitor acompanhar atentamente o diálogo como se estivesse participando dele, passará, logo em seguida, a participar da discussão dos temas filosóficos nele propostos por Platão.

Com a exceção do último diálogo, chamado As Leis, em todos os outros Sócrates é um dos personagens, e na maioria deles é o personagem principal.

Existe uma controvérsia entre os estudiosos a respeito de quais são os diálogos em que Platão reproduz um diálogo realmente ocorrido em que Sócrates se aproveitou da ocasião para expor suas doutrinas e quais são os diálogos imaginados por Platão em que, apresentando Sócrates como um dos dialogantes, está na realidade contando uma situação fictícia e expondo não as doutrinas de Sócrates, mas as suas.

De qualquer maneira, é evidente que muitos diálogos e muitas passagens dos Diálogos são relatos de fatos historicamente ocorridos e uma das principais fontes para o conhecimento da pessoa de Sócrates.





Capítulo 5

Xenofonte escreveu sobre Sócrates um livro chamado "Ditos e feitos Memoráveis de Sócrates", o qual, embora muito menos profundo do que as obras de Platão, é a segunda fonte mais importante sobre a pessoa e o pensamento de Sócrates.





Capítulo 6

Sócrates nasceu em Atenas na época do fim das guerras dos atenienses contra os persas, cerca de 470 AC, e morreu alguns anos após o fim da guerra do Peloponeso, em 399 AC.

Era filho de um escultor e uma parteira. Durante algum tempo, parece ter ganho a vida como escultor, mas ao que tudo indica não seguiu a carreira.

Provavelmente foi educado, quando criança, de acordo com o sistema escolar vigente em Atenas à sua época que já tivemos a oportunidade de descrever. No entanto, nos Ditos Memoráveis, Xenofonte relata Sócrates conhecer e conhecer bem diversos outros assuntos que não faziam parte das matérias usualmente ensinadas pelos professores de Atenas, embora ele próprio não desse muita importância a estes conhecimentos. Não está bem claro como Sócrates os tivesse aprendido, pois ele nunca se ausentou de Atenas, a não ser quando convocado para cumprir seus deveres militares, e não consta que ele tivesse tido maiores contatos com os filósofos do sul da Itália, nem com os da Ásia Menor, nem que tivesse viajado ao Egito ou à Pérsia. Alguns dos homens antigos que escreveram sobre Sócrates tentaram explicar este fato levantando a hipótese de que ele talvez tivesse sido discípulo de Anaxágoras na época em que este filósofo ainda vivia em Atenas, mas tal afirmação é uma coisa muito incerta. Mais provável é que tenha estudado com Arquelaos, discípulo de Anaxágoras.





Capítulo 7

Embora seja comum muitas pessoas terem ouvido falar alguma coisa a respeito de Sócrates, poucos conhecem o que realmente testemunharam dele os seus contemporâneos. A maioria das pessoas que ouviram falar alguma coisa de Sócrates fazem dele uma imagem como de um velhinho falador mas infinitamente paciente.

Entretanto, o primeiro testemunho que seus contemporâneos dão dele é o de um soldado de uma imensa superioridade técnica e moral em campo de batalha, um homem de coragem, inspirador de respeito tanto pela sua bravura como pelos princípios em que baseia sua conduta em meio às situações mais difíceis, em que uma outra pessoa qualquer perderia sua dignidade diante do medo.





Capítulo 8

Assim é que, um ano antes do início da guerra do Peloponeso a cidade de Potidéia rebelou-se contra Atenas e ambas entraram em guerra. Na expedição militar organizada pelos atenienses contra Potidéia estavam juntos como soldados Sócrates e Alcebíades, sobrinho de Péricles.

Péricles já sabemos quem foi. Quando iniciou-se no ano seguinte a Guerra do Peloponeso era ele a principal figura de Atenas. Foi Péricles quem coordenou o início da guerra contra os espartanos, mas antes que se iniciassem as principais ofensivas, Péricles morreu vítima de uma peste que assolou a cidade de Atenas vinda da Etiópia e do Egito. Seu sobrinho Alcebíades passou a ser, depois disso, o homem chave dos atenienses na condução da guerra do Peloponeso durante os seus primeiros anos e um dos principais durante boa parte do restante da guerra.

Ora, este Alcebíades teria morrido bem antes disso, na campanha contra Potidéia, se não tivesse sido salvo por Sócrates. Assim narra Plutarco o feito, ao contar a vida de Alcebíades:

*"Ainda
adolescente,
engajou-se
Alcebíades
na
expedição
contra a
cidade de
Potidéia.*

*Ali foi
companheiro
de Sócrates,
na tenda, e
também nas
fileiras em
combate.*

***Travou-se
então uma
batalha
feroz e
ambos se
distinguiram
nas ações.
Mas então
Alcebíades
tombou
ferido.
Sócrates
(que podia
ter
continuado
a luta como
todo
soldado
sem se
preocupar
com os
tombados),
cobriu seu
corpo com o
dele e
continuou a
luta
defendendo
a ambos
com notável
denodo.
Deste modo
salvou-lhe a
vida assim
como as
armas".***

Ora, continua Plutarco,

**"o prêmio
desta
bravura
competia
por justiça
a Sócrates.
Finda a
guerra,
porém, os
generais
atenienses,
considerada
a posição
social, pois
Alcebíades
era
sobrinho de
Péricles,
mostravam-
se ansiosos
por conferir
a glória a
Alcebíades".**

Sócrates, por outro lado, mostrou não ser ambicioso das honras e não ter desejado mais do que cumprir bem o seu dever. Diz então Plutarco que, em vez de protestar e querer para si as honras de herói, Sócrates ao contrário,

**"desejando
desenvolver
no jovem
Alcebíades
os
sentimentos
de honradez
nas ações
militares, foi
o primeiro a
depor a
favor de**

***Alcebíades
e a apelar
para que lhe
designassem
a coroa e a
panóplia".***





Capítulo 9

Platão conta, em um dos seus Diálogos denominado O Banquete, como o próprio Alcebíades, anos depois do término da campanha de Potidéia, deu pessoalmente o seu testemunho a favor de Sócrates.

Estavam conversando, na casa de um certo Agatão, Sócrates e mais seis pessoas, dentre os quais Aristófanes, o escritor de peças de teatro que mencionamos nas notas precedentes, o autor da comédia As Nuvens, em que Sócrates é ridicularizado sendo tomado como um sofista. Quando ocorreu este diálogo, Aristófanes já havia escrito e apresentado As Nuvens em público, pois um dos interlocutores do diálogo dirige a palavra a Aristófanes citando, na presença de Sócrates, um trecho da comédia em que Aristófanes satiriza a Sócrates.

É então que repentinamente entra na casa de Agatão e interrompe a conversa destes homens nada menos do que Alcebíades, fazendo os maiores elogios de Sócrates. Vejamos o que Alcebíades tinha a dizer:

*"Senhores,
devo lhes
dizer como
admiro a
índole, a
sabedoria e a
bravura deste
homem aqui
presente.
Nele
encontrei
alguém como
jamais
esperei
encontrar
outro homem
com tamanha
prudência e
fortaleza.*

**Logo depois
que o
conheci,
participamos
ambos de
uma
expedição
contra
Potidéia, e
tínhamos as
refeições
juntos.**

**Pois bem,
para
começar, ele
superava, a
mim e a
todos os
outros, nas
fadigas. Toda
vez que, com
as
comunicações
cortadas,
como
acontece nas
guerras,
éramos
forçados a
ficar sem
provisões de
boca, perto
dele os
outros não
valiam nada
para suportar
a situação.**

**Por outro
lado, quanto
a suportar os
invernos, e lá**

**os invernos
são terríveis,
este homem
fez prodígios.
Certa vez,
entre tantas,
tivemos uma
geada das
mais
terríveis;
ninguém saía
ao relento,
ou, se alguém
saía, ia
embrulhado
com uma
espantosa
quantidade
de agasalhos,
calçado com
os pés
envoltos em
tiras de feltro
e pele de
carneiro. Mas
Sócrates,
nesta
ocasião, saiu
sem nada
levar além
daquela
mesma manta
que
costumava
vestir antes
e, descalço,
caminhava
sobre o gelo
com mais
desenvoltura
do que os
outros
calçados. Os**

***soldados o
olhavam com
desconfiança,
pensando
que com isto
Sócrates os
estava
querendo
humilhar.***

***E quanto aos
combates,
outro tanto é
o que eu
tenho a dizer.
Eis aqui uma
dívida que é
justo que se
lhe pague.
Quando se
feriu aquela
batalha após
a qual os
generais me
atribuíram a
insígnia de
bravura,
quem me
salvou não
foi outro
senão este
homem que
tendes aqui
presente. Ele
não quis me
abandonar
ferido, mas
salvou
juntamente
minhas
armas e
minha
pessoa.***

**Quando
voltamos a
Atenas, eu
propus aos
generais que
dessem as
insígnias a ti,
Sócrates, e tu
não me
podes
censurar por
isto, nem
desmentir.
Todavia os
generais
estavam de
olhos postos
na minha
linhagem, e
queriam
atribuir a mim
as honras.**

**Porém o fato,
deve-se dizer,
é que o
desejo de que
eu as
recebesse e
não Sócrates
era maior em
Sócrates do
que nos
próprios
generais.**

**Ainda muitas
outras coisas
admiráveis se
poderiam
dizer em
louvor deste
homem,**

**senhores. No
tocante a
outras
ocupações,
talvez se
pudessem
dizer coisas
semelhantes
a respeito de
outros; mas
naquilo em
que ele não
se assemelha
a homem
algum nem
do passado
nem do
presente é
que ele é
digno de toda
a admiração."**





Capítulo 10

Que outras coisas são estas a que Alcebíades se refere?

Conta a história que, durante a Guerra do Peloponeso, travou-se uma batalha em Délio. Dela participaram novamente Alcebíades e Sócrates. Conta o fato assim Plutarco:

***"De outra
feita, feria
a batalha
de Délio,
quando
batiam os
atenienses
em
retirada,
Alcebíades
ia
montado,
enquanto
Sócrates
retirava a
pé com
poucos
outros.
Quando
Alcebíades
o viu, não
passou à
frente,
mas
cavalgou
ao seu
lado e o
defendeu
do
inimigo,
que os ia
acossando
e***

**eliminando
em
grande
número".**

Mas no Banquete de Platão, o próprio Alcebiades dá uma versão mais completa do ocorrido. Ouçamos o que ele tem a nos dizer:

***"Ainda mais,
senhores, valia a
pena observar
Sócrates quando o
exército batia em
retirada fugindo de
Délío. Acontece,
com efeito, que
desta vez eu estava
ao seu lado. Eu
tinha um cavalo;
ele, apenas o seu
equipamento de
infantaria (isto é,
dos soldados que
combatem a pé).***

***Sócrates ia se
retirando, junto
com Laques,
quando os demais
homens já tinham
debandado. Eu os
vi por acaso, e mal
os vi, exortei-os a
ter coragem,
prometendo não
abandoná-los. Ali,
melhor do que na
batalha de Potidéia,
pude examinar a
Sócrates, pois eu
tinha menos o que***

temer por ir montado. Em primeiro lugar, quanto a sua inteligência superava a do seu colega que ele amparava! Ele caminhava como aqui, empertigado e lançando os olhos para os lados, observando de soslaio, serenamente, amigos e inimigos, deixando claro a todos, mesmo bem de longe, que se alguém tocasse na sua pessoa, defender-se-ia com grande vigor. Por isso retirava-se ele em segurança com o seu companheiro. De fato, na guerra, quase nem tocam em pessoas que procedem desta forma, mas perseguem aos que fogem desordenadamente".

E quem era Laques, que Sócrates amparava? Este companheiro Laques, de que fala Alcebíades, não é outro senão Xenofonte, o discípulo de Sócrates, também soldado naquela batalha, pois nós lemos em Diógenes Laércio, na sua biografia de Sócrates, o relato deste mesmo caso, em que se conta que o colega que Sócrates amparava era na realidade Xenofonte, que havia caído de seu cavalo, quando Sócrates, parou, voltou atrás e o

amparou em uma retirada a pé.





Capítulo 11

Alcebíades é também testemunha da capacidade incomum de concentração de Sócrates, mesmo nas condições mais adversas. Ele nos conta como Sócrates ficou imóvel, meditando, à procura de uma idéia, durante vinte e quatro horas seguidas, e isto não no aconchego do lar, nem no silêncio de uma casa de campo, mas na guerra, entre uma batalha e outra em que todos poderiam perder a vida a qualquer momento.

Ouçamos o próprio Alcebíades falar:

*"Quanto à
bravura
deste
homem,
senhores,
tenho dito.
Mas o que
realizou
Sócrates
certa vez na
campanha de
Potidéia vale
a pena ouvir.
Entregue a
seus
pensamentos,
achava-se de
pé desde o
amanhecer, à
procura de
uma idéia.
Como esta
não lhe
vinha, ele
não se dava
por vencido.
Mantinha-se
de pé,
procurando.*

**Já era meio
dia quando
os homens o
observaram,
e,
maravilhados,
comentavam
de um para o
outro:**

**`Sócrates
está de pé
desde o
alvorecer, a
pensar em
alguma
coisa'.**

**Por fim,
sobreveio a
tarde; alguns
dos que o
tinham
observado,
depois de
jantarem e
estenderem
suas camas
ao relento,
pois era o
verão então,
ficaram
deitados
tomando o
sereno e ao
mesmo
tempo
observando
se ele
permaneceria
de pé a noite
toda.**

***Ele ficou lá,
senhores, de
pé, até vir a
manhã e sair
o sol.
Chegando a
luz do dia,
fez uma
prece e
seguiu o seu
caminho".***





Capítulo 12

Mas a coragem e a honestidade de Sócrates não eram apenas em tempo de guerra. Seus contemporâneos relatam que ele não abandonava seu ideal de justiça por qualquer que fosse o motivo, mesmo que isto lhe custasse a própria vida.

Perto do fim da Guerra do Peloponeso, Alcebíades tinha sido expulso do comando da frota ateniense. Ocorreu então o episódio da chamada Batalha das Ilhas Arginusas. Este episódio é assim narrado pelo historiador M. Rostofzeff:

*"Após a
expulsão
de
Alcebíades,
os
atenienses
fizeram
mais um
grande
esforço. O
principal
objetivo
dos
espartanos,
que nesta
altura já
tinham se
aliado com
os persas,
era
conquistar
as águas
da região
nordeste da
Grécia, e
assim
privar
Atenas dos
suprimentos*

**de
alimentos
vindos do
Mar Negro.
Uma frota
ateniense
foi então
enviada
para
defender a
região e
começou
com êxito.
Os
espartanos
foram
derrotados
na Batalha
das Ilhas
Arginusas
em 406
AC".**

Para entender melhor o texto, vale a pena lembrar que a Guerra do Peloponeso, que durou 28 anos, terminou em 404 AC.

**"Mas a
batalha
das
Arginusas
foi travada
durante
uma
tempestade
e muitos
marinheiros
atenienses
morreram
afogados".**

A guerra, nesta altura, já estava bastante difícil para os atenienses. Em vez de comemorarem a vitória,

"o fracasso dos generais em salvar os marinheiros do afogamento provocou uma explosão de ira na Assembléia Popular em Atenas. Os generais foram privados de seu comando e os que voltaram para casa foram mortos. Esta justiça sumária não encorajou seus sucessores. A esta causa, entre outras, os atenienses devem sua derrota final e decisiva na Guerra do Peloponeso, ocorrido em Egospótamos, próximo à entrada do Helesponto".

Estes generais, 10 ao todo, foram chamados de volta a Atenas para enfrentar um julgamento. Já vimos como eram os tribunais em que se faziam os julgamentos da Justiça Ateniense: quinhentos juízes, escolhidos entre um número de 6000 cidadãos escolhidos por sorteio, que votavam o veredito por maioria simples, após defesa pessoal dos acusados, com um magistrado coordenando a seqüência das acusações, defesas e votações.

Só que neste julgamento, que ficou na história, tratava-se de uma questão de guerra e os juízes seriam todos os cidadãos presentes à Assembléia Popular, qualquer que fosse o seu número. Coube a Sócrates, por sorteio, desempenhar o papel do Magistrado que iria coordenar o julgamento dos 10 generais.

Logo que se iniciou o julgamento, Sócrates percebeu sua irregularidade. A Assembléia queria julgar os dez generais e, ao que tudo indicava, condená-los à morte, em um só bloco. Segundo as leis atenienses, porém, cada general deveria ser julgado em separado e haver tantos julgamentos quantos fossem os réus. Enfrentando a ira popular, o que naquelas circunstâncias poderia vir a custar-lhe a vida, Sócrates conseguiu se impor e obter o julgamento individual de cada um dos acusados.

No Quarto Livro dos Ditos Memoráveis de Sócrates, Xenofonte se refere a este fato desta maneira:

***"Quanto à
justiça,
Socrates,
longe de
rebuçar sua
opinião,
patenteava-a
por atos: no
particular de
sua casa era
todo
equidade e***

***benevolência;
como
cidadão, de
impecável
honestidade
para com os
magistrados
em tudo o
que manda a
lei, quer na
cidade, quer
exército,
onde o
abalizava o
seu espírito
de disciplina.
Presidindo,
certa vez, na
qualidade de
Epístata, à
Assembléia
Popular,
impediu o
povo de votar
contra as leis
e,
fundamentado
nelas,
resistiu à
fúria do
populacho
que nenhum
outro teria
coragem de
enfrentar".***

Findo cada julgamento, Sócrates ainda teve a coragem, conforme diz Diógenes Laércio, de ter sido o único cidadão a votar, e publicamente, pela absolvição dos generais. "Ele era um homem de grande independência e dignidade de caráter", diz Diógenes Laércio, comentando o fato.





Capítulo 13

Finda a Guerra do Peloponeso, e derrotados os atenienses, o general espartano Lisandro impôs em Atenas um regime ditatorial em que trinta homens teriam inteira autoridade sobre a vida dos cidadãos. Eram todos atenienses, mas eram pessoas tidas como iníquas pelos seus concidadãos, por terem traído a causa pátria pela dos espartanos. Este regime ficou sendo conhecido como o regime dos Trinta Tiranos, que durou oito meses, até que Trasíbulo restaurasse novamente a democracia em Atenas.

Curiosamente, o principal homem dos trinta tiranos era Crítias, um ex-discípulo de Sócrates, mas que em nada se comportava segundo o exemplo do mestre.

Começaram então os desterros e as mortes, e os Tiranos frequentemente davam ordens a cidadãos honestos que eles próprios prendessem seus condidadãos para serem levados ao suplício. Alguns testemunhos da época, embora talvez exagerados, dizem que nestes oito meses em que durou o regime dos Trinta Tiranos morreu mais gente em Atenas do que nos 28 anos da Guerra do Peloponeso.

Na História Universal de Cesare Cantú, este historiador diz que Sócrates,

*"vendo
tantos
cidadãos
perecerem,
vítimas da
crueldade
dos Trinta,
ou serem
exilados,
dizia:*

*`O pastor
que visse
todos os*

**dias
diminuir o
seu
rebanho e
se
recusasse
confessar
que era
mau
pastor, não
teria
sinceridade;
menos
ainda o
teria o
governador
de uma
cidade, que
notando a
diminuição
do número
dos
cidadãos,
negasse
que
governasse
mal".**

Os Trinta lhe ordenaram que guardasse silêncio e não conversasse com cidadão algum menor de trinta anos; porém nem por isso ele deixava de falar com a mesma liberdade; e quando lhe perguntavam se não receava que a franqueza dos seus discursos lhe atraísse a desgraça, respondia:

**"Pelo
contrário,
espero
mil
males;
mas
nenhum
seria
igual ao
que eu
cometeria,
fazendo
uma
coisa
injusta",**

embora, rigorosamente falando, não seria uma injustiça calar onde não se espera fruto algum das próprias palavras.

Em outra ocasião, os Trinta Tiranos exigiram de Sócrates que os ajudasse a prender um tal de Leon de Salamina, e sequestrar todos os seus bens. Mesmo sabendo o que poderia vir a lhe acontecer, Sócrates recusou, alegando não uma desculpa qualquer, mas declarando que não o faria porque tratar-se-ia de uma injustiça.

Diz do fato Xenofonte:

**"Quando os
Trinta lhe
davam
ordens
contrárias às
leis, não as
acatava.
Assim,
quando o
proibiram de
falar com os
jovens e o
encarregaram,**

***juntamente
com outros
cidadãos, de
conduzir um
homem que
intentavam
assassinar,
só ele se
recusou a
obedecer,
porque tais
ordens não
eram justas".***





Capítulo 14

Revela mais ainda o caráter de Sócrates o fato segundo o qual um certo dia surgiu em Atenas um homem que dizia possuir os conhecimentos necessários para descrever o caráter de um homem apenas pela observação de sua fisionomia. Levaram então o homem até Sócrates, que estava dialogando com vários outros. Fez-se silêncio entre todos, para que o homem examinasse os traços da fisionomia de Sócrates. Terminado o exame, disse o homem:

*"Eis aqui
um
homem
estúpido,
orgulhoso
e incapaz
de
controlar
seus
instintos
sexuais".*

A afirmação, tão abrupta, fêz cair a todos na gargalhada, tal a diferença evidente entre este julgamento e a realidade.

Mas houve alguém que não riu, e este foi o próprio Sócrates. Ao contrário, pareceu como que apanhado em flagrante, e, para não maior surpresa dos presentes, dirigiu-lhes estas palavras:

**"Não! Está
certo. Este
homem
está certo!
São
justamente
estas as
inclinações
que eu
vejo
existirem
em mim, e
que tenho
lutado
para
dominá-
las".**





Capítulo 15

Notável também foi o modo como ele conheceu os seus principais discípulos. Diógenes Laércio narra o primeiro encontro entre Sócrates e Xenofonte, que começou a segui-lo antes de Platão. Ao narrar a vida de Xenofonte, assim se expressa Diógenes Laércio:

*"Xenofonte,
filho de
Grillo, era
cidadão de
Atenas. Era
um homem
de rara
modéstia e
extremamente
educado. A
história
conta que
Sócrates
encontrou-o
em uma
passagem
estreita,
quando
Xenofonte
então lhe
perguntou
por acaso:*

*"Onde eu
posso
encontrar um
lugar em que
se vende
qualquer tipo
de comida?"*

Sócrates respondeu à pergunta, mas depois fez a Xenofonte a

seguinte:

***"Agora
dize-me
tu, aonde
um
homem
pode se
dirigir
para se
tornar
bom e
honrado?"***

Xenofonte ficou embaraçado, e disse que não o sabia.

***"Então
segue-
me",***

disse Sócrates,

***"e
aprende".***

A partir daquele dia ele se tornou discípulo de Sócrates.





Capítulo 16

Muito tempo depois, Sócrates encontrou-se com Platão, evento narrado também por Diógenes Laércio ao contar a vida de Platão.

Diz este antigo historiador que, sem que Platão e Sócrates ainda se conhecessem, o primeiro, Platão, vinha se interessando há algum tempo pelo estudo da Filosofia, e costumava ler os escritos de Heráclito, filósofo que já mencionamos sem termos tido, porém, a oportunidade de desenvolver o seu pensamento.

Certo dia Platão, cujo verdadeiro nome era Arístocles, resolveu inscrever-se em um concurso de composição de peças de teatro. Contava então com 20 anos.

Na véspera do dia em que a obra iria ser entregue, ocorreu que Sócrates sonhou que havia um filhote de cisne em seus joelhos, o qual se revestiu repentinamente de uma vistosa plumagem para logo em seguida levantar vôo depois de emitir em voz bem alta uma doce nota musical.

No dia seguinte Platão se dirigiu ao teatro de Dionísio para entregar uma cópia de sua peça, quando ouviu Sócrates conversando junto à porta do mesmo. Ficou tão impressionado com o modo de falar de Sócrates que jogou seu manuscrito às chamas e pediu para ser apresentado àquele homem. Assim que Sócrates viu o moço, disse aos circunstantes:

*"Eis
aqui o
filhote
de
cisne
do
meu
sonho".*

A partir daí iniciou-se entre os dois uma amizade que a história

não mais apagara.





Capítulo 17

Mas o que fazia Sócrates como filósofo?

Vimos como Sócrates tinha altíssimos padrões de conduta moral, os quais foram analisados até aqui apenas do ponto de vista exterior, isto é, tal como eles se manifestaram muitas vezes nos fatos da vida real. Eles, porém, se fundamentavam em pressupostos bem mais elevados que só mais adiante poderemos examinar.

Ao contrário dos demais filósofos pré socráticos, que se dedicavam à contemplação da natureza, a atividade principal de Sócrates era conversar, e conversar justamente sobre o conhecimento do homem sobre si mesmo, e sobre as virtudes, tais como a sabedoria e a justiça.

Este seu interesse pelas virtudes, entretanto, conforme veremos mais adiante, não é de natureza diversa do que o interesse dos outros pré socráticos pela contemplação do mundo à nossa volta. É verdade que a maioria dos historiadores contemporâneos apresentam Sócrates como inaugurando uma nova orientação na filosofia, em que o filósofo se preocupa com os problemas morais em vez do estudo da natureza. Na realidade, porém, não há fundamentalmente uma nova orientação; trata-se da mesma orientação, mas isto só ficará claro mais adiante. Tanto os filósofos pré socráticos, com a contemplação da natureza, como Sócrates, com a sua preocupação pelas virtudes, analisados mais de perto, estão realizando a mesma coisa. Mas para perceber isto será preciso primeiro compreendê-los mais a fundo.





Capítulo 18

Pelo menos, porém, para um observador exterior, à primeira vista parece haver uma diferença.

Os pré socráticos se afastavam do convívio intenso com as multidões. Sócrates, ao contrário, procurava o convívio com as pessoas para poder conversar com elas. Ele frequentava as festas e os banquetes, e onde houvesse uma oportunidade de conversar com quem quisesse dialogar com ele, lá estava presente.

O tema favorito dos pré socráticos, pelo menos na impressão que os historiadores modernos gostam de transmitir deles, era a natureza. O tema favorito de Sócrates eram as virtudes.

Pelo menos exteriormente, assim parece haver uma diferença.





Capítulo 19

Quando Sócrates conversava, ele não ensinava nenhuma doutrina pré estabelecida. Ao contrário dos pré socráticos, que ofereciam uma doutrina positiva, ele dizia que nada tinha a ensinar. Sócrates apenas perguntava. E assim se iniciava um diálogo. Sócrates costumava procurar para conversar as pessoas que diziam que tinham algum tipo de conhecimento para ensinar, e então começava a lhe fazer perguntas. Muitos dos que ele procurava eram os filósofos sofistas que visitavam constantemente a cidade de Atenas em busca de alunos, os quais se gabavam de serem capazes de ensinar qualquer assunto e responder a qualquer pergunta a quem quer que fosse. Embora anunciassem tais pretensões, quando os sofistas começavam a dialogar com Sócrates, não era preciso esperar muito para que eles próprios percebessem que suas idéias eram contraditórias e que suas afirmações eram simples opiniões improvisadas para fazerem efeito diante dos ouvintes, mas que não eram capazes de suportar a análise de alguém que buscasse sinceramente compreender as verdades últimas a respeito do homem e da vida humana.

Quando o sofista, conversando com Sócrates, chegava a se dar conta deste fato, em vez de aceitar a verdade, o mais comumente se revoltava contra o favor que Sócrates lhe havia prestado e começava a falar mal daquele homem para tantas pessoas quantas pudesse. Mas se ele era suficientemente honesto para aceitar a verdade, Sócrates então o convidava a juntar-se a ele para buscarem um verdadeiro conhecimento da natureza humana.

Sócrates comparava esta técnica do diálogo ao trabalho de sua mãe que havia sido parteira. O interlocutor podia ser tanto o sofista profissional como ou qualquer outra pessoa que fosse, pois na verdade todos nós somos sofistas por adotarmos sem refletir uma conduta em nossa vida que é baseada em concepções sobre o que é o homem, sobre o que é a vida humana e quais os seus objetivos que não suportariam uma análise sincera por quem quer que busque a verdade sem que caiam em contradição. Sócrates então comparava este interlocutor a uma gestante em trabalho de parto. Ele próprio,

Sócrates, era a parteira, que, dialogando, nos fazia entrar em contradição flagrante a respeito das concepções sobre as quais, consciente ou inconscientemente, fundamentamos nossas vidas. O momento em que o interlocutor percebesse a série de ilusões fundamentais em que sua vida normalmente se baseia, este Sócrates o comparava ao nascimento. Daí para a frente ele poderia ser ajudado a crescer como um novo homem.





Capítulo 20

A técnica obstétrica de Sócrates foi imortalizada por Platão, o qual transcreveu uma multidão de diálogos que ele presenciou pessoalmente ou que ele reconstituiu baseado no testemunho de outros que haviam conhecido a Sócrates antes que ele próprio.

Sócrates procurou uma quantidade infindável de pessoas para simplesmente conversar com elas e ajudá-las a realizar o parto de suas almas. Isto lhe granjeou a estima e a gratidão de muitos, mas também a inveja e o ódio de outros tantos.





Capítulo 21

Esta atividade de Sócrates de procurar as pessoas para conversar com elas iniciou-se, ao que parece, de um modo que tem o encanto da inocência das crianças.

Um amigo seu de infância, chamado Querofonte, impressionado com a conduta e os modos exemplares de Sócrates, resolveu dirigir-se ao oráculo do Templo de Delfos. Ali arriscou uma consulta, e perguntou se havia algum homem mais sábio do que Sócrates. A resposta foi afirmativa:

*"De
todos
os
homens
vivos,
Sócrates
é o
mais
sábio",*

disse o oráculo, segundo Diógenes Laércio.

Querofonte correu para dar a boa notícia a Sócrates. Quando Sócrates a ouviu, custou a acreditar. Não podia ser verdade. Talvez houvesse algum sentido oculto no oráculo. Ao pé da letra, não podia ser verdade, e ele poderia prová-lo. Ele sabia que era um homem bom e justo, mas daí a supor que fosse o homem mais sábio de todos ia uma distância enorme. Ao contrário, ele tinha uma firme impressão de não ser um homem que soubesse muito. "Eu sei que não sou um sábio", dizia Sócrates.

**"Como
poderia
então eu
não só
afirmar o
contrário,
como
ainda
por cima
supor
que sou
o
homem
mais
sábio de
todos os
homens
vivos?"**

**"Mas de qualquer forma, não será difícil descobrir a verdade",
continuou Sócrates.**

**"Vou
conversar
com os
homens
sábios e
interrogá-
los. Suas
respostas
serão
uma
prova
viva de
que há
alguém,
e vários,
mais
sábios
do que
eu".**

Foi assim que Sócrates começou a procurar as primeiras pessoas para conversar com elas e fazer-lhe perguntas. Com isto porém, tal como uma criança inocente, ele desejava simplesmente entender o oráculo de Delfos a seu respeito.

Para sua surpresa, não conseguiu encontrar nenhum sábio, mesmo entre aqueles que ostentavam sê-lo. Ao contrário, descobriu as profundas ilusões a respeito da vida e do homem sobre as quais se baseiam as vidas da maioria de todos nós. Foi a partir desta descoberta que Sócrates iniciou o seu magistério e teve que reconhecer que, afinal de contas, o oráculo tinha razão, pois ele não era um sábio, mas pelo menos estava consciente da extensão de sua ignorância, enquanto os demais nem isto sabiam.





Capítulo 22

Muitos anos depois, já passada a Guerra do Peloponeso e o Governo dos Trinta Tiranos, algumas pessoas que se sentiram ofendidas pelo magistério de Sócrates inventaram uma queixa caluniosa contra ele no tribunal de Atenas.

Sócrates se dizia inocente.

O magistrado, porém, diante da multidão dos quinhentos juízes, perguntou:

***"Afinal,
Sócrates,
vamos ser
sinceros uns
com os
outros. Qual é
a tua
ocupação? Se
dizes que
estás sendo
caluniado, de
onde
procedem as
calúnias a teu
respeito?
Naturalmente,
se não
tivesse uma
ocupação
muito fora do
comum, não
haveria este
falatório, a
menos que
praticasses
alguma
extravagância".***

Sócrates, então, com suas próprias palavras, contou a sua história:

***"Muito bem,
atenienses.
Ouvi, então.
Alguns de vós
achareis que
estou
gracejando, mas
não tendes
dúvidas, eu vos
contarei toda a
verdade".***

***"Eu, atenienses,
devo a
reputação que
me deram
exclusivamente
a uma ciência. E
qual é esta
ciência? Aquela
que é, talvez, a
ciência do
homem".***

***"Para
testemunhar a
minha ciência, e
se é uma
ciência, e qual é
ela, vos trarei o
testemunho do
deus de Delfos".***

***"Conheceste a
Querofonte,
certamente".***

***"Querofonte era
meu amigo de***

***infância, e
também amigo
do partido do
povo e seu
companheiro
naquele exílio de
que voltou
conosco.***

***Ora, Querofonte,
certa vez, indo
até Delfos,
arriscou esta
consulta ao
oráculo,***

***- repito,
senhores, não
vos amotineis -,***

***ele perguntou se
havia alguém
mais sábio do
que eu.***

***Respondeu o
oráculo que não
havia ninguém
mais sábio.***

***Quando soube
daquele oráculo,
pus-me a refletir
assim:***

***`Que quererá
dizer este
oráculo? Que
sentido oculto
existe naquela
resposta? Eu
mesmo não
tenho***

**consciência de
ser nem muito
sábio nem pouco
sábio. Que
quererá então
ele dizer,
declarando-me o
mais sábio?
Naturalmente
não está
mentindo, pois
isto lhe é
impossível'.**

**Por longo tempo
fiquei nesta
incerteza sobre
o sentido. Por
fim, muito contra
o meu gosto,
decidi-me por
uma
investigação,
que passo a
expor.**

**Fui ter com um
dos que passam
por sábios,
porquanto, se
havia lugar, era
ali que, para
rebater o
oráculo, eu
poderia
apresentar
alguém mais
sábio do que eu.**

**Submeti esta
pessoa a exame.
Não preciso
dizer o seu**

nome, mas era um dos políticos. Eis, atenienses, a impressão que me ficou do exame e da conversa que tive com ele: achei que ele passava por sábio aos olhos de muita gente, principalmente aos seus próprios, mas não o era.

Tentei, então, explicar-lhe que ele supunha ser sábio, mas não o era. A consequência foi a de tornar-me odiado dele e de muitos dos circunstantes.

Ao retirar-me, ia concluindo de mim para comigo:

`Mais sábio do que este homem eu sou. É bem provável que nenhum de nós saiba nada de bom, mas ele supõe saber alguma coisa e não sabe, enquanto eu, se

***não sei, pelo
menos não
suponho saber.
Parece que sou
um nadinha mais
sábio do que ele
exatamente em
não supor que
eu saiba o que
não sei'.***

***Daí fui ter com
outro, um dos
que passam por
ainda mais
sábios e tive a
mesmíssima
impressão.
Também ali me
tornei odiado
dele e de muitos
outros.***

***Depois disso
não parei,
embora sentisse,
com mágoa e
apreensão, que
ia me tornando
odiado. Não
obstante,
parecia-me
imperioso dar a
máxima
importância a
este serviço.***

***Cumpria-me,
portanto, para
averiguar o
sentido do
oráculo, ir ter
com todos os***

**que passavam
por senhores de
algum saber.**

**Ó atenienses! Já
que lhes devo a
verdade, eu vos
declaro que se
deu comigo mais
ou menos isto:
investigando de
acordo com o
oráculo, achei
que aos mais
reputados pouco
faltava para
serem os mais
desprovidos,
enquanto outros,
tidos como
inferiores, eram
os que mais
visão tinham de
ser homens de
senso.**

**Depois dos
políticos, fui ter
com os poetas,
tanto os autores
das tragédias
como a outros,
na esperança de
aí me apanhar
em flagrante
inferioridade.
Levando em
mãos as obras
em que pareciam
ter posto o
máximo de sua
capacidade,
interrogava-os**

***minuciosamente
sobre o que
diziam, para ir,
ao mesmo
tempo,
aprendendo
deles alguma
coisa.***

***Pois bem,
senhores, coro
de vos dizer a
verdade, mas é
preciso.***

***A bem dizer,
quase todos os
circunstantes
poderiam falar
melhor do que
eles próprios
sobre as obras
que eles mesmo
compuseram.
Assim, logo
acabei
compreendendo
que tampouco
os poetas
compunham as
suas obras por
sabedoria, mas
sim por um dom
natural, por um
estado de
inspiração. Ao
mesmo tempo,
porém, notei que
por causa da
poesia eles
supõem ser os
mais sábios dos
homens em***

**outros campos
em que não o
são. Saí, pois,
acreditando
superá-los na
mesma
particularidade
que aos
políticos.**

**Por fim, fui ter
com os artífices.
Tinha a
consciência de
não saber, a bem
dizer, nada, e a
certeza de neles
descobrir muitos
belos
conhecimentos.
Nisso não me
enganava; eles
tinham
conhecimentos
que me faltavam;
eram, assim,
mais sábios do
que eu.**

**Contudo,
atenienses,
achei que os
bons artesãos
tinham o mesmo
defeito que os
poetas. Por
praticar bem a
sua arte, cada
qual imaginava
ser
sapiientíssimo
nos demais
assuntos, os**

**mais difíceis, e
este engano
toldava-lhes
aquela
sabedoria.**

**De sorte que eu
perguntei a mim
mesmo, em
nome do
oráculo, se
preferia ser
como sou, sem a
sabedoria deles
nem a sua
ignorância, ou
possuir, como
eles, uma e
outra. E
respondi, a mim
mesmo e ao
oráculo, que me
convinha mais
ser como eu
sou.**

**Desta
investigação é
que procedem,
atenienses, de
um lado, tantas
inimizades que
deram
nascimento a
tantas calúnias,
e, de outro, esta
reputação de
sábio. É que
toda vez os
circunstantes
supõem que eu
seja sábio na
matéria em que**

**eu confundo a
outrem. O
provável,
senhores, é que
na realidade
sábio seja o
oráculo e que
este queira dizer
que pouco valor
ou nenhum tem
a sabedoria
humana.
Evidentemente
se terá servido
do nome de
Sócrates para
me dar como
exemplo, como
se dissesse:**

**`O mais sábio
dentre vós,
homens, é quem,
como Sócrates,
compreendeu
que sua
sabedoria é
verdadeiramente
desprendida do
mínimo valor'.**

**Por isso não
parei esta
investigação até
hoje, vagueando
e interrogando,
de acordo com o
oráculo, a quem,
seja cidadão,
seja forasteiro,
eu tiver na conta
de sábio, e,
quando julgar**

**que não o é,
coopero
provando-lhe
que não é sábio.**

**Esta ocupação
não me permitiu
lazer para
qualquer
atividade digna
de menção nos
negócios
públicos, nem
nos particulares.**

**Vivo muito
pobrementemente.**

**Além disso, os
moços que
espontaneamente
me acompanham
sentem prazer
em ouvir o
exame dos
homens. Eles
próprios imitam-
me muitas
vezes,
interrogando os
outros. Suponho
que descobrem
uma multidão de
pessoas que
supõem saber
alguma coisa,
mas pouco
sabem, quiçá
nada.**

**Em
conseqüência,
as pessoas que**

***eles examinam
se revoltam
contra mim, e
não contra si
próprios, e
difundem que
existe um tal de
Sócrates, que é
um grande
miserável que
corrompe a
mocidade.***

***Quando se lhes
pergunta por que
atos ou
ensinamentos,
não têm o que
responder. Para
não mostrar
então o seu
embaraço,
levantam
aquelas
acusações que
se levantam
contra todos os
filósofos que
estão sempre à
mão:***

***`Sócrates
investiga
indiscretamente
os fenômenos
celestes; ensina
a descrença nos
deuses; ensina a
fazer prevalecer
a razão mais
fraca sobre a
mais forte".***

**"Aí tendes,
atenienses, a
verdade.**

**Em meu
discurso não
vos oculto nada
que tenha
alguma
importância.
Nada vos
dissimulo".**





Capítulo 23

Terminada a defesa, e passado o caso à votação dos juízes, Sócrates foi condenado à morte por pequena margem, conforme já sabemos. Mesmo assim, ao receber a sentença, comportou-se com a dignidade que tinha sido a sua característica em vida.

Aos que o condenaram dirigiu estas palavras:

*"Eu já
imaginava
que a decisão
seria essa,
não por
pequena, mas
por grande
margem; no
entanto,
parece-me
que com a
transposição
de apenas 30
votos, estaria
absolvido.*

*Perdi-me,
senhores, não
por falta de
discursos
com que vos
poderia
convencer.
Perdi-me por
falta não de
discursos,
mas de
atrevidimento e
descaramento,
por me
recusar a
proferir o que*

**mais gostais
de ouvir:
lamentos,
gemidos,
fazendo e
dizendo uma
multidão de
coisas que
considero
indignas de
mim, tais
como
costumais
ouvir dos
outros.**

**Ora, se em
minha vida
sempre achei
que o perigo
não
justificava
nenhuma
indignidade,
tampouco me
pesa agora a
maneira pela
qual me
defendi. Ao
contrário, fico
mais feliz em
morrer após a
defesa que
fiz, do que
ficaria em
viver após
fazê-la
daquele outro
modo.**

**Quer no
tribunal, quer
na guerra,**

***não devo eu,
não deve
ninguém
lançar mão de
todo e
qualquer
recurso para
escapar à
morte. De
fato, é
evidente que
nas batalhas
muitas vezes
pode escapar
à morte quem
ousar tudo
fazer e dizer.***

***Não se tenha
por difícil
escapar à
morte.***

***Muito mais
difícil é
escapar à
maldade".***

São Paulo, 15 de outubro de 1989.





PLATÃO

Capítulo 1

Nas notas anteriores tratamos da figura de Sócrates. Vimos os testemunhos de Alcebíades sobre a pessoa de Sócrates, sobre a sua bravura na guerra, sobre suas virtudes, sobre sua capacidade incomum de concentração mesmo nas condições mais adversas, sobre seu ideal de justiça e como por este ideal Sócrates não titubeava em expor a sua própria vida a qualquer perigo.

Vimos também como Sócrates apreciava conversar com as pessoas e, através do diálogo, trazer os homens ao conhecimento de si mesmos, arte que ele comparava à obstetrícia.

Vimos finalmente a defesa de Sócrates quando levado ao tribunal e a dignidade com que se comportou ao ser condenado, em nada diversa daquela que havia sido sua característica durante a vida.





Capítulo 2

Mencionamos também a existência de diversos discípulos de Sócrates, dentre os quais Xenofonte e Platão. Deste, Platão é, sem sombra alguma de dúvida, o mais importante de todos.





Capítulo 3

Ao contrário de Sócrates, que era muito pobre, Platão vinha de uma família rica e tradicional.

Por parte de pai era descendente de reis. Por parte de mãe era descendente de Sólon, o grande reformador ateniense. Ele era bisneto do neto do irmão de Sólon. Seu avô foi também irmão de Crítias, o principal dos Trinta Tiranos que dominaram Atenas logo em seguida à derrota da Guerra do Peloponeso.





Capítulo 4

Platão nasceu, segundo Diógenes Laércio, em Atenas no mesmo ano em que morreu Péricles.

Péricles, conforme havíamos dito, morreu durante uma peste que assolou Atenas logo após o início da Guerra do Peloponeso. Como a Guerra do Peloponeso durou 28 anos, toda a juventude de Platão coincidiu com este período de guerra.

Seu verdadeiro nome era Arístocles, mas seu professor de ginástica, por causa dos ombros grandes que o jovem Arístocles possuía, deu-lhe o apelido de Platão, nome pelo qual ficou conhecido a partir daí.

Platão aprendeu a ler e a escrever com um professor chamado Dionísio, vindo depois a se interessar muito por literatura. Começou a escrever pequenos poemas, depois poesias maiores e finalmente passou a escrever tragédias para o teatro.

Foi um dia, quando tinha vinte anos de idade e ia entregar uma peça de teatro que havia escrito para um concurso de autores que estava sendo promovido em Atenas, que encontrou o velho Sócrates conversando com algumas pessoas junto à porta do teatro onde os manuscritos para o concurso deveriam ser entregues. Parou então um instante para verificar o motivo daquele ajuntamento e, ouvindo Sócrates falar, deu-se conta da imensa diferença que havia entre a mensagem que Sócrates tentava transmitir e o que ele mesmo havia escrito nos textos que ia entregar para o concurso. O impacto foi tão grande que Diógenes Laércio diz que então o futuro filósofo atirou a sua obra às chamas e passou a ser discípulo de Sócrates.





Capítulo 5

Platão, desta maneira, antes de ter sido filósofo, foi poeta e escritor.

Embora, ao conhecer Sócrates, tivesse abandonado definitivamente a carreira de escritor, este fato deixou nele uma marca que o tempo não mais apagaria, pois as obras de filosofia que mais tarde ele iria escrever se tornaram não só obras primas da filosofia, como também um dos clássicos da literatura grega.

Foi um caso muito diferente do de Aristóteles, que foi discípulo de Platão. Aristóteles era filho de médico; sua obra filosófica prima por uma exatidão e uma clareza de pensamento talvez inigualáveis em toda a história da filosofia, mas do ponto de vista literário vale muito pouca coisa.





Capítulo 6

Platão tornou-se, assim, discípulo de Sócrates aos vinte anos de idade e o foi durante oito anos, até à condenação de Sócrates. Quando Sócrates morreu, tinha, pois, Platão, vinte e oito anos.





Capítulo 7

Estes primeiros vinte e oito anos de vida de Platão foram marcados, por um lado, pelo espetáculo das virtudes e da sabedoria de Sócrates e, por outro, pela visão do comportamento exatamente oposto que ele observava em toda a sociedade ateniense.

Poucas vezes um homem, em toda a história, teve a oportunidade de conviver tão intimamente e ao mesmo tempo com dois aspectos tão importantes do comportamento humano e, também, tão extremos e tão opostos.





Capítulo 8

Ele conviveu oito anos com Sócrates, unido a ele por uma amizade da qual mais de dois milênios de tempo não puderam ainda apagar os vestígios.

Quando Sócrates e Platão se encontraram pela primeira vez, Sócrates reconheceu no jovem o filhote de cisne com que tinha sonhado na noite anterior, com o que esta história quer mostrar como Sócrates percebeu imediatamente com que tipo de pessoa passava a tratar a partir daquele instante.

Por outro lado, a marca que Sócrates deixou em Platão pode ser vista bastando dizer que a obra escrita de Platão tem aproximadamente o tamanho de uma Bíblia e que nela Sócrates é o personagem principal praticamente todo o tempo. O pouco que de Sócrates escrevemos nas quinze páginas das notas anteriores já dão uma idéia das qualidades morais deste homem que faz impressão; daí pode-se avaliar o efeito que Sócrates não deve ter produzido sobre um discípulo como Platão em uma amizade tão íntima e que se prolongou não por quinze páginas, mas por oito anos, e o quanto Platão conhecia de perto, por experiência, o que é uma vida baseada na sabedoria e na virtude.





Capítulo 9

Por outro lado Platão nasceu, conforme dissemos, em Atenas, logo após o início da Guerra do Peloponeso. Ele era de uma família tradicional, rica e influente na política. Quando se instalou o regime dos Trinta Tiranos, ele era parente e amigo destes tiranos; e nas épocas em que vigorou o regime democrático, ele participava e ficava a par daquilo que não era freqüentemente levado à discussão na Assembléia Popular. Foi desta posição privilegiada que ele assistiu às incoerências da Guerra do Peloponeso. Finda a Guerra do Peloponeso, assistiu às incoerências e às injustiças ainda maiores do regime dos Trinta Tiranos. Findo o regime dos Trinta Tiranos, assistiu àquela que, no seu entender, foi a maior de todas as incoerências e injustiças que ele jamais supôs que poderia vir a assistir em sua vida, isto é, a condenação à morte por um júri popular de uma pessoa como Sócrates, com base em acusações que não passavam de evidentes banalidades.





Capítulo 10

Platão, enquanto foi discípulo de Sócrates, e provavelmente mesmo antes, tinha pensado seriamente em dedicar-se à carreira política. Mas, tendo visto por um lado o que era a virtude por ter convivido com um modelo da mesma e, por outro, o que era a realidade política, percebeu claramente a inutilidade dos seus esforços diante da situação em que se encontravam as coisas.

Ele próprio declarou o seguinte em sua Carta Sétima:

*"Com os
hábitos que o
modo de vida
que os gregos
vem levando
têm produzido,
hábitos estes
que se formam
já nos
primeiros anos
de vida,
nenhum
homem
debaixo do céu
poderá
alcançar a
sabedoria. A
natureza
humana não é
capaz de uma
combinação
assim tão
extraordinária.*

*O resultado é
que as
constituições
das cidades
ficarão sempre*

**em estado de
perpétua
mudança,
passando da
tirania para a
oligarquia, da
oligarquia para
a democracia e
assim se
sucendendo
umas às
outras
enquanto que
aqueles que
ditam o poder
não
conseguirão
sustentar
nenhuma
forma de
governo que
faça
permanecer a
justiça.**

**Não será
possível existir
a felicidade
nem para uma
comunidade,
nem para um
homem
individualmente
considerado, a
menos que ele
passe a sua
vida sob a
regra da
virtude sendo
nesta guiado
pela sabedoria,
ou porque este
homem possua**

***ele próprio em
si mesmo
estas virtudes,
ou porque viva
debaixo do
governo de
outros homens
que receberam
para tanto um
treino e uma
educação no
que diz
respeito à vida
moral".***

A esta mesma conclusão já havia chegado, quatro gerações antes, o filósofo Pitágoras.





Capítulo 11

Foi assim que, quando Sócrates foi condenado e executado, Platão abandonou definitivamente a política ateniense e pôs-se a viajar em busca de mais conhecimento.

Viajou durante doze anos, desde os 28 anos de idade até aos 40 anos.

Inicialmente, juntamente com outros discípulos de Sócrates, foi estudar com o filósofo Euclides na cidade de Megara. Não se tratava do famoso Euclides de Alexandria, o maior dos geômetras da antigüidade. Este último ainda não havia nascido, mas viria a ser em Atenas aluno dos primeiros discípulos de Platão, antes de mudar-se para Alexandria no Egito e ali fundar uma escola.

Depois de estudar com Euclides de Megara, Platão foi para o norte da África, na região de Cirene, onde atualmente fica a fronteira do Egito com a Líbia, estudar com o matemático Teodoro.

Passou então para a Itália, onde ficou por um bom tempo nas escolas dos Pitagóricos.

Dali foi estudar com os sábios do Egito.

Quis passar depois para a Pérsia, tal como cerca de um século antes tinha feito Pitágoras, mas diz Diógenes Laércio que a situação política e as guerras que havia então na Ásia o impediram de prosseguir viagem.

Voltou então para Atenas com 40 anos de idade, passando, porém, primeiro por Siracusa na Sicília onde foi preso e posto à venda como escravo; seus amigos, sabendo disso, se cotizaram e pagaram o preço, mas o vendedor, ao saber quem era aquele que ele estava vendendo como escravo, não quis aceitar o dinheiro que acabou ficando para o próprio Platão. Com este dinheiro Platão comprou um campo fora dos muros de Atenas de um homem chamado Academo onde fundou uma escola de filosofia que funcionava com semelhanças notáveis com as

escolas fundadas por Pitágoras. Como veremos posteriormente, tais semelhanças não foram um simples coincidências. Como o local onde a escola funcionava tinha pertencido a Academo, a escola passou a denominar-se simplesmente a Academia.

Platão ensinou na Academia até a sua morte, ocorrida aos seus oitenta e um anos de idade. Foram, pois, quarenta e um anos de magistério. A Academia sobreviveu à sua morte e continuou funcionando no mesmo local durante alguns séculos até depois do início da era cristã.





Capítulo 12

Mas é importante, para entender o que vem mais adiante, ouvir uma parte destes fatos tais como foram relatados pelo próprio Platão. Ele as relata em uma longa carta que escreveu de Atenas a alguns amigos de Siracusa na Sicília, carta essa que ficou conhecida como a Carta Sétima. Nesta carta, assim Platão fala de si próprio:

*"Na minha
juventude
passei pelas
mesmas
experiências
pelas quais
passaram
muitos outros.
Eu imaginava
que se
quisesse
tornar-me cedo
na vida senhor
de mim
mesmo,
deveria entrar
imediatamente
na carreira
política. Nela,
porém, vi-me
diante dos
seguintes fatos
que dizem
respeito aos
negócios
públicos da
cidade onde
vivia. A
constituição
(democrática)
existente
(durante a*

Guerra do Peloponeso) era condenada por muitos, em consequência do que fêz-se uma revolução e foram apontados trinta governantes com plenos poderes sobre os problemas públicos em geral.

Alguns destes governantes eram meus parentes, outros meus amigos, em vista do que me convidaram imediatamente para participar de seus afazeres como algo a que eu tivesse direito.

O efeito (deste convite) não foi surpreendente em se considerando o caso de um homem ainda jovem (que na época eu era).

***Eu imaginava
que eles iriam,
de fato,
administrar a
cidade de tal
maneira que
tirariam os
homens de
uma vida
péssima para
uma vida boa.
Assim eu os
observava
muito
atentamente
para ver o que
eles iriam
fazer.***

***No entanto o
que eu vi foi
que, em um
espaço muito
curto de
tempo, eles
fizeram o
governo
anterior
parecer, por
comparação
ao deles, uma
coisa mais
preciosa do
que o ouro.
Dentre muitas
outras coisas,
eles tentaram
fazer com que
um meu amigo,
o velho
Sócrates, a
quem sem
escrúpulo***

**algum eu não
tenho receio
de descrever
como o
homem mais
correto do seu
tempo,
juntamente
com outras
pessoas,
trouxesse à
força um dos
cidadãos de
Atenas para
ser executado
para que, com
isto, o velho
Sócrates,
querendo ou
não querendo,
tivesse que
participar da
culpa de suas
condutas. Ele,
entretanto, não
os obedeceu,
assumindo
todas as
conseqüências
deste ato em
vez de preferir
tornar-se seu
cúmplice dos
seus atos
iníquos.**

**Vendo eu
todas estas
coisas e outras
do mesmo tipo
em
considerável
quantidade,**

***discordei
destes
procedimentos
e me desliguei
de qualquer
vínculo com os
abusos
daquele tempo.***

***Não muito
tempo depois
uma revolução
acabou com o
poder dos
trinta e com a
forma de
governo que
havia com
eles. Uma vez
mais, embora
mais hesitante,
comecei a
nutrir o desejo
de participar
dos problemas
políticos e dos
negócios
públicos. Ora,
mesmo neste
governo, que
mal tinha
acabado de se
estabelecer,
começaram a
ocorrer
eventos que
ninguém
naturalmente
poderá deixar
de desaprová-
los. Não era de
se surpreender
que em um***

*período de
revolução
tivessem se
inflingido
castigos
exagerados
por parte de
alguns aos
seus
oponentes
políticos; mas
uma vez mais
aconteceu que
alguns
daqueles que
estavam no
poder levaram
meu amigo
Sócrates, a
quem
mencionei
acima, a
julgamento
diante do
tribunal,
acusando-o
muito
injustamente
de algo até
muito
desapropriado
à sua pessoa,
pois foi com
uma acusação
de impiedade
que alguns
deles
processaram e
outros
condenaram o
próprio homem
que não
participou do*

***aprisionamento
injusto de um
dos amigos do
partido que
estava então
no exílio, no
tempo em que
eles próprios
estavam no
exílio e na
desgraça.***

***À medida em
que eu
observava
estes
incidentes e os
homens
engajados nos
negócios
públicos, as
leis e os
costumes, e
quanto mais eu
os examinava
de perto e
mais avançava
em idade, mais
difícil me
parecia lidar
com os
negócios
públicos
corretamente.
Pois não era
possível ser
ativo na
política sem
amigos e
pessoas
influentes de
valor; e achar
a estes não era***

***uma coisa
simples, já que
os negócios
públicos em
Atenas não
estavam mais
sendo
conduzidos
conforme as
maneiras e as
práticas de
nossos pais.***

***Quanto às leis,
tanto as
escritas como
as não
escritas, iam
se alterando
para pior, e o
mal crescendo
com uma
estonteante
rapidez.***

***O resultado foi
que, embora
no começo eu
tivesse tido um
forte impulso
para a vida
política, na
medida em que
eu me dava
conta do curso
dos
acontecimentos
e percebia que
eles eram
arrastados em
todas as
direções por
facções em***

***luta umas
contra as
outras, minha
cabeça
começou a ter
vertigens. Por
causa disso,
embora não
tivesse parado
para ver se
havia alguma
probabilidade
de melhora
nestes
sintomas e no
curso geral da
vida pública,
eu adiei a ação
até que uma
oportunidade
adequada
pudesse
surgir.***

***Finalmente,
ficou claro
para mim, em
relação a todas
as
comunidades
existentes, que
elas eram uma
só e todas mal
governadas,
porque suas
leis geraram
uma cidade
quase
incurável, a
não ser por
alguma
reforma com
uma certa***

**quantidade de
boa sorte para
sustentá-la.**

**Fui assim
forçado a
dizer, ao
elogiar a
verdadeira
filosofia, que é
por meio dela
que os homens
se tornam
capazes de
enxergar o que
a justiça nos
negócios
públicos e
particulares
realmente é.**

**Portanto,
concluí, não
haverá término
para os males
humanos até
que aqueles
que estão
buscando a
reta e
verdadeira
filosofia
recebam o
poder
soberano nas
cidades, ou
aqueles que
estão no poder
nas cidades,
por alguma
disposição da
providência, se
tornem**

***verdadeiros
filósofos".***





Capítulo 13

Devem aqui ser notadas bem as palavras finais de Platão:

**"Não
haverá
término
para os
males
humanos
até que por
alguma
disposição
da
providência
aqueles
que estão
no poder
nas
cidades se
tornem
verdadeiros
filósofos
ou até que
aqueles
que estão
buscando
a reta e
verdadeira
filosofia
recebam o
poder
soberano
nas
cidades".**

Platão chegou a esta conclusão logo após a condenação de Sócrates.

É evidente que foi o exemplo pessoal de Sócrates que fez com

que Platão chegasse a esta conclusão. Sócrates era um homem justo, o que todos nós já percebemos suficientemente pelo pouco que lemos a seu respeito. Se todos os governantes fossem justos como Sócrates, e isto não é uma coisa impossível, porque Sócrates mostrou com o seu exemplo que um homem o pode ser, se todos os governantes fossem como Sócrates, dizíamos, o que depois do exemplo de Sócrates ficou evidente que não é uma coisa impossível,

***"haveria
então um
término
para os
males
humanos",***

como diz Platão.





Capítulo 14

Se, porém, parece ser claro haver sido do exemplo de Sócrates que Platão tirou sua conclusão, examinado este exemplo mais atentamente, parecerá também que Platão tenha chegado à conclusão errada.

Se todos fossem justos como Sócrates, ou pelo menos, se os governantes fossem justos como Sócrates, haveria um término para os males humanos. Esta é a conclusão que parece ser correta.

Mas, examinando as palavras de Platão, verificamos que não foi esta a conclusão a que ele chegou.

Platão não disse:

***"Não
haverá
término
para os
males
humanos
até que
os
homens
justos
como
Sócrates
recebam
o poder
soberano
nas
cidades",***

mas sim que

**"Não
haverá
um
término
para os
males
humanos
até que
aqueles
que estão
buscando
a reta e
verdadeira
filosofia
não
recebam
o poder
soberano
nas
cidades".**

Com isto, porém, Platão parece estar pedindo demais. Parece, na verdade, estar pedindo além do necessário.

Se os governantes fossem justos como Sócrates, isto não seria suficiente? Que necessidade haveria de que estivessem buscando

**"a reta e
verdadeira
filosofia?"**

Se, de fato, tivéssemos um Presidente da República correto como Sócrates e, além do Presidente da República, ministros de Estado corretos como Sócrates, deputados, senadores, magistrados, juízes, governadores, prefeitos, vereadores honestos, virtuosos e incorruptíveis como Sócrates, isto não seria já um sonho inimaginável para o povo de qualquer nação moderna? Não nos parece que isto seria suficiente para remediar os males da política? Iríamos então encontrar em

homens deste porte defeitos irremediáveis e exigir que além disso eles tenham necessariamente que ser também filósofos para poderem governar? E se fossem filósofos, iria isto melhorar em algo o que eles fariam se não o fossem, isto é, se fossem apenas pessoas competentes em seus cargos e junto a esta competência tivessem também a virtude de Sócrates? Será mesmo tão necessário que se lhes exija que sejam filósofos? Não seria isto um exagero? Se um presidente da república for um homem justo e competente, mas não for um filósofo, deveremos removê-lo do cargo apenas por não ser filósofo? Parece claro que não. Os governantes devem ser removidos de seus cargos se forem incompetentes e desonestos, sejam eles filósofos ou não. Se tivermos governantes competentes e honestos até o heroísmo, não é o ser ou não filósofo que deverá pesar no mérito de uma deposição. Está se vendo, portanto, que a questão política parece ser outra que não a da Filosofia.

Mas se é assim, e se Platão era uma pessoa inteligente, capaz de compreender, por suposto, argumentos aparentemente tão evidentes, por que motivo então ele ainda assim insiste na Filosofia?





Capítulo 15

Esta pergunta permite-nos a oportunidade de entender melhor o relacionamento da Filosofia com a Educação.

Na segunda desta série de notas descrevemos em que sentido os filósofos eram homens que contemplavam a natureza. O exercício habitual da contemplação da natureza leva o homem, pela própria admiração para com o comportamento aparentemente racional que tem diante dos olhos, a se fazer uma série de perguntas que, na mente do filósofo, tem o mesmo tipo de racionalidade que a natureza aparenta possuir.

**Como
aconteceu
tudo isso?**

**Como foi
possível
que nós
tenhamos
nos
encontrado
aqui para
compreender
estas
coisas?**

**Como pode
ter se
produzido
um ser
capaz de
compreender
tudo isto?**

**Quem sou
eu?**

**Que é o
homem?**

**O que é o
mundo?**

**O que
significa
tudo isto?**

Quando o homem chega a se fazer esta última pergunta, ele começa a se relacionar com a natureza de um modo que nenhum animal jamais o poderia fazer. Pois poderia até dar-se que a natureza não significasse nada, mas é evidente pelo menos que ela se comporta como se de fato quisesse significar algo, como se existisse uma mensagem que ela quer transmitir e que só o homem entre os animais seria capaz de captar. A partir do momento em que o homem se torna capaz de contemplar a natureza neste nível, ele passa como que a dialogar com a natureza num certo grau de igualdade, no sentido de que parece que na pequenina mente humana esteja contida, prevista pela natureza como doação ao homem, a possibilidade de entender o restante da natureza no seu conjunto, como se a mente humana fosse um receptáculo em miniatura, mas essencialmente completo, da idéia que está por trás da natureza.

Quando isto ocorre, o homem também percebe que não só ele próprio é parte desta natureza, e parte desta idéia que parece estar por trás da natureza, mas que também muitas das assim chamadas instituições humanas, tais como a sociedade e a educação, são igualmente parte da natureza.

Aristóteles, discípulo de Platão, no início do seu livro de Política, escreveu a este respeito as seguintes observações sobre a sociedade:

**"É evidente
que a
sociedade
faz parte das
coisas da
natureza, e
que o
homem é
por natureza
um animal
destinado a
viver em
sociedade.
Isto não é
nos homens
o efeito de
uma idéia
pré-
concebida, é
a natureza
que os
inspira.
Aquele que,
por instinto,
e não
porque
alguma
circunstância
o impede,
deixa de
fazer parte
da
sociedade,
ou é um ser
vil, ou um
ser superior
ao homem".**

A mesma coisa pode-se dizer também da Educação.

O homem é um animal educador, não por uma idéia

preconcebida, mas porque a natureza assim os inspira.

É fácil perceber isto, porque vemos uma profunda diferença neste aspecto entre o homem e os demais animais. Enquanto a maioria dos animais, apenas recém nascidos, já são capazes de cuidar de suas próprias vidas, o homem nasce frágil e dependente de seus pais durante uma quantidade muito grande anos não só para a sua sobrevivência física, mas também para se ambientar ao mundo e à natureza. É evidente, pois, que a educação humana faz parte das coisas da natureza e que é, ela própria, uma instituição da natureza.

Ora, nós vemos que a natureza em seu conjunto parece ter uma mensagem que, ao que tudo indica, só os homens são capazes de alcançar. Mais ainda, a natureza parece se comportar como se tivesse produzido os homens com a finalidade principal de que ela pudesse se dar a compreender, o que, coisa verdadeiramente admirável, também parece fazer parte da mensagem.

E a Educação? Se tudo o que dissemos é coerente, e se a Educação é também uma instituição da natureza, então a Educação também faz parte da mensagem.

E, sendo assim, o filósofo que, habituado à contemplação da natureza, consegue chegar a contemplar também o alcance daquelas perguntas que fizemos ainda há pouco, pode repetir aquelas mesmas perguntas para a Educação.

Houve, após muita observação e muitas perguntas, um momento em que ele percebeu a pergunta maior:

**O que
significa
tudo
isto?**

Esta pergunta maior surgiu quando ele percebeu que não apenas as pequenas coisas isoladamente podem significar algo, mas que o conjunto delas significa algo maior, e que todas as coisas isoladamente consideradas existem em uma harmonia tal

que todas parecem ter sido produzidas especialmente para que no seu conjunto significassem uma outra maior. Por isto ele quer saber não mais o significado desta ou daquela coisa em particular, mas sim, como está escrito, o significado de

**tudo
isto.**

Ele percebeu que a totalidade tem um significado e que por trás da totalidade parece haver uma idéia, ou pelo menos, se não a há, que a totalidade se comporta tal como se a tivesse.

É então que ele também pode perguntar, se a Educação é parte da natureza,

**O que a
Educação
significa
em tudo
isto?**

Em outras palavras, ele não quer saber uma ou outra teoria sobre Educação, não quer saber um ou outro detalhe sobre a Educação, ele quer saber a resposta final sobre a Educação, porque, conforme dissemos, no mínimo a natureza se comporta como se ela tivesse uma verdade última, e o homem quer saber qual é esta verdade.

Pode-se entrever, então, como uma coisa à primeira vista tão banal como a contemplação da natureza é capaz de nos levar a perceber que temos o legítimo direito de pretender, em Educação, não apenas uma resposta, mas

**"A
Resposta".**

Só o homem capaz de contemplar a natureza neste nível é capaz de perceber a legitimidade de uma pretensão como esta em

matéria de Educação. Outro homem ficará rapidamente satisfeito com qualquer resposta, ou mesmo com nenhuma resposta. Este homem será como alguém que veio ao mundo, andou em círculos, não entendeu nada do que se passava à sua volta, e morreu. Houve nele alguma coisa muito importante que deveria ter surgido e não surgiu, alguma coisa que deveria ter nascido e que não nasceu. Filosoficamente falando, houve aí um aborto.





Capítulo 16

Colocadas as coisas deste modo, devemos agora considerar uma objeção a toda esta argumentação, objeção esta que seria de se esperar principalmente do homem moderno.

Concordamos, dirá o homem moderno típico, concordamos que a Educação é de fato uma instituição da natureza. Os filósofos têm razão. O homem quando nasce não pode viver sozinho, precisa de acompanhamento e da tutela dos pais antes de poder viver a própria vida.

Mas não há nada de extraordinário nisso.

Outros animais também dão este acompanhamento aos seus filhotes, embora em menos anos ou mesmo apenas em alguns meses, tais como os gatos, os cachorros e os leões. Nestes casos este acompanhamento pouco se parece com aquilo que costumamos entender pelo nome de educação no seu sentido mais pleno. Estes animais amamentam seus filhotes durante algum tempo e desenvolvem, inclusive, um trabalho de ambientação dos filhotes ao mundo que está à sua volta antes de os deixarem livres para viverem suas próprias vidas. No entanto, não há nada de extraordinário nisso. Trata-se apenas um instinto biológico de sobrevivência. Não se pode dizer que se trate de educação em seu verdadeiro e pleno sentido, trata-se de algo que não ultrapassa os limites dos instintos animais. Certamente, dirá o homem moderno, quando a humanidade surgiu pela primeira vez na natureza, provavelmente ela não terá feito, em matéria de educação, também muito mais do que isto pelos seus filhotes. Se aceitamos estas hipóteses, deveremos então dizer que a educação que veio mais tarde não é uma instituição da natureza, mas uma elaboração posterior do homem, um artifício, uma invenção humana.

Os filósofos gregos, se estivessem visos, deveriam saber que os homens modernos foram acostumados a pensar que quando a humanidade surgiu sobre a terra sua situação não era melhor do que a dos macacos em geral. Assim como os macacos viviam nas árvores, assim também homens modernos pensam que os primeiros homens viviam nas cavernas. O homem

moderno imagina que os primeiros homens, quando nasciam, viviam com os pais apenas para aprender a sobreviver. A educação daquela época, portanto, não poderia ser mais do que a luta elementar pela sobrevivência. Se existe uma educação instituída pela natureza, dirá o homem moderno, parece evidente que ela somente poderia se estender até aí. Todo o resto do que conhecemos hoje como educação é uma invenção posterior do homem.

Sendo assim, continuaria o homem moderno, a teoria que foi apresentada pelos filósofos gregos deve ser atribuída a um exagero por parte deles. Neste sentido não há, para a mente do homem de hoje, nem pode haver, nenhuma mensagem especial objetiva na educação. Dentro do ponto de vista da natureza, a educação não pode ultrapassar os limites do instinto elementar pela sobrevivência.





Capítulo 17

Ouvimos assim a opinião do homem moderno típico a este respeito. O homem de hoje não pode concordar, do ponto de vista objetivo, com o elevado conceito que os filósofos gregos possuíam a respeito da Educação. O conceito dos filósofos gregos pode ser muito bonito, mas examinado pela avançada mente do homem moderno não passa de romantismo. Se é para fazer poesia, concordamos, dirá o homem moderno. Consideradas, porém, as coisas objetivamente, o homem era um macaco que vivia nas cavernas. A educação é invenção do homem, não uma instituição da natureza e, se o homem moderno for coerente com as suas premissas, outra não pode ser a sua verdadeira opinião a este respeito.

Deveríamos agora perguntar aos antigos filósofos o que eles responderiam ao homem de hoje se pudessem estar hoje conosco ouvindo idéias tão avançadas.

Embora, ao que saibamos, nenhum dos antigos filósofos tivesse respondido a questões como estas colocadas de um modo tão explícito, podemos no entanto, conhecendo o conjunto das suas obras, reconstituir uma provável resposta que eles dariam.

Os antigos filósofos gregos, se aqui hoje estivessem, diriam que os argumentos do homem moderno são convincentes apenas aparentemente. Se nos dias de hoje eles parecem evidentes para muitas pessoas, isto se deve não à própria força dos argumentos, mas ao fato de que as pessoas de hoje não estão habituadas ao exercício da contemplação característico dos filósofos da antigüidade.

As pessoas capazes de julgar como evidentes argumentos como os que foram anteriormente expostos não estão se baseando, ao dizerem tais coisas, em uma observação filosófica da natureza. Elas estarão se baseando, provavelmente, isto sim, em algum filme que viram sobre a vida do homem das cavernas onde o ser humano aparece levando uma vida animal tal como a de um macaco.

Mas de onde surgiu esta concepção moderna a respeito do

homem das cavernas?

Surgiu devido ao fato de terem sido encontrados em certo número de cavernas esqueletos ou restos de esqueletos que, submetidos ao teste do Carbono 14, mostrou-se datarem de uma época anterior às épocas das quais nos restaram registros históricos. Trata-se, ademais, de um número bastante limitado de esqueletos. Além do fato de terem sido encontrados em cavernas, há indícios de que estes homens caçavam e que alguns deles enterravam seus mortos de um modo que sugere a crença em uma outra vida. Mais do que isso quase nada se sabe sobre eles. Foi baseado neste número tão pequeno de dados que se supôs, para que tivesse sido realizado aquele filme, que toda a humanidade daquela época vivia como animais. Destes filmes e de outros meios de divulgação surgiu a imagem que as pessoas têm do homem tal como ele teria sido concebido pela natureza. Desta imagem, por sua vez, é que as pessoas deduzem como seria a educação enquanto instituição da natureza.

Porém, e isto é importante de se notar, os dados sobre os quais estas pessoas estão se baseando não provém da contemplação da natureza, mas da contemplação de um filme. A resposta que elas deduzem é tão estreita quanto a relação que existe entre a estrutura deste filme e a da natureza em seu conjunto.

Por outro lado, porém, é evidente que estas conclusões estão em contradição com as que a observação da natureza nos oferece.

Se alguma vez um homem viveu em uma caverna levando uma vida animalésca tal como aquela que apareceu naquele filme, este modo de vida não pôde ter sido um fenômeno que fosse uma instituição da natureza. É evidente que a vida do homem das cavernas, tal como a que nos é mostrada ou sugerida por estes filmes e documentários, se ela chegou mesmo a ocorrer, é, filosoficamente falando, não um fenômeno da natureza, mas um fenômeno contra a natureza.

Podemos perceber isto, primeiro, vendo que a inteligência, tal como a que temos hoje e tal como se supõe que muitos destes homens das cavernas deviam ter tido, é ela própria, em primeiro

lugar, uma instituição da natureza.

Ademais, é evidente também que, ao contrário de todos os outros animais, a inteligência humana está muito além do que é necessário para a simples sobrevivência. Este não é o caso, porém, que ocorre com qualquer outro animal. Todos os demais animais têm apenas as capacidades necessárias para a sobrevivência compatíveis com a sua espécie. O único animal que tem uma inteligência capaz de muito mais do que a simples sobrevivência é o ser humano. E esta inteligência, assim considerada, é parte da natureza.

Acrescenta-se a isto que em todas as obras da natureza percebemos uma finalidade inteligente, ou pelo menos, uma estrutura que se apresenta tal como se assim o fosse. Nada na natureza está em vão. Este é um fato que pode ser constatado não só pelos filósofos, como também por qualquer cientista.

Ora, não parece ser muito razoável supor que a única exceção a esta regra seja justamente a inteligência humana, que é justamente a maior de todas as obras existentes na natureza. Não seria de se supor que depois de todos os componentes de todos os demais seres vivos, sem exceção, não terem sido feitos senão dotados de objetivos específicos, repentinamente houvesse na natureza uma inexplicável lacuna justamente para o mais importante de todos.

Parece, pois, que temos que admitir que é altamente improvável que a inteligência humana tenha surgido na natureza apenas para uma simples sobrevivência animal. Se tivesse sido este o caso, teria sido suficiente muitíssimo menos do que a inteligência humana ou então teremos que admitir que na natureza, abandonando-se subitamente sem aparente motivo seu modo característico de operar, produziu-se alguma coisa que, em sua maior parte, é destituída de qualquer finalidade.

É evidente também que a inteligência humana, esta instituição existente na natureza, necessita do convívio social para poder se desenvolver. O homem que, ao ter nascido, tivesse sido abandonado ao relento em alguma floresta, se conseguisse sobreviver, não desenvolveria, possivelmente, suas qualidades verdadeiramente humanas. Conforme a citação anterior de

Aristóteles:

***"É evidente
que o
homem é
naturalmente
um animal
destinado a
viver em
sociedade,
e que
aquele que,
por instinto,
deixa de
fazer parte
da
sociedade,
é um ser vil
ou superior
ao homem".***

Este é um motivo pelo qual a sociedade humana faz parte das coisas da natureza e não é uma invenção arbitrária dos homens. É dentro de um contexto social que a inteligência humana naturalmente se desenvolve. E este contexto social em que o homem desenvolve suas qualidades humanas e sua inteligência é também o contexto em que se desenvolve a educação do homem como instituição da natureza. Se a finalidade da inteligência, tal como ela existe na natureza, não pode ser a simples sobrevivência, a finalidade da educação enquanto instituição da natureza também não pode ser a simples sobrevivência. Podemos concluir citando novamente uma outra passagem do livro de Política de Aristóteles. Diz Aristóteles que:

**"Não é
somente
para
sobreviver,
mas para
viver feliz,
que se
estabeleceu
a
sociedade.**

**E viver
feliz é,
segundo o
nosso
modo de
pensar, o
que a
observação
dos fatos
facilmente
demonstra,
saber
moderar-se
na
aquisição
dos bens
exteriores
e cultivar
até à
excelência
a pureza
dos
costumes e
a força da
inteligência.**

**É preciso,
pois,
concluir
que não
apenas a
vida em**

***comum,
mas a
virtude e a
inteligência
são a
finalidade
da
sociedade
política".***





Capítulo 18

Qual a relação entre estas considerações e o que dizíamos anteriormente de Platão?

Acabamos de afirmar que a Educação é uma instituição da natureza. Ora, se isto é assim, isto é, se a Educação é uma das instituições da natureza, conclui-se que ela só poderá ser filosoficamente considerada dentro do contexto geral da contemplação da natureza. E foi exatamente isto que, conforme veremos, Platão fez.

Porém, o que já vimos é que Platão deseja que os governantes sejam homens de virtude, ou que os homens de virtude sejam aqueles que assumam o poder público. Cabe então agora a pergunta: Insere-se isto dentro da idéia que parece existir por trás da natureza? Teria previsto a natureza uma instituição não inventada pelo homem que o conduzisse naturalmente a uma vida de virtude?

Mas acontece que Platão não se limitou a exigir dos governantes uma vida de virtude. Ele exigiu também a Filosofia, como se não fosse possível ser virtuoso sem ser filósofo. Cabe então novamente outra pergunta: Se isto é verdade, será então a Filosofia uma outra instituição da natureza? E se for, qual é a relação exata que a natureza estabeleceu entre a virtude e a Filosofia? E, mais ainda, como construir um sistema educacional baseado nisto?

Conforme veremos nas notas seguintes, Platão foi mais longe que todos os seus predecessores na resposta a estas perguntas e, inteiramente fundamentado nelas, levantou as bases de um modo se entender a Educação que, desenvolvendo-se ou simplesmente reaparecendo em seus princípios ao longo da história, produziu muito mais fruto do que hoje em dia geralmente supomos ter acontecido.

São Paulo, 28 de novembro de 1989.

